

Objeto nulo no português

Observações sobre a sua problemática



Masteroppgave ved Institutt for litteratur, områdestudier og
europeiske språk/Det humanistiske fakultet

UNIVERSITETET I OSLO

[november 2016]

Objeto nulo no português

Observações sobre a sua problemática

2016

Objeto nulo no português

Observações sobre a sua problemática

Heidi Jansen

<http://www.duo.uio.no/>

Trykk: Reprosentralen, Universitetet i Oslo

Resumo

O objeto nulo é um fenómeno da língua portuguesa e doutras línguas não relacionadas com ela (como o japonês, o chinês e o quéchua), onde o objeto numa construção transitiva pode ser omitido quando o seu sentido é recuperável através do contexto. Assim, não é necessário marcar a transitividade com um pronome de objeto direto, como o fazem as línguas germânicas e as outras línguas românicas. Por outro lado, o objeto nulo era comum no latim, algo que achei um ponto de partida muito interessante.

Esta tese de mestrado sobre a língua portuguesa trata do objeto nulo do português, visto de diferentes ângulos: inquérito de frequências, leitura de textos modernos e antigos, e uso de corpos bilingues, corpos orais (transcritos), corpos históricos e gramáticas portuguesas e brasileiras, numa tentativa de descrever e chegar ao melhor quadro possível deste fenómeno gramatical e como realmente é e foi usado no português.

Aproximando-me do objeto nulo no português através de ângulos diversos, tentei chegar a um quadro mais completo desta característica. A tese contém uma parte descritiva (capítulo 2), que tenta descrever e limitar o fenómeno do objeto nulo no português, apresentando em seguida diferentes sugestões para o que pode ter contribuído para essa possibilidade em português, como única (maior) língua românica. No capítulo 3 concentro-me no ângulo histórico e tento averiguar se o objeto nulo no português moderno está relacionado com o objeto nulo no latim, ou se é mais provável ele ter aparecido num tempo mais recente, enquanto o capítulo 4 faço um resumo dos contributos mais importantes para a pesquisa no objeto nulo. O capítulo 5 apresenta os resultados em forma de tabelas e de sua descrição, o capítulo 6 consiste na interpretação dos mesmos resultados, e o capítulo 7 tenta apontar para a frente, sugerindo várias direções para a pesquisa futura. O anexo A é composto por uma lista de todos os exemplos de objeto nulo que encontrei no trabalho com esta tese. Como todos vêm de textos autênticos produzidos em países lusófonos, espero que este pequeno “corpo” possa ser útil para quem estiver interessado em pesquisar sobre o mesmo tema. Incluo também uma lista dos ONs já conhecidos, dos artigos e dissertações que li (Anexo B), uma lista das figuras e tabelas usadas, e também as procuras que utilizei para esta tese.

Um dos resultados mais interessantes deste trabalho foi a descoberta de alguns tipos de oração onde o uso de objeto nulo é mais frequente: orações com *se apassivante* e uma construção verbal transitiva, em que os clíticos de objeto direto de 3ª pessoa não podem ser usados, e as orações infinitivas iniciadas pela preposição *para*. A frequência de objeto nulo por oração é mais alta nos corpos orais transcritos, nos textos informais e nos textos brasileiros, e significativamente mais baixa nos textos escritos e formais. Considero também como resultado importante desta tese a coleção de casos com objeto nulo (no anexo A), assim como os métodos de procura que tive de encontrar por conta própria para poder procurar nos corpos coisas que realmente não existem.

Sammendrag

Nullobjekt er et fenomen i portugisisk og i en del ubeslektede språk (som japansk, kinesisk og quechua), der objektet i en transitiv verbkonstruksjon kan utelates når meningen går fram av sammenhengen. Det er med andre ord ikke nødvendig å markere transitiviteten med et objektspronomen, som det gjøres i bl.a. de germanske og de andre romanske språkene. Derimot var nullobjekt utbredt i latin, noe jeg synes var et spennende utgangspunkt for mer forskning.

Denne masteroppgaven i portugisisk språk tar for seg nullobjekt i portugisisk sett fra mange forskjellige vinkler: frekvensundersøkelse, nærlesing av moderne og eldre tekster, tospråklig oversettelseskorpus, muntlige (transkriberte) korpus, historiske korpus og portugisiske og brasilianske grammatikkbøker, i et forsøk på å beskrive og få best mulig oversikt over dette grammatikalske fenomenet og hvordan det faktisk brukes og ble brukt i praksis i portugisisk.

Ved å nærme meg portugisisk nullobjekt fra mange ulike synsvinkler, har jeg forsøkt å få et bredere og mer helhetlig bilde av dette særtrekket. Oppgaven inneholder en deskriptiv del (kapittel 2), som forsøker å beskrive og avgrense fenomenet nullobjekt i portugisisk, og så komme med ulike forslag til hva som kan ha bidratt til at portugisisk er det eneste romanske språket med mulighet for bruk av nullobjekt. Kapittel 3 konsentrerer seg om den historiske synsvinkelen, og prøver å svare på spørsmålet om nullobjekt i moderne portugisisk kan ha en sammenheng med nullobjekt i latin, eller om det er mer sannsynlig at det har oppstått i nyere tid. . I kapittel 4 gis det et sammendrag av de viktigste bidragene til forskning på nullobjekt i portugisisk. Kapittel 5 presenterer resultatene både i tabellform og som beskrivelser, mens kapittel 6 består av tolkninger av funnene, og kapittel 7 forsøker å peke framover ved å foreslå retninger for videre forskning. I tillegg/anexo A kommer ei liste bestående av samtlige eksempler på nullobjekt, alle fra reelle tekster fra portugisisktalende land, som jeg fant under arbeidet med oppgaven. Jeg håper dette lille «korpuset» kan komme til nytte for andre som er interesserte i å forske på det samme temaet.

Det mest interessante funnet jeg gjorde, var to setningstyper der nullobjekt viste seg å forekomme hyppigere enn ellers, nemlig upersonlig *se* («man») med transitiv verbkonstruksjon, der klitiske direkte objektspronomen ikke lar seg bruke i portugisisk; og preposisjonen *para* etterfulgt av personlig infinitiv. Moderne korpus viste også at nullobjekt er mer utbredt i enkelte sjangre enn i andre: Frekvensen av nullobjekt pr. leddsetning er høyest i transkriberte muntlige korpus, uformelle tekster og tekster fra Brasil, og betydelig lavere i skriftlige og formelle tekster. En stor del av resultatet utgjør også den vedlagte samlingen av setninger med nullobjekt som jeg oppdaget gjennom de ulike typene søk som oppgaven består av, og ikke minst, søkemetodene jeg måtte eksperimentere meg frem til for å kunne søke opp ord som strengt tatt ikke eksisterer.

Agradecimentos/comentários pessoais

*Quiero fer una prosa en román paladino
en qual suele el pueblo fablar con so vecino,
ca non so tan letrado por fer otro latino,
bien valdrá, como creo, un vaso de bon vino.*

Gonzalo de Berceo (séc. XII-XIII), *Vida de Santo Domingo de Silos*. Espasa-Calpe, Madrid, 1992.

Valeu a pena? Tudo vale a pena / Se a alma não é pequena.
Fernando Pessoa, *Mensagem*

Quero agradecer às seguintes pessoas:

À minha mãe e ao Lars, por cozinhar, tricotar e fornecer-me com chocolate e café

As minhas duas orientadoras, a Birte e a Diana, generosas e muy pacientes, sem as quais eu nunca teria podido terminar a tese

Kristine G. Eide, pelas explicações e inspiração, e por ter respondido a muitas perguntas, na maioria tolas.

Charlotte Galves, pela ajuda com o corpo Tycho Brahe.

Albertina Cartaxo e Joel Oliveira, pela ajuda com o português.

Bertine, pelo seu melodioso ronronar e a sua pelagem macia.

Aslak.

Fernando Pessoa, Bernardo Soares e Álvaro de Campos, por me terem dado vontade de aprender português.

Abreviaturas e convenções

CLUL – Centro de Linguística da Universidade de Lisboa

OD – Objeto direto

OI – Objeto indireto

ON – Objeto nulo

PB – Português do Brasil

PP – Português de Portugal

SN – Sintagma nominal

SV – Sintagma verbal

Escolhas/convenções de formato:

Os meus exemplos não têm identificação de fonte.

Os exemplos autênticos são marcados com a fonte (por ex. o corpo).

Além disso, os exemplos autênticos são identificados com o seu número na lista no Anexo A no fim desta tese.

Exemplos de outros autores são identificados desta maneira: Exemplo X de Raposo (1986).

O lugar onde “deveria” estar o objeto na frase é grafado com o carácter de sublinhado (). Esta localização (inspirada por Sonia Cyrino) faz parte da minha análise.

Conteúdo

Objeto nulo no português	i
Resumo.....	v
Sammendrag.....	vi
Agradecimentos/comentários pessoais.....	vii
Abreviaturas e convenções.....	viii
Conteúdo	ix
Introdução.....	1
1.1 Porquê escrever sobre objetos nulos no português	1
2 Delimitação e definição do objeto nulo.....	3
2.1.1 O que é o objeto nulo	3
2.1.2 O que não é (outros casos de verbos transitivos sem objeto).....	6
2.1.3 Problemas com a definição	12
2.1.4 Sobre as dificuldades de procurar ONs em corpos	13
2.1.5 Possíveis razões ou influências para o ON existir em português (e não nas outras línguas românicas):	14
3 Vista diacrónica.....	19
3.1.1 O objeto nulo na história	19
3.1.2 O português antigo, médio e clássico.....	20
3.1.3 O objeto nulo no português antigo, médio e clássico.....	22
3.1.4 O desenvolvimento do clítico do objeto direto	27
3.1.5 O desaparecimento do clítico no Brasil.....	29
3.1.6 A resposta eco	31
4 Pesquisa anterior	32
4.1.1 O início.....	32
4.1.2 Eduardo Raposo	33
4.1.3 Sonia Cyrino.....	33
4.1.4 Maria E. L. Duarte.....	36
4.1.5 Jairo M. Nunes	36
4.1.6 Silvia Luraghi.....	37
4.1.7 Gramáticas.....	40
5 Métodos.....	42

5.1	Sobre o método utilizado.....	42
5.1.1	Pontos fracos	43
5.2	Corpos utilizados - e não utilizados.....	46
5.2.1	A escolha dos corpos.....	46
5.2.1	Apresentação dos corpos: Corpos contemporâneos	50
5.2.2	Apresentação dos corpos: Parte histórica.....	52
5.3	Processo seguido.....	55
5.3.1	Corpos contemporâneos	55
5.3.2	Material histórico	56
6	Resultados	59
6.1.1	Resultados por cada fonte	59
6.1.2	Diferenças em estatísticas	64
6.1.3	Sobre o tipo de frase e contexto sintático.....	71
6.2	Interpretação dos resultados	76
7	Conclusões e trabalho futuro.....	78
	Bibliografia.....	82
	Anexo A Lista de objetos nulos encontrados nos corpos	91
	Anexo B Frases com ONs conhecidos anteriormente	112
	Anexo C Lista de figuras/tabelas	117
	Anexo D Procuras utilizadas nos corpos.....	118
	Anexo E Verbos encontrados no corpo do ISWOC	120

Introdução

1.1 Porquê escrever sobre objetos nulos no português

O termo «objeto nulo» (ON) descreve, dito de uma forma simples, os casos em que o objeto duma frase, seja este um pronome, um substantivo/sintagma nominal ou uma oração, não é mencionado, ou seja (fonética ou graficamente) realizado na frase onde normalmente é mencionado: junto ao “seu” verbo transitivo. Este fenómeno gramatical não existe nas outras línguas românicas, nem nas germânicas (com algumas poucas excepções que vou mencionar mais tarde), mas ocorre em vários outros idiomas, especialmente entre os asiáticos.

No português do Brasil (PB), o fenómeno do objeto nulo - embora exista em ambas as variantes - é hoje mais abrangente do que no português de Portugal (PP). Segundo a pesquisa de Sonia Cyrino, entre outros, o objeto nulo tem aumentado cada vez mais no PB, já desde o século XVIII (onde ela começa a sua pesquisa) até hoje, o que, ainda segundo ela, pode estar relacionado com a perda dos pronomes clíticos e com a mudança na sua posição que aconteceu no mesmo período no PB.

Um detalhe muito interessante é que o ON tinha uma boa vida no latim: poderá ter sobrevivido na costa atlântica da Península Ibérica desde a antiguidade até aos nossos dias?

Com o fim do Estado Novo em 1974, os portugueses passaram a ter uma grande oferta de telenovelas brasileiras, o que teve uma certa influência também na língua, com brasileirismos aparecendo em toda a parte. Assim, como outra alternativa, o objeto nulo no PP pode ser nada mais nada menos que uma importação do Brasil? Ou esteve lá quase desde que Viriato perdeu a guerra contra os romanos (quer dizer: quando o latim se tornou a língua comum no que hoje é Portugal)? Seria possível encontrar ONs no português antigo, antes da descoberta do Brasil? Segundo um conhecido livro sobre as línguas românicas, (Harris et.alii 1988, pag. 59) não existe qualquer correlação entre o objeto nulo do latim e o do português moderno, apesar das línguas serem (como se sabe) fortemente relacionadas. Mas os autores nunca justificam a afirmação de que “[...] *the pattern is clearly an innovation and not a retention from Latin*” (ibid.)

É difícil para qualquer pessoa que não tenha o português como língua materna aprender o uso gramaticalmente correto de objetos nulos. Como o uso do ON é sempre facultativo, e não recebe tradicionalmente muita atenção nos livros de gramática, o lugar que ocupa no ensino de português como língua estrangeira é minúsculo. Quando compreendi que não era um erro gramatical qualquer, mas um fenómeno gramatical constante, fiquei fascinada. Descobri também que há pouca pesquisa sobre o ON, e a que existe é muitas vezes descritiva, sincrónica e/ou tratando somente o PB.

2 Delimitação e definição do objeto nulo

Começando a ler textos em português, admirei-me ao notar esta maneira estranha e particular de algumas vezes tratar os verbos – deixando-os sozinhos, por assim dizer. Com experiência doutras línguas românicas, senti que faltava algo nestas frases, e por esta razão considerei, ao princípio, o objeto nulo (daqui em diante chamado ON) como um erro, exatamente como muitas particularidades do português brasileiro (PB) ainda são vistas. Quando descobri que o latim clássico também incluía o mesmo fenómeno, isso despertou a minha curiosidade (que tem sempre um sono muito leve) e quis descobrir se haveria alguma conexão. Além disso, há bastante pesquisa sobre a posição do pronome átono (clítico), mas menos sobre o objeto nulo, e a maioria desta é sincrónica e descrevendo e tratando apenas o português brasileiro.

O objeto nulo (ON) pode ser difícil de definir: quais são os critérios para poder dizer que estamos em presença dum ON, e não, por exemplo, duma elipse, dum sintagma verbal (SV), duma construção de tópico, ou de focalização, de deslocação, de resposta eco, duma expressão fixa ou dum verbo transitivo usado intransitivamente? Vou tentar, primeiro, dizer o que é (a meu ver) um ON, segundo, delimitá-lo em contraste com alguns fenómenos que não são ON, e, terceiro, dar algumas ideias e opiniões relativamente a várias influências possíveis ao longo da história da língua portuguesa.

2.1.1 O que é o objeto nulo

O objeto nulo (ON) é um fenómeno sintático do português, e também de várias outras línguas não relacionadas, como o chinês, o coreano, o japonês, o tailandês, o turco, o húngaro, o basco, e o quíchua (veja-se Cyrino 1997, pag.33 e Luraghi 2004, pag. 250 e 251), que designa vários tipos de omissão do objeto duma frase. Com línguas tão diversas, não surpreende que o fenómeno seja difícil de definir e de delimitar, e que uma definição de ON não possa ser uniformemente estabelecida para todas estas línguas.

No âmbito do português, o fenómeno consiste em que o objeto direto (OD) – pode ser tanto o pronominal como o sentencial¹ – dum verbo transitivo, desaparece da oração em questão. Quando o ON é empregado, fica assim um “buraco” na frase, nos ouvidos e olhos de falantes de línguas germânicas² e também de outras línguas românicas³; já que o normal nestas línguas é marcar a transitividade com um pronome, quando não há outro objeto direto na frase, e deixar de fazer isso é normalmente considerado agramatical. Por exemplo, as duas frases seguintes foram apresentadas a vários falantes nativos das várias línguas românicas, na própria língua de cada um: “Aos 19 anos ganhei a chave de casa. Eu contei _ para todo mundo.” Todos queriam encher o espaço vazio com um pronome clítico da respetiva língua, exceto os falantes nativos do português brasileiro (PB). Este é um exemplo do chamado ON sentencial, também chamado na gramática da Fundação Gulbenkian “elipse do complemento oracional” (Raposo et. alii 2013, pag. 2342).

O ON não se limita a alguns verbos específicos. Pelo contrário, pode ser usado com todos os verbos transitivos na língua, já que não é o verbo que possibilita o uso dele, mas o contexto (veja-se o parágrafo sobre elipse no capítulo 2.1.2).

No português não é obrigatório usar o ON, mas é um fenómeno comum, especialmente no português do Brasil (PB), e ainda mais no seu registo informal, ou, como é chamado na gramática de Castilho (2012, pag. 206-209), no Português Brasileiro Popular. O ON existe também no português de Portugal (PP), embora não tenha a mesma difusão e não possa ser usado em todos os casos onde é usado hoje no Brasil, de acordo com Cyrino (1997, pag. 139).

De facto, como veremos no cap. 4.1.2, segundo Cyrino e outros, o ON, é raramente empregado quando o seu antecedente é um ser animado: neste caso o falante/escritor tem tendência a preferir ou o clítico (no registo correto/formal) ou, no PB, um dos pronomes tónicos *ele/ela/eles/elas* (para o clítico cujo antecedente é um SN – sintagma nominal – específico), que são porém estigmatizados se usados nesta função, ou o demonstrativo *isso/aquilo* (para o clítico cujo antecedente é sentencial), ou a repetição do SN em questão

¹ Com efeito, no português pode ser omitido na mesma maneira também o objeto indireto ou outros complementos do verbo (veja-se Raposo et. alii, pag. 2347-2348), mas o termo “objeto nulo” costuma referir-se ao objeto direto, e nesta tese vou referir-me só a objetos diretos nulos.

² ON, ou algo parecido a ON (como uma elipse sentencial), existe nas línguas germânicas em certos casos restritos e com certos verbos, como *I know/Jeg vet/Jag vet, I see/Jeg skjønner* etc. ou no inglês, a resposta afirmativa com o verbo “to do”: *He does!*

³ Existe a possibilidade de um certo tipo de ON no espanhol, quando o objeto é indefinido: *¿Tienes dinero? No, no tengo.* Cyrino menciona também um caso de ON no italiano, mas na minha opinião este é muito duvidoso.

(para o clítico cujo antecedente não é específico/referencial) (Cyrino 1997, pag. 187). É também possível ver o uso do pronome dativo da terceira pessoa *lhe* ou *lhes* como uma maneira de evitar o uso do clítico acusativo, mas esta opção é tão estigmatizada como o uso dos pronomes tónicos.

Verbos copulativos

Os verbos copulativos ou *verbos de ligação* são um último grupo que preciso de mencionar, um grupo especial de verbos que não podem ter objetos: têm predicativos. Tais verbos chamam-se predicativos porque não indicam uma ação, mas têm o papel de ligar o sujeito com uma característica sua, tipicamente um adjetivo, por isto o nome verbos de ligação. Os verbos de ligação mais comuns no português são: *ser*, *estar*, *tornar*, *permanecer*, *ficar*, *continuar*, *parecer* e *asemelhar-se*. De rigor, estes não podem ser acompanhados de ON, já que, como disse, não podem ter objeto. Mesmo assim, também podem sofrer a perda do predicativo. Aqui há um exemplo do Tycho Brahe:

Pois sou_, meus senhores, sou eu o Bandarra. [g_004_s_1532] (Thomé)

Escolhi tratar o predicativo nulo junto com o ON nesta tese, porque embora sejam claramente diferentes sintaticamente, creio que para o falante médio, parecem iguais, com um sujeito, um verbo e um (possível) objeto, e enfim é o falante médio que controla o desenvolvimento da língua. Não sou a única pessoa a fazer esta escolha: note-se que Cyrino também considera uma frase com o verbo *ser* no seu exemplo 38^a (1997, pag. 141),

João é parecido com seu pai, e Pedro também o é. (ex. 38^a de Cyrino)

e considera a elipse predicativa igual à elipse sentencial (ibid., pag. 153). Além disso, em Cyrino (1997), ela utiliza “elipse predicativa” como uma categoria na sua procura sobre a mudança crónica no capítulo 6, considerando-a como parte da imagem ou do quadro que é o ON.

O verbo *saber*

O verbo *saber* é um caso especial. De facto, como mencionado acima, os correspondentes nas línguas não-ON, como várias línguas germânicas (pelo menos no estilo informal) mostram também indicações de ON. Assim, como o seu estatuto não parece claro, escolhi retirar este verbo da minha lista de frases com ON no Anexo A.

2.1.2 O que não é (outros casos de verbos transitivos sem objeto)

Verbos intransitivos

Verbos intransitivos são aqueles verbos que não aceitam, ou não precisam de, um objeto direto, por causa do seu conteúdo semântico. Um grupo importante de verbos intransitivos no português são os verbos de movimento, como *ir*, *andar*, *vir*, *correr* ou *chegar*. Outro é os verbos de existência: *nascer*, *morrer*, *existir*, *aparecer*, *desaparecer*, ou os verbos de mudança de estado, como *desmaiar* e *cair*, verbos meteorológicos, como *chover* e *nevar* e verbos que descrevem fenômenos do corpo: *soluçar*, *rir*, *estremecer*. Quando o verbo mesmo não aceita um objeto, não podemos dizer que temos um exemplo de ON, já que o contrário (objeto pleno? objeto forçado?) não seria possível.

Além disso, os verbos transitivos (os verbos que geralmente precisam de ter um objeto direto para a frase ser gramatical) podem ser usados intransitivamente: isto não é possível com todos os verbos, mas um exemplo típico são os verbos de aspeto durativo com um sujeito agentivo, como *comer*, *beber*, *cantar*, *fumar* e *ler*: é igualmente possível usá-los sem objeto direto, quando são vistos como uma atividade ou um processo (veja-se a diferença entre *está a comer peixe* e *está a comer*: ambas as frases são gramaticais, mas enquanto a primeira descreve uma situação concreta, a segunda descreve um processo). Verbos deste tipo são chamados ambitransitivos (Ježek, 2005, pag.108), e existem em muitas línguas europeias, também nas germânicas. Há também verbos ambitransitivos que mudam parcialmente o seu sentido na ausência dum objeto direto, como *crer* (sem objeto = crer em deus), ou em certos contextos *beber* (sem objeto = beber bebidas alcoólicas). Assim, quando estes verbos são usados sem objeto, o que temos não é um ON, mas sim um verbo intransitivo (que é homónimo com o transitivo). A diferença entre um ON e um verbo transitivo usado intransitivamente, é que o antecedente do ON ou é mencionado, ou seja, introduzido anteriormente no texto, normalmente numa das frases/orações imediatamente anteriores, ou está no contexto imediato (físico). Além disso, como mencionado anteriormente, só certos verbos transitivos permitem este uso intransitivo, e a serem usados sem objeto, o sentido da frase muda, tornando-se geral, a descrever a atividade em si mesmo:

Ela não lê (= nunca faz a atividade de ler)

Ela não lê Paulo Coelho (= não gosta de tal escritor)

Variações de valência entre variantes

O mais comum é um verbo ter várias valências, conforme o sentido e o uso.

Outra coisa é que as valências podem variar bastante, não só ao longo do tempo, mas também entre as variantes da língua. Pense-se só na diferença no uso do verbo *falar* entre o PP e o PB: no PP este verbo não aceita orações subordinadas, enquanto no PB é um verbo proposicional utilizado na mesma maneira do verbo proposicional *dizer*, e assim as aceita sem qualquer problema (*Ele falou que ninguém estava presente*); ou o verbo *chamar*, no sentido de dar nome, que normalmente requer objeto indireto (*chamar-lhe*) no PP, e é transitivo, ou seja, requer objeto direto (*chamá-lo*) no PB⁴.

Há também um grupo de verbos que são reflexivos no PP, mas não no PB, como *sentar(-se)*, *esquecer(-se)*, *deitar(-se)* e seguramente outros, que podem ser chamado (do ponto de vista do PP) “reflexos nulos”. Encontrei alguns exemplos disso, como este do PANTERA em PB, mas não os inclui entre os ONs nos meus resultados

Pra mim, foi só o tempo de () sentar, balançar o bote um minuto e rumar pro quarto.
(DomPel11)

Objetos preposicionais

Outra coisa que merece ser mencionada é o chamado objeto preposicional (o objeto de *lembrar de*, *gostar de*, *falar sobre*, etc.) em que, embora os verbos requeiram uma preposição vazia de qualquer conteúdo semântico antes do objeto, são muitas vezes contados como transitivos em português.

Como a decisão da transitividade ou não dos verbos se tornou uma parte bastante importante desta tese, optei por usar um dicionário de regências para decidir e definir a transitividade ou valência dos verbos: o Dicionário prático de regência verbal, de C. P. Luft (Luft, 1987).

Assim obtive uma referência mais objetiva do meu próprio “sentimento linguístico” (de uma língua não materna). Teria também sido possível usar corpos para investigar se certos verbos aparecem (na maioria dos casos) com OD ou não, mas o método que escolhi é um método menos trabalhoso.

⁴ “As formas com *lhe* dão à fala um tom lusitano. Genuinamente brasileiras são as formas com *o*, *a*” (Luft 1987, pag. 115, apud Nascentes, O linguajar carioca, 1953, pag. 168. 2.edição, Simões)

Para a parte histórica, tive uma grande ajuda da página do CIPM, Corpus Informatizado do Português Medieval, sobre verbos⁵. Embora a transitividade verbal no português antigo possa ter contido mais variação e ser mais difícil de definir, segui as valências dadas nesta página.

Elipse

A elipse tem sido um tema em várias áreas da linguística. Segundo Raposo et al., (2012, pag. 2351) a elipse é uma “omissão fonética de material linguístico que, no entanto, é recuperado semanticamente pelo ouvinte/leitor.” Isto acontece porque esta parte da frase é tecnicamente supérflua, ou porque já foi mencionada ou porque está subentendida. Nas palavras da gramática de Eduardo Raposo et. al.: “omissão fonética de material linguístico que, no entanto, é recuperado semanticamente pelo ouvinte/leitor.” (2013, pag. 2351). A elipse pode ser dum verbo (também chamada de *lacuna* ou de *gapping*), dum advérbio, dum pronome, dum substantivo, duma frase verbal inteira ou duma oração subordinada.

“O Pedro viu a Maria e a Ana também viu [a Maria].” (elipse parcial do predicado, Raposo et al., pag. 2340)

“-Vais à praia? –Não creio [que vá à praia].” (elipse do complemento oracional, ibid.)

“Eu levo a tua, e tu [levas] a minha.” (elipse verbal)

“Temos de comprar lápis novos, porque os velhos [lápiz] já estão gastos.” (elipse nominal, Raposo et al., pag. 2379)

“Ele perguntou se alguém tinha lido o jornal, mas ninguém tinha [lido o jornal].” (elipse de sintagma verbal/SV, Raposo et. al. 2013, p. 2352)

“Todos os sábados a Rita compra [o Expresso], e nós lemos, o Expresso.” (elipse regressiva, Raposo et. al, pag. 2374)

“Eles faltaram à reunião, mas às aulas não [faltaram].” (elipse de oração, Raposo et. al., pag. 2369)

Há especialmente dois tipos de elipse que podem ser confundidos com o ON: A elipse parcial do predicado (chamado por Cyrino *elipse de VP*), e a elipse do complemento oracional

⁵ <http://cipm.fcsh.unl.pt/verbos/indiceverbos.jsp>

(Raposo et.alii 2013, p. 2340-2343) (chamado por Cyrino “elipse sentencial”). Na realidade, o ON tem sido analisado, tanto por Huang (1984) como por Kato (1991), como um tipo de elipse de VP (sintagma verbal) (apud Cyrino 1997, pag. 42-43). Segundo Cyrino (1997, cap. 3 e 5, pag. 61), porém, esta elipse é um processo que facilmente se confunde com o ON. Na sua dissertação de doutoramento, ela relata a definição de Matos (1992) de elipse de VP para o português, cujos critérios são:

- a) “a presença de advérbios de denotação predicativa, como *também*, *também não*, *sim*, *não* [...] cuja função é “explicitar a relação de denotação idêntica” e “permitir o confronto entre duas predicções distintas, mas de conteúdo parcialmente idêntico” (ambos apud Cyrino 1997, pag. 5.4.1).
- b) em português, o sintagma verbal nulo deve ser legitimado por um V [...] ou por um auxiliar, devendo haver um paralelismo estrutural entre a sequência antecedente e a elíptica.” (Cyrino 1997, pag. 135-136). Por outras palavras, numa elipse de VP temos duas orações que têm em comum o mesmo verbo principal (conjugado), o último acompanhado dum advérbio “licenciador” que compara as duas orações, e sem um objeto direto. No próximo exemplo vemos duas orações com o mesmo verbo principal, *ter*, e com o advérbio licenciador *também*:

O João tinha lido esses livros ao filho, e Maria também tinha. (Ex. 27(a) de Cyrino (1997), pag. 136)

Além disso, a elipse verbal pode muito bem ser usada nas frases relativas:

O João compreendeu a situação antes que todos os outros () tivessem compreendido. (Ex. 132^a em Matos, 28 em Cyrino, pag. 136)

enquanto o ON, segundo Matos, não pode. Na elipse verbal, o antecedente duma elipse de SN não pode ser recuperado do contexto físico, fora do texto, como pode no caso de ON (Raposo et. alii 2013, pag. 2341).

O segundo tipo de elipse, chamado por Cyrino “elipse sentencial”, e por Duarte e Costa na gramática de Raposo et al. “elipse do complemento oracional”, descreve a anulação do complemento de um dos vários verbos (verbos de reestruturação e de controle obrigatório) que permitem o clítico sentencial/neutro *o*, como *querer*, *acreditar*, *concordar*, *conseguir*, *tentar* e *saber* (Cyrino 1997, pag. 61, 130 e 137-138). O que falta não é então só o objeto, mas toda uma oração (como estes verbos pedem):

Assim deve ser por força, ainda que não queira [que assim deva ser] (Cyrino 1997, pag. 138, ex. 31(a)).

Esta oração pode então também ser representada pelo clítico neutro *o* e no PP muitas vezes é:

Assim deve ser por força, ainda que não o queira/ que o não queira.

Este tipo de elipse existe também nas outras línguas românicas, e em muitas outras línguas, sempre dependendo do tipo de verbo, que varia de língua para língua. Pelo contrário, o ON é possível com todos os verbos transitivos (Raposo et. alii 2013, pag. 2342-2343): se não se puder trocar o verbo por um outro sem a oração ficar agramatical, não é um ON, mas uma elipse oracional.

Há muitos outros linguistas (como Matos e Raposo apud Cyrino 1997, p. 140) que argumentam serem dois fenómenos diferentes o ON no PP e a elipse, como o ON sendo só elisão do OD do verbo e não a frase/oração inteira (Cyrino 1997, pag. 142).

Topicalização, focalização e deslocação

Topicalização ou construção de tópico, por outro lado, é o que temos quando uma parte, geralmente um sintagma, é deslocada para o início da frase.

Dele, sabe-se pouca coisa. (Martins 1994, pag. 42).

A razão da topicalização é normalmente dar mais peso ao elemento deslocado, mas assim, quando este for o objeto, a parte posterior da frase pode ter a aparência de ON.

Gelado, ele traz() cada vez.

Focalização é uma construção semelhante, onde os constituintes deslocados ocupam, porém, uma posição interna à frase:

*Dele se sabe pouca coisa.*⁶

Vários autores – Huang, Barbosa, Raposo e Duarte, entre outros (veja-se Raposo et. al. 2013, pag. 2346, Barbosa 2000, pag.57-58) – sugerem que o ON seja um tipo de topicalização sem realização lexical, onde a referência já esteja estabelecida. Escolhi, porém, ficar com o que é

⁶ ibid., notem a posição dos clíticos nos dois exemplos.

lexicalmente realizado como sendo o objeto, de modo que aqui não vou analisar estes dois fenômenos como objetos nulos.

Na minha opinião e definição, topicalização e focalização não são então ONs, mas sim outra maneira de estruturar a frase. Mesmo assim, pode haver topicalização tanto com como sem retoma do tópico, o primeiro chamado por Martins (1994, pag. 41) deslocação à esquerda clítica. Topicalização sem clítico não é possível em várias outras línguas (entre elas as outras maiores línguas românicas⁷, veja-se Barbosa 2000, pag. 56), em que é sempre preciso marcar a posição original da palavra deslocada com um pronome (veja-se a parte chamada Reduplicação no capítulo 2.1.4).

Expressões fixas

No português contemporâneo há também várias expressões fixas, como *quem sabe, logo veremos, dar a entender, não tem que ver, sei lá* etc., que claramente contêm exemplos de ON mas, ao mesmo tempo, estão agora fossilizadas na língua. Pode também ser que se “desfiaram” com o muito uso. É possível que pudessem mostrar o uso espontâneo como era no passado, mas não dizem muito sobre o uso contemporâneo dos ONs; e mais, expressões deste tipo existem em várias línguas que (fora disso) não têm ON. Fazem parte destas também os *bordões* ou marcadores conversacionais (*quer dizer, digamos que, olha, etc.*) usados sobretudo para estruturar a língua oral. Seja como for, não podem ser vistas como dando um bom levantamento sobre a frequência do ON no português, por isso vou deixar estas expressões fixas fora do meu estudo.

Resposta eco

A resposta eco é também uma característica do português atual, em que uma resposta positiva normalmente não se dá com a palavra *sim*, como nas outras línguas românicas e as germânicas, mas repetindo o verbo na forma apropriada (quando há um advérbio, é usado este):

-Compraste o livro? –Comprei.

Este era também o método usado no latim, que até nem tinha uma palavra equivalente a *sim* (que se desenvolveu mais tarde de *sic* (*assim*)).

⁷ Aqui definidas como português, espanhol, francês, italiano e romeno.

A resposta eco pode ter contribuído para o uso de ON no português (veja-se o próximo parágrafo), quando se trata de verbos transitivos, mas não a defino como tal: Na minha definição, a resposta eco é uma maneira específica de responder a perguntas, e não pode ser usada fora desses ambientes. Igualmente provável é que o ON possa ter influenciado a resposta eco: quando encontramos ambos os fenómenos em ambas as línguas (latim e port. contemporâneo), aumenta a probabilidade de se terem influenciado e reforçado em paralelo.


2.1.3 Problemas com a definição

Claramente, os objetos nulos não são uma coisa particularmente simples e homogênea, como qualquer pessoa pode verificar lendo alguns artigos científicos sobre o tema. E como mencionado no capítulo sobre pesquisa anterior, há pesquisadores e linguistas (como Huang (1984) e Kato (1991), veja-se Cyrino 1997, pag. 145-146) que o acham muito semelhante a uma elipse, especialmente à elipse sentencial, outros que consideram a elipse uma forma de ON, e várias outras variantes, isto só em relação ao fenómeno ON na língua portuguesa! (ON em outras línguas não vou tentar definir, visto que está fora do tema desta tese). Além disso, há fenómenos que podem ser considerados tanto uma como outra coisa e são difíceis de colocar numa categoria só, como a resposta eco: que existia também no latim, onde nem havia outro método de dar uma resposta afirmativa. Quando ambos, resposta eco e objeto nulo, se encontram no português e no latim, qual dos dois influenciou o outro? É igualmente provável que se possam ter influenciado mutuamente e assim, no português atual, temos ambos. Algumas vezes, a fronteira entre resposta e frase independente nem é muito nítida.

Do ponto de vista prático, ou seja, quando nos debruçamos sobre exemplos concretos, encontramos outros problemas: muitas frases têm um aspeto pouco claro, por várias razões: Algumas delas, quando contêm uma das formas clíticas *me*, *te*, *se*, *nos*, *vos*, que são idênticas no acusativo e no dativo, não deixam entender se o pronome é o objeto direto ou indireto, ou por outras palavras, se a frase contém ON e está especificado o objeto indireto, ou se o objeto direto é um dos pronomes mencionados em cima. Veja-se esta frase do CHAVE:

Ele arrancou e me trouxe. (FSP940125-086)

Sem o contexto, que aliás neste caso não é possível encontrar, não vamos nunca poder decidir a função do pronome *me* nesta frase, se o significado é “Ele trouxe a mim (para cá)” ou “Ele trouxe (alguma coisa) para mim”. Num outro exemplo, do ISWOC:

E, entre os outros destas partes,  trages a mÿ sempre ante os teus olhos pera me fazeres segundo deseja a tua maa entençom, seendo enduzido dos meus servos que tu recebiste em tua guarda. (92422)

não é claro se vemos um marcador do OD antes do pronome *mÿ*, como no espanhol moderno (*veo a él*), uma construção que também existia no português antigo, de que ficou no presente a expressão *amar a Deus*, ou se a preposição *a* indica uma relação de OI (*trazes para mim...*), o OD sendo especificado na frase anterior.

Ainda outras vezes é difícil ou impossível decidir se o uso do verbo é intransitivo ou transitivo usado intransitivamente na frase em questão.

Os significados no uso transitivo e intransitivo do verbo podem ser muito parecidos, e/ou pode ser que os dois significados fiquem bem na frase em questão, sendo, portanto, uma questão de vagueza.

Além disso, temos certos verbos cujos complementos diretos não são objetos, mas predicados: *ser, estar, permanecer, ficar, tornar-se*, etc. O predicado nulo é, no sentido prático, igual ao objeto (direto) nulo, mas gramaticalmente pode ser considerada totalmente outra coisa.

Continuando ainda: muitos verbos precisam duma preposição antes do seu objeto: *gostar*, por exemplo, que precisa sempre dum *de* neste lugar. Segundo Luft, na introdução do seu dicionário de regências (1987, pag 6) este objeto pertence à categoria dos objetos indiretos; enquanto outros mantêm que é uma categoria completamente diferente, e estes são objetos preposicionais. Isso tem também consequências para a definição do ON. Por exemplo, no caso em que um objeto preposicional pode ser considerado mais perto do objeto direto que do indireto, e uma frase como *As crianças vão gostar* (exemplo tirado do curso de PB da página internet Duolingo⁸) poderia ser considerado um exemplo de ON.

2.1.4 Sobre as dificuldades de procurar ONs em corpos

Como os ONs são, por assim dizer, casos de objetos inexistentes, (pelo menos no sentido de fonologicamente inexistentes, e como tal também graficamente inexistentes), são à partida difíceis de procurar. Como encontrar algo que não existe? O grau de dificuldade depende da anotação feita no corpo, e também pode variar se a anotação for automática ou humana. A maioria dos corpos a que recorri contém, felizmente, alguma forma de anotação, morfológica

⁸<https://www.duolingo.com/course/pt/en/Learn-Portuguese-Online>

e/ou sintática. Para mais informação sobre os problemas com este tipo de anotação, veja-se Jansen/Santos (2016).

2.1.5 Possíveis razões ou influências para o ON existir em português (e não nas outras línguas românicas):

A perda dos pronomes clíticos

Segundo Castilho (2010, pag. 301), o ON está relacionado com a perda dos pronomes clíticos no PB. É conhecido que os pronomes clíticos acusativos da 3ª pessoa no Brasil já há bastante tempo que pertencem somente à língua formal escrita, sendo aprendidos na escola e não fazendo parte da língua oral e natural do país (veja-se por exemplo Jensen/Lohse (1993), pag. 32 ou Cyrino (1997), pag. 152). Para referir o objeto direto duma frase, desenvolveram-se outras estratégias: o emprego do(s) pronome(s) tónicos: *ele, ela, eles* ou *elas*, ou o pronome dativo de 3ª pessoa, *lhe* (veja-se Oliveira, 2003) na posição de objeto direto; mas estas têm uma conotação muito popular, e segundo as normas gramaticais são incorretas. Segundo Oliveira (2003, pag. 4), o pronome de objeto indireto *lhe* também está em fase de apagamento. É possível repetir o objeto já mencionado anteriormente, mas dependente deste objeto, pode resultar numa frase muito pesada. Assim, falantes com uma certa educação querem evitar as possibilidades estigmatizadas, e também querem, em muitas situações, evitar o clítico, já que é percebido como formal. A pesquisa mostrou também que o ON é usado em todas as camadas sociais no PB moderno.

Mudança de localização no PB

Também se sabe que no Brasil a localização dos pronomes clíticos que se usam na língua corrente, isto é, os da 1ª e 2ª pessoa (*me/te/nos*), o pronome reflexivo (*se*) e o pronome dativo (*lhe/lhes*), difere da de Portugal: No PP, a regra geral é a ênclise, no PB é a próclise, o que está mais de acordo com as outras línguas românicas e também com o período do português médio (ca. 1400-1540) e clássico (ca. 1540-1700) (Castro 2008, pag. 73, definição de Lindley Cintra). Este último foi também um período de grande emigração portuguesa para o Brasil (Oliveira/Machado 1968, pag. 6) e, se houver uma conexão aqui, é necessário olhar também para uma eventual ocorrência de objetos nulos no português clássico.

Há também quem pense que o desaparecimento dos clíticos tem tudo a ver com a localização:

Para Nunes (1996), tanto a perda dos pronomes clíticos de objeto da 3ª pessoa como a próclise dos outros clíticos têm a ver com uma mudança na direção da cliticização fonológica (veja-se capítulo 4.1.6).

Línguas nativas do Brasil

Poder-se-ia pensar que estas línguas tiveram pouca influência sobre o tipo de português que se criou no país: não sobreviveram muitos índios à escravidão e às doenças levadas pelos descobridores portugueses, e em números foram sempre poucos, entre um e seis milhões em 1500, segundo A. T. Castilho (2012, pag. 442). Segundo um censo do ano 2010, os indígenas constituem só 0,42% da população brasileira, enquanto, por exemplo, pretos constituem 7,52% e pardos 43,42⁹.

Porém, numa aula dada por Sonia Cyrino, encontramos a seguinte frase muito interessante: “Languages will then vary in the spell out of the pronouns: in some languages, *if the pronoun is 3rd person and [-animate], it may be null (for example, tupi)*” (Cyrino, 2000, pag. 9, o itálico é meu). Poderia haver uma possibilidade que o substrato do tupi, a língua falada na costa, hoje brasileira, do continente no tempo da chegada dos “descobridores”, tenha sido uma das causas do alargado ON brasileiro? Talvez a influência desta língua tenha sido maior do que se crê? Um dos traços importantes do ON do PB é, pelo menos, que não pode ser usado com antecedentes animados.

Um facto talvez subcomunicado é que se falava uma língua tupi, ou tupi-guarani, em muitas famílias no Brasil até ao começo do século XVIII nos estados de São Paulo, Rio Grande do Sul, Amazonas e Pará, este segundo Coutinho (1973, pag. 322-323). Esta foi também a língua usada pelas bandeiras no sud-oeste, e só na segunda metade do século XVIII perdia o terreno para o português (Castilho, 2012, pag. 442-443). Coutinho dá uma lista comprida de vocabulários vindo do tupi, o que é bem conhecido – outro facto, porém, mencionado por ele, é: “Encontram-se também, embora mais raramente, sinais de influência tupi na nossa fraseologia [...]”. Não podemos, portanto, excluir o tupi, agora mais ou menos uma língua morta, da lista de influências possíveis.

Outra fonte de influência na língua brasileira é claramente as línguas africanas dos ca. 18 milhões de escravos que chegaram ao Brasil entre 1535 e 1855. As suas línguas eram

⁹ IBGE: [Tabela 2094 - População residente por cor ou raça e religião](#) (2010).

nomeadamente do grupo banto e do grupo guineano-sudanês. Infelizmente, por falta de tempo não consegui encontrar dados fiáveis sobre ON nestas línguas africanas, ou sobre os crioulos que se sabe terem existidos no primeiro período da população do Brasil.

Também vale mencionar as línguas dos maiores grupos imigrantes para o país, que são o italiano, o alemão, o espanhol, o árabe, e o japonês – mas, diferentemente dos imigrantes portugueses e dos escravos, esses chegaram sobretudo (com a possível exceção dos espanhóis) na última parte do século XIX.

Intercalação

No português antigo havia uma tendência de intercalação de várias palavras entre um pronome proclítico e o seu verbo:

ao tempo que a el-rei tomou por mulher... (Fernão Lopes, *Crónica de D. João I*, 1443 (apud Machado/ Oliveira 1968), pag. 569)

E nom prestou razões que lhe sobr'esto fallassem ... (ibid., pag. 571)

No PP atual, isto é ainda possível quando se trata da palavra não:

Mas imperfeito é tudo, nem há poente tão belo que o não pudesse ser mais, [...] (F. Pessoa 1982, pag. 20)

enquanto no PB isto é possível com os pronomes tónicos *ele* e *ela*:

queres que te ela deixe morrer! (*Iracema*, J. Alencar 1870, 2ª ed., pag. 63, apud Chaves de Melo 1971, pag. 194)

Isto poderia ter enfraquecido o sentimento de correspondência entre o clítico e o verbo: originalmente, um clítico é qualquer partícula que se “reclina” sobre outra palavra, mas na maneira citada em cima, já não se reclinam sobre nenhum verbo, levantando a questão se até podem ser considerados clíticos no sentido literal...

Também, segundo o filólogo brasileiro Chaves de Melo, os pronomes no PB podem ter o papel tanto de (semi-)tónicos como de átonos: ”querendo eu ressaltar que sou diretamente informado de alguma coisa, direi:

Êle mi contou a história, ao passo que um português só poderá dizer:

Él' contou-m' a mim a história.” (Chaves de Melo 1971, pag. 195)

Sabe-se que, como mencionado acima, no PB é comum as pessoas confundirem os pronomes átonos acusativos e dativos (isso só se observa naturalmente na 3ª pessoa, a única onde estas formas são diferentes), dizendo por exemplo: *Eu lhe vi* (veja-se Oliveira, 2003) e que ao mesmo tempo há, especialmente na língua informal, mas não só nela, uma tendência clara para a perda do sujeito nulo tão comum em línguas românicas: talvez por causa da redução do paradigma inflecional, os brasileiros dizem cada vez mais *Eu posso...* em vez do só *Posso...*, e o PB está, segundo M.L.Duarte e F. Varejão (Duarte/Varejão 2013, pag. 120-121) em transição de língua “null-subject” até língua “partial null subject”. (Para mais sobre o sujeito nulo no PB e no PP, veja-se Duarte/Varejão, 2013). Este é um fenómeno estranho do ponto de vista estritamente lógico, já que o sujeito se encontra na conjugação verbal e o objeto não, mas provavelmente está relacionado com os seguintes três fatores: 1) o uso do pronome *você* na terceira pessoa do singular, que torna tão frequente esta forma que causa confusão e o uso do sujeito torna-se necessário, 2) com a falta da conjugação ou conjugação gramaticalmente errada entre as camadas menos escolarizadas do país, e 3) mudanças fonológicas que rendem menos clara a diferença na pronúncia, como já se passou há muito tempo no francês.

Além disso, os clíticos já desapareceram da língua no passado: no português antigo havia vários clíticos de significado partitivo e locativo, pelo menos três: *i* (do latim *hic* e/ou *ibi*), *u* (do latim *ubi*) e *en* (do latim *inde*). Estes ainda existem no francês (*en*, *y*) e no italiano (*ne*, *ci*), mas o português já não contém este tipo de clítico. Pode-se argumentar que clíticos deste tipo não são necessários, mas como também o antecedente do ON fica claro do contexto (se não o fosse, ninguém usaria ON, já que não daria para comunicar), nem deveria ser necessário repetir os objetos do verbo através de pronomes átonos, para sublinhar a transitividade, como fazem as línguas sem ON.

Reduplicação

Um fenómeno que talvez possa ter *influenciado* ou que, pelo menos, talvez tenha uma relação com o ON é a falta de reduplicação de pronomes, como há por exemplo no espanhol, onde os dois sintagmas sublinhados têm a mesma função e se referem à mesma pessoa:

Le he dicho a Maria que no me gusta.

No português, este tipo de oração com um antecedente (*Maria*) do pronome OI (*le*) não faz parte da língua correta, e temos frases como:

é o que eu te disse que () adorei, (PorFalDA, par="par270-entArte:Urbana-BR")

Como o último verbo aqui tem OD (*o que*), não o contei como ON. Apesar disso, o verbo *adorar* permanece, para o falante, superficialmente “sozinho”, sem objeto, e há uma certa possibilidade desta construção preparar o caminho para o objeto nulo.

Por outro lado, várias outras línguas sem ON possuem esta mesma construção, e além disso, a falta de reduplicação aparentemente não existia no português antigo, segundo Mattos e Silva (1994 pag. 84/105, apud Cyrino 1997, pag. 153):

...e se m'ela fazer quisesse bem, nõno queria ser rei, nem seu filho, nem emperador...

e segundo Said Ali (1964 pag. 172-173, apud Cyrino 1997, pag. 153) que sublinhava “a regência variável dos verbos *perguntar* e *rogar*,” “com dois acusativos”.

Sumário

Concluindo, algumas perguntas interessantes são:

- O objeto nulo português é uma continuação do latim?
- Porque é que encontramos o objeto nulo no português (antigo) e não nas outras línguas românicas?
- Há uma conexão entre a resposta eco e o uso do ON no português?
- Como procurar algo que, seja fonologicamente, seja na escrita, não existe?
- Porque é que o uso do ON aumentou tanto no Brasil nos séculos XIX e XX, um período de várias mudanças na língua?

Antes de tentar responder a estas perguntas, vou fazer um resumo da pesquisa anterior sobre ON, e falar um pouco sobre os métodos que usei. Mas primeiro, uma pequena retrospectiva histórica.

3 Vista diacrónica

Ao falar de línguas antigas, é importante lembrar que até há bastante pouco tempo, não havia a unidade linguística, nem as escolas públicas, nem havia a consciência duma língua nacional que há hoje, nem havia nenhum Conselho ou Academia da língua que a podia regular e unir. No período que vou tratar neste capítulo, a gente comum não sabia ler nem escrever, e as pessoas que o sabiam, seguiam mais ou menos o seu padrão pessoal, baseado em parte na própria linguagem falada, e em parte na influência das línguas com que estavam em contato: o latim e, mais tarde, o francês e o espanhol.

3.1.1 O objeto nulo na história

Segundo a tipologista italiana Silvia Luraghi (veja-se também o capítulo 4.1.2), a omissão do objeto direto referencial era comum na maioria das línguas indo-europeias antigas, entre as quais o sânscrito, o grego e o latim (Luraghi 2004, pag. 234). Os ONs nestas línguas podiam, segundo Luraghi, ser condicionados ou pela sintaxe, quando havia ambientes sintáticos que autorizavam a omissão do pronome de OD, ou pelo discurso, quando o pronome comunicava informação muito topical e muito pouco focal (ibid., pag. 236-237).

Também segundo Vincent/Harris (1988, pag. 59), no latim clássico ou padrão era comum omitir o objeto duma oração quando se percebia do contexto:

“Pompeius interfecit”, “Nego” (ibid.)
(Pompeio matou(-o/-a/etc.)), (Nego(-o))

Na *Vulgata*, a primeira tradução da Bíblia em latim vulgar, feita ou compilada pelo sacerdote São Jerónimo em redor do ano 400, os ONs eram menos frequentes, aparecendo só nos contextos sintaticamente condicionados, e nem sempre ali (ibid., pag. 245-246).

Mais tarde, no italiano medieval, encontrava-se ainda objetos nulos em certas frases sintaticamente condicionadas:

e molto ricoverò lo ‘mperio e _ ridusse in buono stato (Ex. 22 Luraghi 2003, pag. 246)
(e muito ajudou o império e _ levou em boa condição)

A sugestão de Luraghi é que o ON nas línguas românicas, primeiro aceitável/possível tanto nos ambientes discursivos como nos sintáticos, através dos séculos gradualmente se tornou

possível somente nos ambientes sintáticos e, no fim, só em pouquíssimos casos, como é a situação nas línguas românicas hodiernas, exceto no português. O mesmo desenvolvimento teria já acontecido, segundo Luraghi, nas línguas germânicas (ibid., pag. 248), onde os ONs desapareceram de todo.

3.1.2 O português antigo, médio e clássico

O português antigo

A língua portuguesa tem as suas raízes no galego-português, a língua iberoromânica que surgiu na Galiza e no norte de Portugal e se alargou na direção do sul durante a Reconquista, onde se misturou com as diferentes versões do moçárabe que tinham surgido nas regiões mais meridionais sob o reino árabe. Este foi também o período dos trovadores, que compuseram inúmeros versos em galego-português, a língua iberoromânica vista como mais apropriada para escrever poesia, e transformaram-na numa língua literária.

A versão de português usada desde o primeiro texto escrito nesta língua até cerca do ano 1400 (há também pesquisadores ou filólogos, como Johannesen (1978, pag. 65), Williams (1962, pag. 13) e Leite de Vasconcelos (apud Castro 2008, pag. 73), que incluem também o século XV na sua definição do português antigo, mas aqui vou seguir a classificação de L. Cintra, apud Castro 2006, pag. 73) é conhecida como português antigo. Atualmente não há concordância sobre qual é o primeiro texto escrito em português: um dos candidatos é o documento testamentário *Auto de partilhas* de 1192 (Johannesen 1978, pag. 64), outro o *Testamento de Elvira Sanches* um ano mais tarde (Castro 2008, pag. 89), enquanto o Instituto Camões sustenta que seja o texto recentemente descoberto *Notícia de Fiadores* de 1175¹⁰.

Segundo Williams (1962, pag. 10-12), uma característica comum nas línguas românicas itálicas, gálicas e ibéricas em comparação com o latim é o acento intensificado, causado pelas tribos germânicas que invadiram estas partes, e é por isso que tantas palavras do latim sofreram a síncope nas falas românicas. Em Portugal, o norte do país recebeu mais desta influência do que o sul, e Portugal em si recebeu menos do que outras regiões, mas, apesar disso, o autor chama-a a mudança mais importante que aconteceu durante o período do português antigo (ibid., pag. 13). Nesta época já tinham surgido os outros traços mais característicos do português, como a transformação das combinações *pl-*, *cl-* e *fl-* para *ch-*,

¹⁰ <http://cvc.instituto-camoes.pt/tempolingua/07.html> (consultado a 5 de novembro de 2016)

especialmente na posição inicial; a falta de ditongação das vogais *e* e *o* abertas; a nasalização das vogais acentuadas seguidas por *-n* e *-m*, e a queda dos consoantes *-l-* e *-n-* na posição intervocálica, a segunda nasalizando a vogal anterior a si antes de cair.

Assim, da ênclise, da síncope e da queda intervocálica do *-l-* surgiram os pronomes clíticos do português.

O português médio

O português médio é, ainda segundo a classificação de Lindley Cintra, a língua falada em Portugal entre aproximadamente 1400 e 1540, quando apareceram os primeiros dicionários e gramáticas do português, como a gramática de Fernão de Oliveira de 1536. Linguisticamente, este foi um período breve, instável e cheio de mudanças, quase só uma transformação do português antigo no português clássico, mas também um período decisivo e importante para a língua (Castro 1999, pag. 368).

Um traço que marcou a passagem para esta época é que os três sons nasais *ão*, *ãe* e *õ* se uniram para *ão*, uma mudança que aconteceu em redor do ano de 1400. Outras mudanças que ocorreram neste período são a síncope do *-d-* intervocálico, a eliminação de certos hiatos vocálicos que resultaram desta e outras perdas de consoantes, e o acrescentamento de epênteses como *-i-* ou *-nh-* em outros hiatos. (*creo* → *creio*, *mia* → *minha*)

O detalhe mais interessante, do meu ponto de vista, é que durante o português médio, a próclise tornou-se cada vez mais frequente nas orações principais, além de já ser obrigatória nas orações subordinadas e nas orações principais com os proclisadores¹¹ (os proclisadores são todos os negativos, os quantificadores, os relativos, os interrogativos, certos advérbios, e os pronomes indefinidos em início da oração). Na passagem do português médio ao português clássico, o acento, que até agora tinha sido menos intenso do que noutras línguas, intensificou-se e assim a síncope aumentou, até chegar ao nível do português atual (Williams 1962, pag. 13).

O português clássico

O início do português clássico coincide com o início do renascimento, e consiste na língua usada no período entre cerca 1540 e 1700. É durante a primeira parte deste período que aconteceu a maior parte da emigração portuguesa para o Brasil: começou com a primeira colónia São Vicente no estado atual de São Paulo em 1532, seguido por quatro focos de

¹¹ Termo de Castro (2008)

imigração no século XVI, dois no século XVII e dois no século XVIII, todos no litoral (Castilho 2010).

O português clássico era caracterizado pela próclise como posição quase única, tanto nas orações principais como nas subordinadas, continuando assim a tendência do português médio. Na última metade do século XVII e no início do século XVIII, porém, a ênclise volta a ser a forma dominante no PP. No Brasil, entre os portugueses que ali tinham emigrado, esta mudança não teve lugar e a dominância da próclise dura ainda hoje (Castro 2008, pag. 196-198).

3.1.3 O objeto nulo no português antigo, médio e clássico

Em Portugal

Sobre o ON no português antigo, aqui definido como o período entre aproximadamente 1180 e 1400, não se sabe ainda muito, porque há pouca pesquisa diacrónica sobre este fenómeno nesta época, e há poucos textos anteriores ao século XV em corpos.

Na minha procura no corpo do português antigo do projeto ISWOC, e na minha leitura duma pequena parte da *Crónica de D. João I*, o único texto que olhei desta época (veja-se os meus raciocínios e resultados nos capítulos 5 e 6, e a lista de todos os exemplos no Anexo A), encontrei um único exemplo de ON, na *Crónica Geral de Espanha* (ano 1344/1400). Este exemplo é obviamente demasiado pouco para poder tirar conclusões estatísticas, mas pode dizer-nos que o ON não é um desenvolvimento recente na língua portuguesa: esta possibilidade existia já no século XV.

No português médio, entre 1400 e 1540, não encontrei nenhum ON nos textos *Vidas de Santos de um Manuscrito Alcobacense* (anos 1431-1446), mas encontrei oito exemplos no português da *Crónica de D. João I* (1443): dois casos na versão do ISWOC, e seis casos da versão da Torre do Tombo (oito frases diferentes).

Cyrino (1997, veja-se o capítulo 4.1.3 e as páginas seguintes) só começou a sua procura no século XVI, quer dizer, na passagem entre o português médio e o clássico, onde encontrou 31 exemplos em peças teatrais de Camões e de Gil Vicente. A maioria deles (18) são sentenciais, mas ela encontrou também exemplos de ONs com antecedentes predicados (5 casos), específicos (4), não-específicos (3) e um caso com antecedente genérico/arbitrário. Entre as sete peças teatrais, cinco eram de Gil Vicente, todas escritas entre 1509 e 1534, e duas eram

de Camões, ambas da década de 1570. Assim pertencem, pelo menos teoreticamente, a períodos diferentes, mas como Cyrino não diferencia entre Gil Vicente e Camões nos seus resultados, não me foi possível atribuí-los.

Do português clássico, eu tinha o excerto das Décadas (escrito em redor do ano 1600) do corpo do ISWOC, e havia nove textos sintaticamente anotados no Tycho Brahe (veja-se a tabela no capítulo 5.3.2) que podem ser contados como português clássico, mas nenhum deles apresentava ONs.

No Brasil

No período do português clássico, desenvolveu-se gradualmente no Brasil um português que podia ser distinguido como especificamente brasileiro. Sonia Cyrino, na sua dissertação de doutoramento (1997, pag. 2 e capítulo 6), encontrou a presença de ONs em textos brasileiros já desde o século XVII, quer dizer, quase desde a chegada do português ao Brasil. No seu estudo de 1993 (Cyrino 1996, 2ª edição), ela descobriu um aumento dos ONs no PB, tanto nos números, como nos contextos onde este fenómeno podia ocorrer (Cyrino 1997, pag. 3).

Segundo a pesquisa diacrónica dela, o ON brasileiro começa a aparecer com um antecedente [-animado] e [+masculino], e depois há uma generalização desta construção para todos os objetos com antecedentes [-animado]. Ela sugere então que esta extensão foi possível por causa da existência de elipses sentenciais (Cyrino 1997, pag. 151). O uso do pronome pleno para antecedentes animados começa a ocorrer, nos dados dela, ao mesmo tempo que os clíticos do OD começam a desaparecer.

Na sua pesquisa histórica, parece que ela não fez uso de corpos, mas analisou manualmente o seu material. Porque se queria concentrar na língua oral, escolheu textos/géneros que achou serem mais pertos dela: peças teatrais, especialmente comédias, e na ausência disto, cantigas, modinhas, poesia satírica e romances, assim como autores que espelhassem a linguagem popular nas suas obras.

Com estes critérios, analisou teatro popular de Gil Vicente e de Camões, poesia de Gregório de Matos, uma comédia de Antonio José da Silva, poesia de Caldas Barbosa, comédias de Martins Pena, Arthur Azevedo e José de Alencar, comédias dramáticas de Miguel Falabella, Marques Rebelo, Gianfrancesco Guarnieri e Dias Gomes, ou seja, autores abraçando o período do século XVI ao século XX (Cyrino 1997, pag. 161-164). À parte dos dois do século XVI (provavelmente demasiado cedo para encontrar algumas diferenças entre PB e PP na

literatura), Vicente e Camões, todos os outros escritores são inteira ou (só alguns) parcialmente brasileiros.

Cyrino encontrou ONs em todos os séculos em que procurou, mas tanto a sua incidência como o seu tipo variam bastante. O seu ponto de partida é sempre o tipo de antecedente que o ON tem: animado ou não, específico/referencial ou não, definido/indefinido, sentencial, predicado, demonstrativo/neutro (*isto/isso/aquilo*), genérico/arbitrário ou nome próprio. Nesta investigação, ela registou também os objetos preenchidos, como contraste aos nulos.

Para começar pela quantidade: o número de ONs em geral cresceu de 10,7% no século XVI para 79,1% no século XX, enquanto os casos de OD preenchido caíram de 89,3% para 20,9% ao longo do mesmo período (ibid., pag. 172).

Podemos também observar que o ON sofreu uma mudança durante este período, que se observa na diminuição dos números: no século XVI, a maioria dos ONs encontrados tinha um antecedente sentencial, mas também nessa altura, a percentagem de ONs era só de 20%. No século XVIII, tinha crescido para 46,3%, e no século XIX, já tinha aumentado para 83,9%, enquanto os ONs com antecedentes específicos aumentaram para 31,4% e os com antecedentes predicados para 72,7% (embora de predicativos haja bastante poucos exemplos). Finalmente, no século XX vemos um salto enorme também entre os ONs com antecedentes não-específicos, para 86,1% dos objetos diretos junto com os específicos para 67,4%, os sentenciais para 90%, e os predicados (só sete casos) para 100%. Por outras palavras, isto demonstra uma expansão no PB de ONs sentenciais a ONs também predicativos, específicos e finalmente até aos não-específicos.

Cyrino confirmou o seu resultado de outros artigos de que o traço [animacidade] é muito importante, visto que, ao longo de todo o período, entre 93,5 e 100% dos objetos com antecedente [+específico, +animado] foram sempre preenchidos com um pronome, enquanto a quantidade de casos [+específico, -animado] preenchidos caíram de 95,1% no século XVI para 13,5% no século XX, e a quantidade dos casos [+específico, -animado] com ON subiu de 4,9% a 86,5% no mesmo período (Cyrino 1997, pag. 173).

Entre os ONs com antecedentes não-específicos, porém, há um crescimento nos ONs só no século XX, que atinge 57,1% entre os com traços [-específico, +animado], e 93,1% entre os com traços [-específico, -animado]. Assim, parece que o ON não é utilizado só quando o antecedente é [-animado] ou, como comenta a autora, “Parece, portanto, que o aumento é causado pelo próprio traço [-específico]” (Cyrino 1997, pag. 173-174).

Quanto às ilhas, ONs foram encontrados em ilhas durante todos os períodos, maioritariamente com antecedentes sentenciais, e desde o século XIX, também com antecedentes [+específicos]. Note-se que os dados do primeiro século que olhámos, o século XVI onde foram encontrados 19 ONs, vêm exclusivamente de escritores portugueses, apesar da afirmação feita tanto por Cyrino como por outros que o ON do PP não pode aparecer em ilhas!

Como com os ONs em geral, vemos também dentro das ilhas um aumento do número de ONs em total, e de ONs com antecedentes específicos (e não-animados), e animados (e não específicos), embora estes últimos só apareçam desde o séc. XX (Cyrino 1997, pag. 175-176).

Então, porquê este crescimento enorme no uso do ON no PB? No seu estudo de 1992, Cyrino olhou para textos escritos no PP nos séculos XIX e XX, e encontrou uma situação permanente e igual àquela nos textos de Vicente e Camões no século XVI, e do PB no século XVII (Cyrino 1992, apud Cyrino 1997, pag. 189): os portugueses têm sempre a escolha livre entre o uso do clítico sentencial *o*, e a elipse sentencial. No Brasil, no entanto, apareceu outro tipo de ON: o ON com antecedente [+específico/referencial, -animado], a partir do século XIX. As novas gerações de falantes brasileiros expandem a estrutura da elipse sentencial para um SN com o mesmo traço (Cyrino 1997, pag. 179). Mas porquê o crescimento do número de elipses sentenciais e a queda no uso do clítico sentencial?

A resposta de Cyrino está na fonologia, mais concretamente no estudo de Nunes (1993, veja-se também o capítulo 4.1.6) e no alongamento das vogais na fala brasileira. Como disse Amadeu Amaral poeticamente, já em 1920:

a diferenciação relativa à colocação dos pronomes oblíquos, no Brasil, deve explicar-se, em parte, pelo ritmo da fala e pelo alongamento das vogais. [...] Passando para o Brasil, a língua teve que submeter-se a outro ritmo, determinado por condições fisiológicas ou psicológicas diversas [...] O alongamento das vogais, dando maior amplitude aos pronomes na pronúncia, veio acentuar, de certo, aquele efeito.
(pag. 19-20 apud Cyrino 1997, pag. 180).

Nunes (1993) sugeriu, como vou contar no capítulo 4, que houve uma mudança na direção fonológica no PB: no português antigo e no PP moderno, a direção desta é da direita para a esquerda, enquanto no PB mudou a direção, da esquerda para a direita, ou, por outras palavras, os clíticos reclinam-se, fonologicamente, para a palavra à sua direita. Nesta maneira, os clíticos enclíticos tornam-se proclíticos na língua falada – mas os clíticos de 3ª pessoa do

acusativo, como começam com uma vogal, não podiam iniciar a frase. Por isso, quando tem acesso às duas possibilidades, clítico neutro ou elipse sentencial, o falante escolhe a segunda. Da elipse sentencial, o ON alarga-se para a estrutura mais semelhante, os clíticos com antecedente [+específico/referencial, -animado], e, no século XX, também para os ONs com antecedente sentencial/predicado, com antecedente específico. Também aparece a repetição do SN, para o último tipo. Ao longo do tempo os clíticos de 3ª pessoa do acusativo desapareceram de todo da língua informal brasileira, e para os objetos com antecedentes animados, passou-se a usar um pronome tónico, ou um pronome demonstrativo, ou a repetição do SN ou uma outra das possibilidades mencionadas no capítulo 2.1.1. acima. Assim aconteceu uma mudança no sistema pronominal (Cyrino 1997, pag. 181-182 e 187).

Enquanto Nunes tirou a conclusão que esta mudança ocorreu no início do século XIX, Cyrino objeta que deve ter sucedido antes, já no século XVIII, e vê exemplos da mudança na direção da cliticização fonológica já no século XVII (Cyrino 1997, pag. 182).

Como Amaral aponta (veja-se acima), as vogais têm maior acento e comprimento no PB, e a fala brasileira é mais “fluente” e menos acentuada, com menos diferença entre sílabas acentuadas e não acentuadas do que a fala portuguesa. Assim é mais difícil que um pronome clítico, que consiste unicamente numa vogal, possa permanecer clítico, no sentido de desacentuado (veja-se também o capítulo 2.1.5, na parte chamada *Intercalação*).

Segundo Nunes, a razão para a perda dos clíticos no início duma frase é que nesta posição não pode haver um “licenciador”, quer dizer, alguma consoante que “permita” ao clítico-vogal ser pronunciado (Nunes 1993, apud Cyrino 1997, pag. 182-183). Porém, Cyrino encontrou também alguns exemplos de “pronomes clíticos não clíticos”: Nos versos de Gregório de Matos, escritor humorístico e satírico do século XVII usado por Cyrino como fonte, ocorrem vários casos de pronomes proclíticos que não são clíticos porque, seguindo o ritmo do verso, não podem ser desacentuados, mas recebem o acento rítmico (Cyrino 1997, pag. 190-191):

Então as suas negligências

As vão conhecendo ali,

(pag. 39)

Marinícolas todos os dias

O vejo na sege passar por aqui,

(pag. 51)

Isto coincide com a afirmação de Chaves de Melo na pag. 16 acima, onde dá um exemplo de como o pronome clítico *me* pode ser usado com acento no PB. (“Ele *me* contou a história”). Pode haver uma relação aqui entre a sintaxe e a prosódia?

3.1.4 O desenvolvimento do clítico do objeto direto

Para completar o quadro do ON na história da língua, vou dar um breve resumo diacrónico também do desenvolvimento do clítico de OD, para tentar explicar a relação que pode ter o clítico com o desenvolvimento do ON.

Clíticos no latim

Embora todas as línguas romances modernas maiores¹² tenham uma ou outra variedade de clíticos, o latim, a “mãe” delas, paradoxalmente nunca os teve. No latim padrão ou clássico havia duas possibilidades para exprimir um OD com um antecedente conhecido, que podem ser comparadas com o sistema para exprimir o sujeito nas línguas românicas modernas (com a exceção do francês, que tem sujeito obrigatório): Podia-se usar um pronome completo, como *id/ea/is* (*ele/ela*) ou *ille/illa/illud* (*este*) ou *ipse/ipsa/ipsum* (*o mesmo, o já mencionado*) para dar atenção ao objeto ou para clarificá-lo, ou, se a falante não quisesse dar nenhum acento ao pronome, e a identidade do objeto já estivesse clara através do contexto, podia usar ON (para mais informação sobre o ON no latim, veja-se Luraghi, 2004). Com o tempo, os últimos dois pronomes, *ille* e *ipse*, tornaram-se cada vez mais difundidos no latim vulgar, andando na direção de uma função de artigo definido (algo que o latim não tinha) e pronome: No fim, o pronome *ille* acabou por tomar quatro direções diversas, desenvolvendo-se quer numa função de artigo definido (na maioria das línguas românicas), quer nos clíticos de OD de 3ª pessoa, quer nos pronomes tónicos/de sujeito de 3ª pessoa *ele* e *ela*, quer no pronome demonstrativo *aquela* (as formas femininas e plurais vieram respetivamente da forma feminina *illa* e as plurais formaram-se com a decinência do plural *-(e)s*). A razão da grande diferença fonética entre estes quatro casos poderia ser que estas palavras aparecem em lugares e ambientes diferentes na frase, sendo assim mais ou menos acentuadas e em ambientes fonéticos diferentes: um clítico é exatamente por definição não acentuado, e assim vai experimentar mais atrito com o tempo e ficar mais reduzido do que um pronome tónico. Contemporaneamente, Williams também afirma que uma das características do latim vulgar

¹² Aqui definidas como português, espanhol, francês, italiano e romeno.

era que os pronomes eram mais comuns do que no latim clássico (Williams 1962, pag. 9), uma situação provavelmente causada por mudanças fonéticas que diminuíram as desinências dos substantivos e dos verbos. Como Williams escreve:

with the intensification of stress accent in Vulgar Latin, many unemphatic words lost their accent and became attached as proclitics and enclitics to other larger and more emphatic words. This was particularly true of personal pronouns used as direct and indirect objects of verbs [...] (ibid., pag. 2).

Traços especificamente portugueses

No português antigo vemos os pronomes clíticos já na sua forma atual, exceto que a regra que exige que *-r*, *-s* e *-z* na palavra antes deles licenciava o *l-* e *-m* e *-n* licenciava o *n-* no início deles, que hoje só vale para os verbos, naquela época ainda era produtiva, e via-se exemplos como *todollos* e *Deu-lo* (Deus o) *sabe*.

Isto enquanto, no português antigo, a grande maioria dos clíticos eram enclíticos, quer dizer, seguiram logo o verbo. Neste período, a ênclise era o mais comum também em outras línguas românicas, como o espanhol e o italiano (se se puder falar de “italiano” e “espanhol” muito antes da construção desses países e das suas línguas nacionais). Depois houve uma migração em direção à próclise, também no português: Na pesquisa de Ana Maria Martins, vemos a posição da ênclise descer de 92,9% no período 1250-1299 e chegar a só 1,2% no período 1500-49. (Martins 2002, pag. 270, apud Castro 2006, pag. 196).

Assim, como no primeiro exemplo de português que conhecemos, por volta do ano de 1200, a ênclise era de longe mais comum, o *l-* dos pronomes acusativos clíticos de 3ª pessoa, *lo*, *la*, *los* e *las* também se encontrava em posição intervocálica. O português é a única língua românica a ter este desenvolvimento fonético particular, que aconteceu cedo, e segundo Johannesen (1978, pag. 23) já durante o século XII, da seguinte maneira: *-l-* → *-w-* → *-Ø-* (pensem na pronúncia atual do *l* no Brasil).

A consequência disto foi que este *l-* também caiu, e só a vogal permaneceu, como nos clíticos (e nos artigos definidos) de hoje: *o*, *a*, *os* e *as*. Quando o português perdeu¹³ o *l-* inicial dos artigos e dos pronomes pessoais átonos de acusativo da 3ª pessoa (que todas as outras línguas

¹³ Está ainda presente quando o clítico segue uma forma verbal que termina em *-r*, *-s* ou *-z*: “*fazê-lo*”, “*fi-la*” etc.

românicas maiores ainda têm na maioria das suas formas¹⁴), provavelmente da mesma maneira que no século XII (Johannesen 1978, pag. 23), perdeu muitos outros *-l-* intervocais (dolor -> dor, malu-> mau, volare-> voar etc.), o clítico da terceira pessoa do singular tornou-se uma única vogal. É claro que uma vogal sozinha está muito mais “vulnerável” à anulação fonética que uma palavra mais substancial, e a propósito, no Brasil vemos menos uso também do artigo definido – que, como os pronomes clíticos é proclítico – do que em Portugal. Em certos ambientes enclíticos, como na 1ª pessoa do singular (por exemplo *tenho-o*) ou na 3ª pessoa do singular (por exemplo *leva-a*, pensem também na letra *à*, uma contração de duas *a* átonas, pronunciadas como fossem uma só), o clítico do OD funde-se com a desinência verbal, e resulta quase inaudível. O pronome-vogal não podia iniciar uma frase como o podem os outros clíticos no PB, e foneticamente, é mais fácil desaparecerem estando na posição proclítica. Além disso, segundo Nunes (1996), os clíticos acusativos de objeto direto da 3ª pessoa no PB precisam também de material fonológico que os preceda.

3.1.5 O desaparecimento do clítico no Brasil

Como acabámos de ver, no Brasil a próclise foi a escolha dominante para os falantes pelo menos desde o século XVII, como o era também em Portugal nesta época, e ainda a norma na língua falada no Brasil é próclise. Mas então o que passou com os clíticos no início das frases?

J. M. Nunes (1996, veja-se também o capítulo 4.1.6) sugeriu que o clítico brasileiro tinha mudado de direção de cliticização desde o século XIX, quer dizer, que agora se inclina para a direita em vez de, como no PP e no português antigo, para a esquerda. Assim são muito comuns no PB informal frases que começam por clítico, como:

Me disse isso.

embora seja proibido na língua formal começar uma frase por um clítico.

Mas na linguagem informal no Brasil, como observado por Cyrino (1996), o uso dos clíticos de acusativo da 3ª pessoa do OD tem estado num declínio gradual desde o séc. XVIII, quando ela começou a sua procura, até hoje, quando estes clíticos no Brasil só são usados nos contextos mais formais. Os clíticos de 3ª pessoa do acusativo são aprendidos na escola, mas quase nunca utilizados, porque dão, para o brasileiro comum, uma impressão demasiado forçada e formal. Nunes propõe que estes pronomes, como começam por uma vogal,

¹⁴ it.: *il/lo/l'/la/gli/le/i*, fr.: *le/la/les*, sp.: *el/la/lo/los/las*, cat. *el/lo/la/els/los/les/ho* (do lat. *hoc*), rum.: *-ul, -l, -le, -lui, -a, -ei, -i, -lor, -lui* (artigo sufixado/enclítico), *il/o/i/i/le* (pronomes cl. acc.)

precisam dum licenciamento da palavra anterior, e na posição inicial numa frase, este licenciamento não pode aparecer. “Proibidos” desta posição tão comum, então, os clíticos de 3ª pessoa do acusativo desapareceram da língua espontânea.

O primeiro clítico a desaparecer, também segundo Cyrino, foi aquele a que ela chama clítico neutro, o clítico que tem como seu antecedente uma inteira oração. Quando este desaparece, não temos porém um ON, temos uma elipse sentencial, mas exatamente esta elipse foi que deu início ao desenvolvimento que vemos no Brasil hoje, através do traço comum [-animado]. O próximo clítico que desvaneceu foi o clítico *o* nominal, com um antecedente SN masculino e não animado, onde o segundo traço era mais decisivo do primeiro para a ausência do clítico. Isto, por sua vez, poderia (ela sugere como hipótese) levar também à perda do clítico com um antecedente animado, e em seguida, o uso dos pronomes tônicos para clarificar uma referência a seres animados (Cyrino 1997, pag. 3-4).

Na sua dissertação (1997, pag. 150), Cyrino refere Kato (1991), que chama à perda dos clíticos acusativos de 3ª pessoa uma mudança no paradigma pronominal da língua, onde “the null clitic is preferred for inanimate objects while for animate objects the stressed lexical object is preferred”, o que parece indicar “a change from a masculine/feminine paradigm to a more iconic gender system of the he/she/it type”, um sistema pronominal onde os pronomes masculinos e femininos só se referem a pessoas, e há outro(s) pronome(s) para referir intervenientes inanimados. Este é o sistema por exemplo do inglês, do norueguês (bokmål), do sueco e do dinamarquês.

O mais interessante para esta tese, porém, é que, em vez de utilizar o clítico, os brasileiros usam diversas estratégias de compensação:

- um pronome demonstrativo, mais tipicamente *isso*, que não pode ser átono
- o pronome tônico/de sujeito (*ele/ela*), o que é socialmente estigmatizado, mas naturalmente dá mais clareza à frase
- o pronome dativo *lhe*, também estigmatizado quando se refere a um OD
- repetição do antecedente (dependendo do seu comprimento)
- o ON, que não parece ser socialmente estigmatizado, antes parece ignorado entre os lusofalantes em ambos os países, que provavelmente não o notam até começarem a aprender um idioma sem ON.

Nesta maneira, seria possível que o ON se tenha espalhado entre as camadas altas da sociedade para evitar o uso tanto do clítico, que é visto como demasiado formal, como do pronome tónico, que é socialmente estigmatizado, como dum pronome demonstrativo, que como o pronome tónico naturalmente não tem uso átono.

3.1.6 A resposta eco

O estado da resposta eco como ON é controverso; para mim, eu não a incluí na minha definição de ON (veja-se capítulo 2.1.2), embora admito que os dois fenómenos tenham muitas semelhanças; Raposo et.alii estão indecisos nesta questão (2010, pag. 2342), enquanto Luraghi parece incluí-las na sua definição. E as omissões do OD nas perguntas sim/não (ou melhor, nas respostas) são comuns em todas as antigas línguas indo-europeias (Luraghi 2003, pag. 242), também no latim, que nem tinha a palavra *sim*:

Novistine hominen? Novi. (Plauto, *Bacchides* 837. Ex. 15 de Luraghi, pag. 242)
(conheces o homem ? Conheço)

Plauto (Tito Maccius Plautus) foi um dramaturgo romano que escreveu muitas comédias como a comédia *Bacchides* no ano 189 a. C., e como ele é uma das maiores fontes da língua latina falada ou do latim vulgar, parece que este tipo de resposta eco tenha existido também na língua comum.

Como um dos exemplos de ON no italiano medieval é também uma resposta eco:

Or non avestú la torta? Messer sí: ebbi. (Novellino 79, ex. 21 de Luraghi, pag. 246)
(Não tiveste tu o bolo? Mestre sim: tive.)

podemos concluir duas coisas: Primeiro, a resposta eco existia ainda no italiano medieval, ao lado do ON. Segundo, embora Luraghi não as chame ONs na sua pag. 242, mas “direct object omission in yes/no questions”, mais tarde no mesmo artigo, afirma que “in Portuguese NOs occur in answers to yes/no questions” (ibid., pag. 247). Como a minha definição não inclui as respostas eco, as nossas definições (a minha e a de Luraghi) não são, portanto, completamente iguais.

4 Pesquisa anterior

O objeto nulo é, como mencionei no capítulo 2, um campo relativamente novo na pesquisa linguística. Aqui vou tentar dar um resumo dos contributos (artigos científicos, teses de doutoramento e mestrado, apresentações, etc.) mais importantes. No lapso de tempo duma tese de mestrado, é impossível ler tudo o que foi escrito sobre um tema deste tipo, por isso concentrei-me sobre os textos maiores e mais conhecidos.

4.1.1 O início

Apesar deste fenómeno ter, como acabamos de ver, raízes profundas na língua portuguesa, o primeiro a escrever sobre o ON no português foi N. P. de Omena em 1978 na sua tese de mestrado¹⁵, analisando-o através da teoria variacionista de W. Labov. Já aqui se destaca o papel do antecedente como inanimado (Cyrino 2000, pag. 2). Nos anos seguintes foram publicados alguns artigos importantes: Wheeler (1981), que foi o primeiro a analisar o ON no PB, mas isso no Extended Standard Theory, Pereira (1981)¹⁶ e Tarallo (1983)¹⁷, também do ponto de vista sociolinguístico. Como esta não é uma tese sociolinguística, não as vou descrever em detalhe fora deste capítulo. Havia também vários que o analisaram segundo a Extended Standard Theory chomskiana, e Raposo (1986) para o português de Portugal (PP). O primeiro a descrever o ON noutras línguas foi Huang em 1984¹⁸, sobre o chinês (Cyrino 1997, pag.1). Em tempos mais recentes, a maioria da pesquisa existente sobre o ON é sincrónica e feita por brasileiros e/ou no Brasil e sobre o português brasileiro (PB): trata do fenómeno na sua variante no PB, e é feito desde um ponto de vista linguístico, teórico e descritivo. Mais populares têm sido temas relacionados, como a perda do clítico e estratégias de compensação no PB, ou as mudanças entre ênclise e próclise ao longo da história do idioma. Alguns estudos não mencionam o português de Portugal (PP), outros sustentem que nele o ON não existe. Há, como mencionado acima, vários estudos sociolinguísticos brasileiros (Pereira (1981), Duarte (1986)), e há também estudos sincrónicos do PP e comparativos, entre estas duas variantes. Estudos diacrónicos concentrando-se só no PP,

¹⁵ *Pronome pessoal de terceira pessoa: suas formas variantes em função acusativa*, dissertação de mestrado, PUC-RJ.

¹⁶ Pereira, M. G. D. (1981) *A Variação na Colocação dos Pronomes Átonos no Português do Brasil*. Dissertação de mestrado, PUC-RJ.

¹⁷ Tarallo, F. (1983) *Relativization Strategies in Brazilian Portuguese*. Tese de doutorado, University of Pennsylvania, EUA.

¹⁸ Huang, C.T.J. (1984) *On the distribution and reference of the empty categories*. *Linguistic inquiry* 15, pag. 531-574

porém, que começam em Portugal e antes dos estudos de Cyrino, nunca vieram ao meu conhecimento.

4.1.2 Eduardo Raposo

O artigo dele em 1986 foi um dos primeiros artigos sobre ON, excetuando Huang , Pereira/Wheeler e Omena. É um artigo muito conhecido no ambiente de pesquisa de ON, que levou a atenção do mundo ao ON do português, e parece ter inspirado muita pesquisa nesta área. Raposo somente apresenta o tema desde o ponto de vista do PP, o PB nem é mencionado. A sugestão dele é, fundamentalmente, que o parâmetro relevante, a regra de predicação, é aberto à pragmática nas línguas que têm ON, como o chinês e o português enquanto que, nas línguas que não o têm, essa regra não aceita influência pragmática. Como ele escreve, “*The null object construction may thus be seen as a point of contact between the purely formal module of language (the grammar) and the pragmatic module that rules the way we use language in concrete situations.*” (Raposo 1986, pag. 385). Certas línguas admitem a consideração de pragmática e contexto na sintaxe – no momento que o falante constrói as frases – enquanto outras línguas na mesma situação não levam em consideração o contexto e a pragmática.

4.1.3 Sonia Cyrino

Esta linguista brasileira, docente na Universidade estadual de Campinas (estado de SP, Brasil), tem feito bastante pesquisa na área do ON, tanto desde o ponto de vista linguístico sincrónico (chomskiano) como desde o ponto de vista diacrónico. O maior foco dela tem sido no antecedente do ON e, na sua tese de doutoramento (Cyrino 1997), sugeriu que o ON brasileiro fosse um tipo de elipse, semelhante à elipse sentencial (também Cyrino 2000, pag 5). Além disso, através de pesquisa diacrónica ela descobriu que o ON sentencial existiu também no português médio/clássico, e que se desenvolveu dali à situação brasileira de hoje (Cyrino 1997, capítulos 5 e 6).

Segundo um capítulo de Sonia Cyrino no livro Estudos de gramática portuguesa do ano 2000, em que examina muitos artigos sobre ON (por Omena (1978), Pereira (1981), Tarallo (1983), Huang (1984), Duarte (1986), Raposo (1986), Farrell (1987), Galves (1989), Kato (1991), Corrêa (1992), e Matos (1992), além de também resumir dois artigos próprios), há completo consenso entre todos estes pesquisadores sobre o facto de o ON ser usado principalmente para

antecedentes não animados ([-animado]) ou não humanos (pag. 2)¹⁹. Quando o antecedente for animado, será usado ou o pronome tônico/sujeito/lexical (*ele/ela/eles/elas*), que é socialmente estigmatizado, ou o clítico, que é percebido pelos brasileiros como formal e escolar. O ON torna-se assim um tipo de doutrina do meio-termo ou aurea mediocritas entre as outras possibilidades, e não se pode dizer que seja socialmente estigmatizado: pelo contrário, é usado por todas as classes e níveis sociais. Outras variantes também possíveis, mas menos comuns, de referir um antecedente objeto direto, são usar o pronome dativo *lhe* como objeto direto, o que também é estigmatizado (veja-se Oliveira, 2003, pag. 4), ou um pronome demonstrativo (normalmente *isso* ou *aquilo*) ou a repetição do antecedente, também formal e/ou pesado, dependente do antecedente.

A hierarquia referencial

Baseando-se nos resultados da análise dos antecedentes dos ONs, Cyrino, Duarte e Kato (2000, apud Duarte/Varejão, pag. 106) sugeriram uma “hierarquia referencial” na representação de pronomes (nulos ou abertos): No topo da hierarquia estão os pronomes “mais referenciais” ou mais inerentemente humanos e específicos, portanto os da 1ª e 2ª pessoa singular. Estes vão ser, no contexto do desaparecimento do sujeito nulo, os primeiros a tornar-se abertos (quer dizer, não nulos). A baixo destes encontram-se os pronomes de 3ª pessoa, que podem ou não ser humanos e/ou específicos. No contexto de objeto nulo, porém, pode-se imaginar, seguindo a mesma hierarquia, que os pronomes mais específicos e “humanos”: os da 1ª e da 2ª pessoas de acusativo, seriam os últimos pronomes a tornar-se nulos, e os da 3ª pessoa de acusativo, especialmente os não-pessoais e não-específicos, seriam os primeiros²⁰.

Não surpreendentemente, a seguir a mesma hierarquia, o objeto nulo mais categórico é o ON sentencial, onde o antecedente é uma oração:

“Eu fui ganhar a chave da casa com 19 anos. Eu conto __ prá todo mundo.”

Duarte deu esta frase a falantes nativos de espanhol, italiano, francês e PP, e todos estes preencheram o buraco na frase com o clítico da própria língua – enquanto os brasileiros não. A conclusão dela é que: “com o objeto sentencial, o apagamento é quase absolutamente categórico.” (Cyrino, 2000, pag. 3) Cyrino/Duarte não encontraram nunca um clítico neste

¹⁹ Este é também o caso para outras línguas, como o turco (Luraghi, 2004, pag. 250).

²⁰ Luraghi (2004, pag. 251). nota que também no húngaro, os ONs são mais frequentes na 3ª pessoa.

contexto, unicamente ON, e assim sugerem que este ambiente seria o ponto de partida para o ON brasileiro (ibid., pag. 5).

As diferenças entre PP e PB

Ao contrário de alguns outros pesquisadores, como por exemplo Luraghi (veja-se o capítulo 4.1.6 em baixo), Cyrino sublinha que o ON do PB é diferente do ON do PP (veja-se Cyrino 1997, pag. 144): é mais livre, vai mais além do que o uso do PP, e com isso possui também, dentro da gramática gerativa, um estatuto teórico diferente: o ON em Portugal é uma categoria vazia do tipo “variável” em posição de objeto, conforme sugerem Raposo (1986) e Matos (1992, apud Cyrino 1997, pag. 140), enquanto o ON brasileiro seria uma categoria vazia do tipo pronominal, ou o resultado de uma reconstrução de um antecedente nominal com o traço [-animado]. (ibidem, pag. 2 e 158).

Também conforme Raposo (1986), a maior diferença na sintaxe é que o ON do PP não pode aparecer em ilhas, mas na sua dissertação de doutoramento (1997, pag. 142), Cyrino descobriu que na realidade pode, em certos casos, aparecer em ilhas, sempre dado que o antecedente seja não-específico ou não-referencial (quer dizer indefinido, coletivo ou abstrato):

João empresta seu carro ao filho e depois fica preocupado; mas Pedro fica preocupado quando _ empresta à esposa! (ex. 40b de Cyrino 1997, pag. 142)

O ON do PB, porém, além do antecedente não-específico/não-referencial, tem como requisito que o antecedente seja ou [-animado] ou [-específico/referencial]. Um SN [+animado] e [+específico/referencial] é, por outro lado, agramatical:

**O Pedro disse que a Maria beijou_.*

Mais do que em ilhas e com antecedentes [-animados], o ON brasileiro pode, sempre segundo Cyrino, aparecer em quase qualquer estrutura sentencial se há identidade estrutural e o mesmo vocabulário terminal: estas são as novidades e as inovações do PB. Uma exceção importante é a quantificação: quando o antecedente é quantificado, por exemplo com o artigo indefinido *um/uma*, o ON não é possível. (Cyrino, 1997, pag. 139-140, 145 , 151 e 156)

Vale, talvez, também a pena mencionar que, embora a maioria dos artigos em Cyrino (2000) mencionem também que o antecedente dum ON costuma ser não-específico, também chamado indefinido, coletivo ou abstrato – a pesquisa dela (1997) encontrou uma maioria de ONs específicos (Cyrino 2000, pag. 10).

Na sua pesquisa, Cyrino (ibidem, pag. 10-11) não encontrou grandes diferenças entre um corpo oral e um corpo escrito; vale mencionar, porém, que o corpo escrito que utilizou consistiu de excertos de peças teatrais do século XX.

4.1.4 Maria E. L. Duarte

O papel do condicionamento social do ON não fica muito claro, mas segundo um artigo de Duarte (1986, apud Cyrino, 2000, pag.2-3), o ON é usado por todas as classes sociais, incluído por quem conhece o uso correto dos clíticos: Duarte conclui que para os seus informantes com mais escolaridade, o ON funcionava como uma estratégia para evitar tanto a (percebida) formalidade do clítico, como o baixo prestígio ou (assim chamado) erro do pronome lexical; estes informantes utilizavam o ON até com antecedentes animados para evitar o pronome de sujeito (veja-se Cyrino 1997, pag. 155).

Duarte fez sobretudo pesquisa sociolinguística sobre o ON no Brasil, e no artigo mencionado acima sob Cyrino (Duarte, 1986), deu uma frase com um espaço vazio a falantes nativos de espanhol, francês, italiano, PB e PP, e todos, exceto os brasileiros, puseram um clítico sentencial neste espaço. Seus dados mostram que o apagamento do clítico no PB é maior nos casos de antecedente [-animado] ou sentencial. Como já mencionado, nos casos de antecedente animado, Duarte encontrou uma maior ocorrência de preenchimento do objeto. (Cyrino 1997, pag. 145)

4.1.5 Jairo M. Nunes

No seu artigo “Direção de cliticização, objeto nulo e pronome tônico na posição de objeto em português brasileiro” (1996), Nunes afirma que os clíticos acusativos de 3ª pessoa não fazem parte do vernáculo brasileiro, e pertencem somente à língua escrita. Nem podem, como os clíticos de 1ª pessoa, de 2ª pessoa, o reflexivo e o clítico de OI, ser usados em início da frase. Nunes lança a sugestão de que a razão para isto seja uma mudança na direção de cliticização fonológica no século passado: no PP, os clíticos são sempre fonologicamente enclíticos, têm uma cliticização direita-esquerda, bloqueando assim sentenças iniciadas por clítico (o que, com efeito, não acontece no PP em qualquer variação). No PB, por outro lado, os clíticos são fonologicamente proclíticos, têm uma cliticização esquerda-direita, e isto permite as frases serem iniciadas por um clítico. Porém, ao contrário dos outros clíticos o clítico acusativo de 3ª pessoa começa por vogal, e os átonos iniciais têm, geralmente, uma tendência para cair.

Assim, uma mudança na direção da cliticização pode ter sido “fatal” para estes clíticos. Nunes também observa que a omissão deste clítico mostra-se na escrita no início do século XIX, no Brasil.

Como uma pequena nota pessoal: na minha experiência, os brasileiros não parecem reagir ao ON, não o veem como algo fora do normal, e é só quando estrangeiros – tipicamente falantes de línguas germânicas – chamam à atenção para o fenómeno, que alguns brasileiros sugerem que o “mais correto” seria o clítico ou o pronome *isso* (e, às vezes, que *ele* é errado e proibido), e que até notam esta diferença. Nunca ouvi chamar erro ou mau ao ON.

4.1.6 Silvia Luraghi

A tipologista italiana Silvia Luraghi, professora assistente da Universidade de Pavia, publicou em 2004 um artigo muito interessante, que originalmente se concentra sobre ONs no latim e grego. O seu objetivo era encontrar traços comuns entre as línguas modernas e antigas que têm ON e as que não têm ON (veja-se também o capítulo 3.1.1 acima). Neste artigo, ela confirma que o ON (ou em inglês *null object*, *NO*), não é nada raro entre as línguas em geral e entre as línguas indo-europeias em especial (Luraghi 2004, pag. 235). Segundo Luraghi, o uso de ON ou não ON numa língua depende da caixa de ferramentas de pronomes que esta língua possui: as línguas que utilizam ON têm certas semelhanças, a mais importante sendo a falta de pronomes oblíquos/átonos ou clíticos ou, como ela escreve: “Languages that only have a distinction between stressed pronouns and their de-emphatic variants normally allow NOs in coordination with adverbs” (ibid., pag. 250) – ou, visto do lado contrário: “NOs do not occur, even in coordination, in languages with highly grammaticalized pronominal forms” (pag. 248): Como contraste, apresenta o árabe, que tem um sistema de clíticos pronominais muito gramaticalizados e não permite ON em nenhuma posição.

Também menciona dois factos muito interessantes no artigo (pag. 247):

Primeiro, no português, a duplicação do clítico para esclarecer a sintaxe da oração quando o OD está fora do seu posto não marcado, não é obrigatória, ao contrário do que acontece com a focalização nas outras línguas românicas. Veja-se este exemplo do italiano, onde o pronome dobrado está sublinhado:

Quel libro L'ho comprato ieri (ex. 5 de Luraghi, pag. 238)

Aquele livro o tenho comprado ontem

Enquanto no português não há nenhum pronome dobrado nestas frases:

Es[s]e livro nunca off[e]reci ao João (ex. 24 de Luraghi, pag. 247)

Considerando isto, ela apresenta a seguinte escala de redução fonológica (em inglês, *phonological reduction scale*), onde o peso fonológico do pronome diminui gradualmente, enquanto o grau de gramaticalização dele aumenta (ibid., pag. 238):

- a) SN ou pronome enfático
- b) pronome átono
- c) clítico especial
- d) pronome incorporado ou afixo
- e) conjugação (verbal) de objeto
- f) zero/nulo

Um clítico especial é um pronome clítico sem a mesma distribuição dos pronomes livres em a) e b): são mais gramaticalizados do que estes e, como se vê na escala em cima, estão mais perto dos afixos morfológicos, por exemplo quando marcam a concordância com o verbo na frase italiana pouco acima. Os clíticos românicos são normalmente considerados clíticos especiais (ibid., pag. 237-238). Como vemos da escala, o ON é a redução fonológica mais alta possível, e também a gramaticalização maior possível.

Ela conclui (ibid., pag. 247) assim, dado que os clíticos portugueses não marcam a concordância dum elemento deslocado com o verbo, que o português parece ter pronomes clíticos menos gramaticalizados do que as outras línguas românicas – e esta sugestão realmente faz muito sentido, tendo em conta a substituição dos clíticos (entre outras possibilidades) pelos pronomes demonstrativos no PB informal.

Luraghi não menciona especificamente o desaparecimento dos clíticos acusativos de 3ª pessoa no Brasil, nem algumas das diferenças entre PB e PP, só fala de “Portuguese”, mas é claro que quando a única possibilidade do falante duma língua para mencionar o objeto direto, é um pronome tónico de várias sílabas, a economia natural linguística torna mais provável a existência de ONs nesta língua, do que o seria numa língua que tem clíticos ou outras variantes átonas.

Como descrevi no capítulo 3.1.1, Luraghi cita dois exemplos de ON no italiano medieval, onde havia ainda esta possibilidade, e menciona que é possível até no italiano e no francês de

hoje com certos verbos de repetição, sem, contudo, apresentar exemplos (ibid., pag. 246). Ela dá, porém, vários exemplos de ONs no latim e no grego antigo.

Em termos de semântica: ao falar do turco, é mencionado que ONs são mais frequentes quando o objeto direto é inanimado (ibid., pag. 250) - exatamente o mesmo que Cyrino e outros encontraram no português.

A sintaxe do ON

Em termos de sintaxe, um dos pontos de Luraghi é que a ocorrência de sujeito nulo (SN) numa língua é uma das condições para esta língua permitir o ON (ibid., pag. 253-254) – o que então, segundo ela, é a razão pela qual as línguas germânicas não possuem ON: não possuem SN. Porém, este argumento não se dá muito bem quanto ao PB, que, pelo contrário, está a perder o seu estatuto de sujeito nulo. Os dois fenómenos SN e ON têm muito em comum, mas a grande diferença entre eles é que muitas línguas marcam o sujeito no verbo, normalmente através da conjugação, enquanto só poucos idiomas possuem conjugação ou marcação do objeto direto no verbo. Assim os ONs são muito mais restritos do que os SNs, porque dependem muito mais – aliás, totalmente – da compreensão do ouvinte ou do leitor através do contexto, do que o SN.

Outra observação sintática de Luraghi é que o ON tem, em todas as línguas em que existe, uma tendência de ocorrer nos mesmos ambientes que os SNs:

- Em ambientes de coordenação como casos de duas orações com o mesmo OD, a chamada *redução de coordenação*, (ela usa o termo inglês, *coordination reduction*) (ibid., pag. 240)
- Em conjunto com participípios que têm o mesmo sujeito (e objeto) do que o verbo que os governa, os chamados participípios conjuntos (ibid., pag 241)
- Em ambientes de converbos (participípios, gerúndios ou advérbios)
- Em ambientes de foco baixo ou não empáticos
- Em contextos em que o tópico se mantém em muitos trechos seguidos (ela usa o termo inglês *high topic continuity*), por oposição a contextos em que o tópico muda frequentemente (ibid., pag. 236-237).

Todos estes casos são condicionados ou pela sintaxe ou pelo discurso, onde a primeira tem sido mais resistente do que o segundo, tanto no ambiente germânico (inglês antigo) como no românico (italiano medieval) (ibid., pag. 246-248). Neste tipo de ambiente é, outra vez, mais fácil para o interlocutor perceber o contexto da referência nula dum ON.

A conclusão final de Luraghi é que a ocorrência do ON numa língua não depende da antiguidade desta língua, mas do seu sistema pronominal: “the occurrence of NOs does not depend on antiquity of the language, but rather, as predictable, on the type of pronominals found at each give language stage.” (ibid., pag. 245).

4.1.7 Gramáticas

Nas gramáticas e obras semelhantes o ON entrou ainda mais tarde: só umas poucas gramáticas têm mais do que uma simples menção do fenómeno.

Na *Gramática do português* da Fundação Calouste Gulbenkian em três volumes, escrita por Eduardo Raposo et al. e imprimida em Lisboa em 2013, há 10 páginas que descrevem e delimitam o ON da elipse de VP e da elipse do complemento oracional (Raposo et. alii 2013, pag. 2339-2348).

O conteúdo destas 10 páginas, escritas por Inês Duarte e João Costa, foi descrito nos capítulos 2.1.1 e 2.1.2 desta tese, mas vale anotar que já aqui se fala de registo: os autores mencionam como os ONs ocorrem “em registos informais de língua oral e na língua escrita corrente pouco formal” (ibid., pag. 2339), comparado com “num registo formal, quer oral quer escrito”, onde, em vez disso, encontraremos objetos realizados com um pronome (ibid.). Esta gramática usa mais espaço para delimitar o ON em relação a outros fenómenos (elipse parcial do predicado, elipse do complemento oracional, uso intransitivo de verbos transitivos, e outros casos de omissão de complementos) do que para falar do ON em si, o que nos diz algo sobre quanto é difícil definir o ON. Note-se que alguns dos casos não incluídos na definição, como o uso intransitivo de verbos transitivos e partes da elipse do complemento oracional, seriam “nulos” também nas línguas em que o ON não se encontra. Outro ponto importante deles é que há vários casos de dúvida: a resposta eco (ibid., pag. 2342), o ON [-animado] nas orações relativas (ibid., pag. 2345), e a questão do ON ser uma topicalização sem realização lexical, também mencionado por Cyrino (ibid., pag. 2346). Esta gramática parece concentrar-se na maioria no PP, mas também menciona o PB, e que há diferenças entre as duas variantes: segundo os autores, no PP seria agramatical a anulação dum objeto direto com antecedente semanticamente animado – não se entende se, para os autores, o contrário deveria valer para o PB, mas neste caso não estão de acordo com Cyrino e outros, que mais frequentemente encontraram o pronome lexical nesta posição no PB. Além desta diferença, relatam que a maioria dos brasileiros aceitam o ONs em ilhas fortes, quando o constituinte omitido for não-animado, enquanto a maioria dos portugueses não os aceitam neste contexto.

ON tem sempre o seu antecedente recuperado ou no contexto discursivo, ou no contexto situacional, ao contrário da elipse.

Além da frase sobre registo informal citada pouco acima, não é mencionado nada do ponto de vista sociolinguístico. Os autores parecem concentrados somente na definição e delimitação do fenómeno, e não no ângulo normativo ou nas eventuais instruções para o uso. Assim, o objetivo deles parece ser ensinar os leitores a identificarem este fenómeno, não a empregá-lo nem a não empregá-lo na sua própria língua.

O ON é também mencionado na gramática de A. T. de Castilho de 2010, *A Nova Gramática do Português Brasileiro*, pag. 301-304. Ali apresentado como um tipo de objeto direto, é chamado “categoria vazia”. Como é uma gramática do PB, não menciona o PP ou alguma existência do fenómeno nessa variante, quer hoje, quer historicamente.

Castilho cita especialmente Tarallo (1983), que aponta para o século XX como decisivo na queda de preenchimento do OD, assim como Duarte (1989) e Cyrino (1997). Concluindo, ele relata quatro fenómenos que teriam ocorridos durante a segunda metade do século XIX: O aparecimento do ON, o aparecimento de *ele* como OD, a mudança na direção de cliticização, e o desaparecimento do clítico. (ibid., pag. 304).

O autor relata também que o ON faz parte do idioleto chamado Português Brasileiro Popular, e que o ON existe também no português de Portugal (PP), embora não tenha a mesma difusão e não possa ser usado em todos os casos onde é usado hoje no Brasil. (pag. 206-209), mas também aparece em 70% dos casos no Português Brasileiro Culto.

Nas gramáticas históricas há ainda menos menções de ON, o mais próximo que pude encontrar foi esta frase, que igualmente parece descrever a elipse do pronome : “Os pronomes pessoais átonos pertencentes a verbos coordenados, quando pospostos, repetem-se, ou subentendem-se do primeiro verbo para o seguinte ou seguintes.” (Silva Dias 1970, pag. 330)

5 Métodos

5.1 Sobre o método utilizado

Para responder às perguntas feitas no fim do capítulo anterior decidi, então, para fazer uma ideia do uso e da difusão do ON no português moderno e no antigo, em diferentes géneros literários e nas diversas variantes, realizar procuras de objetos nulos em diversos corpos eletrónicos. Mais tarde decidi de também analisar “manualmente” um texto, para verificar se havia alguma diferença entre o resultado dos dois métodos, por exemplo se a anotação automática dos corpos teria perdido alguma coisa, ou se os resultados seriam diferentes de outra maneira.

Fiz então uso de três corpos contemporâneos, de dois corpos históricos e de um texto de 30 páginas, onde fiz todas as procuras (veja-se os capítulos 5 e 6 em baixo) no período entre Agosto de 2015 e Setembro de 2016. Vou descrever em seguida cada um dos corpos, explicar porque os escolhi utilizar, e como realizei as procuras. Os resultados serão descritos e analisados no próximo capítulo, o capítulo 6.

A decisão de usar corpos foi tomada não só porque corpos eletrónicos são numerosos e muito acessíveis, como porque servem para ver como se comporta(va) a língua – a língua escrita – no seu ambiente natural: os textos autênticos. Os corpos dão a oportunidade de procurar palavras, conjugações, contextos e ligações sem ter que ler por si próprio quantidades às vezes enormes de textos. Os corpos nem sempre foram usados nos estudos linguísticos, mas agora, com a chegada dos computadores, quando podemos guardá-los e procurar neles muito mais facilmente, sem ter que entrar em compromissos relativamente ao tamanho, à organização, etc. tornaram-se indispensáveis. Além disso, os corpos que usei são todos feitos e anotados por profissionais, e embora costume haver alguns erros na anotação (especialmente na automática), a qualidade destes corpos é geralmente alta e o tamanho bastante grande.

Também por esta razão, decidi usar corpos já existentes, ou seja, dado o meu objetivo, não havia muita razão para compor um corpo próprio, o que é uma tarefa bastante morosa e trabalhosa. O uso de corpos dá acesso a um material muito maior do que eu teria podido colecionar sozinha no período restrito que tem um trabalho deste tipo, e permite (para a parte moderna) comparar o PB com o PP, e comparar géneros diferentes (por exemplo, literários e não-literários). Os corpos que usei, foram todos anotados não só morfologicamente, mas

também sintaticamente, o que me ajudou imenso, e me permitiu dedicar mais tempo às outras partes do trabalho (contudo, devo sublinhar que foi sempre necessário controlar manualmente os resultados).

Além disso, como o ON é ligado à língua informal, para poder observar eventuais diferenças, eu queria empregar corpos de conteúdo o mais variado possível, especialmente quanto se trata da parte contemporânea, onde a variação e seleção tanto de corpos como de textos naturalmente é maior do que nos corpos históricos.

O primeiro desafio na procura foi descobrir nos corpos algo que com efeito não havia lá – os ON são, pela sua própria definição, sem realização fonética e assim são também sem qualquer realização escrita. Até os corpos equipados com anotação sintática não costumam anotar algo que, estritamente falado, não está no corpo (embora haja uma discussão entre linguistas computacionais sobre este assunto). Isto pode ter diversas razões: falta de tempo ou de fundos, ou que os analistas não consideraram os casos nulos uma possibilidade, ou por dificuldades de definição, ou ainda devido a problemas para os sistemas automáticos identificarem casos nulos. Com efeito, C. Ball menciona estes problemas, nomeadamente de procurar pelo ON no seu artigo (Ball, 1994, pag. 297), dizendo que nos estudos baseados em frequência, isto pode seriamente afetar a validade dos resultados.

Só um dos corpos que utilizei – o Tycho Brahe – tinha a possibilidade de buscar ONs diretamente, com a procura por **pro**. Assim, nos outros corpos, depois de várias tentativas fracassadas de procura, descobri que o método melhor era procurar da maneira seguinte: primeiro pelos verbos que tinham objetos diretos, e depois procurar pelos mesmos verbos no corpo quando não tinham objeto – embora isto também desse muitos resultados por mim definidos como não sendo ON, como erros de anotação, e tenha usado muito tempo a filtrar este tipo de resultados. Outra ideia poderia ser, para descobrir o tamanho do fenómeno, buscar a totalidade dos verbos transitivos existentes num certo corpo, e subtrair o número de objetos diretos encontrados. Este método poderá talvez dar uma ideia do número de ONs, mas com todas as fontes do erro que há, não seria demasiado fiável.

5.1.1 Pontos fracos

Antes de descrever os corpos, vou mencionar os pontos fracos do(s) método(s) que utilizei aqui na minha pesquisa, na maneira que o/a leitor(a) pode julgar os meus métodos por si mesmo(a).

Uso de linguagem escrita

Quando se trata da língua moderna, o melhor e mais efetivo para este tipo de pesquisa teria definitivamente sido registar e estudar a língua falada do Brasil e de Portugal “ao vivo”. Contudo, isto seria especialmente no caso que se conseguisse manter os mesmos critérios de época, situação, idade, educação, nível social etc. etc. dos falantes, e conseguir um número suficiente para ser possível tirar conclusões. Assim, embora o uso do ON muito provavelmente seja mais frequente na língua falada do que na escrita, e uma pesquisa e experiência como as descritas teriam sido muito interessantes e enriquecedoras e fornecido material mais interessante, o tempo limitado que corresponde a um trabalho deste género não dava para fazer pesquisas semelhantes, com todo o trabalho que comporta o emprego de fontes orais: planeamento, viagem, gravação, transcrição, análise do material, etc.

Anotação automática de corpos

O uso de corpos automaticamente anotados inclui também fiar-se no programa ou sistema anotador (para a Linguatca, este é o PALAVRAS, veja-se o capítulo 5.2). Porém, até o melhor sistema de anotação comete erros. Particularmente problemáticas são as formas homógrafas (por exemplo, quando aparece *foi*, trata-se de *foi* de *ir* ou *foi* de *ser*? Quando aparece *o*, é o artigo ou o clítico?), assim como várias outras análises onde a semântica é central. Os resultados das minhas procuras foram todos analisados “manualmente” por mim depois da própria procura, mas não se pode nunca saber quais (se alguns) dos ONs nos corpos nunca me apareceram na lista de resultados porque estavam mal analisados pelo programa. Este problema, chamado baixa abrangência (ou *low recall* em inglês), surge quando o/a pesquisador(a) só analisa o que encontra, sem pensar no que **não** encontrou: o termo abrangência ou *recall* descreve a proporção de informação relevante para o/a analista que foi descoberta na procura (Ball, 1994, pag. 295-296). É difícil saber o que se não encontrou, e é muito fácil, quando se tenta tornar mais precisa uma procura, diminuir o *recall*, especialmente quando se trata dum corpo grande. Com este problema não há muito a fazer, pode-se tentar várias procuras diferentes para descobrir mais ONs possíveis, e ter muito cuidado em compor uma procura, mas uma certa quantidade de erros é, como já mencionei, inevitável. Por outro lado, o uso de corpos dá acesso a um conjunto imenso de resultados, o que – no grau que se pode acreditar nos resultados – pode servir de compensação. Já em 1994, a cientista americana Catherine Ball avisou contra pesquisadores fiarem-se demais de resultados vindos de corpos anotados automaticamente. Um dos problemas mais evidentes é que a procura

mesma, se não feita por quem conhece muito bem o corpo e o sistema de análise, pode não ser suficientemente precisa, e assim ou não encontrar o que se queria encontrar ou encontrar demais resultados irrelevantes. Outro é que o corpo em si tem que ser representativo, e representativo para o que se quer procurar, em termos de género, de época e de tipo de língua utilizada. Além disso, quando se calcular uma frequência, é importante utilizar uma unidade relevante, que corresponde à unidade procurada. Dito tudo isso, é claro que a análise tradicional, até se se tivesse todo o tempo do mundo, também não é um método perfeito, porque o analisador é um ser humano e por isso capaz de por exemplo passar ao largo sobre coisas.

Transcrição de corpos orais

Para os corpos orais transcritos, tive que me fiar nas transcrições já existentes, uma vez que não tinha tempo ou conhecimentos para fazer as minhas próprias. Fique claro que a transcrição correta dum corpo oral é extremamente importante, muito central ao resultado e à interpretação dele, e que a distinção entre clítico de OD da 3ª pessoa e outras palavras, por exemplo o verbo em certos casos (como *levo-o*, *muda-a*) pode ser muito fina, quase não-existente para quem escute, e acaba mais ou menos por ser uma questão de interpretação de quem transcreve. Assim, teria talvez sido melhor se esta fosse pelo menos a minha própria interpretação, e não a duma outra pessoa – mas como mencionado, o tempo e os recursos não foram suficientes para isto, e além disso, um falante nativo por definição é melhor para realizar este trabalho. Por outro lado, um falante não nativo pode, às vezes, ver coisas que um nativo, por causa do hábito, não vê.

Falta de contexto

Outro lado negativo importante na utilização de corpos, é que pode obscurecer o contexto dos resultados: Todas as frases dum texto existem, naturalmente, não isoladamente, mas no seu contexto, e muitas vezes não é suficiente só ler a frase que contém o resultado da procura, para entender o seu significado pleno. Certas vezes, um antecedente pode encontrar-se várias páginas antes da frase que foi o resultado duma procura. E com efeito, muitas vezes tive que ir procurar o contexto dum resultado no corpo relevante (para as procuras concretas, veja-se o Anexo D) porque não consegui interpretar a frase sem mais contexto – como mencionado no capítulo 2, o antecedente dum ON encontra-se muitas vezes na frase anterior ou até antes, enquanto a maioria dos corpos só mostram a frase contendo a(s) palavra(s) procurada(s).

Entre os corpos que usei, tanto o ISWOC, como os corpos da Linguatca, como o Tycho Brahe dão a possibilidade de ver o contexto dos resultados. Mas, também, como procurar o contexto para todas as centenas de resultados que dá uma procura como as que eu fiz, leva tempo e requer esforço, é fácil supor em vez de ir verificar. Assim temos novamente o problema da abrangência: nunca se sabe o que se entendeu mal quando nem se sabe que se entendeu mal... Para evitar este problema, especialmente nos corpos de português antigo, li sempre as cinco frases antes e as cinco depois de cada resultado neles.

Problemas com o uso de textos antigos

Os textos medievais em línguas românicas são muito frequentemente traduções do latim ou duma outra língua românica, e raramente se sabe qual era o texto original, ou até se existia um texto original ou só um conto oral. Como se sabe, o efeito de contaminação na tradução é especialmente grande quando se trata de línguas próximas, como o são o português e o espanhol, tanto na versão antiga como a moderna, e também o português e o latim. A contaminação é um fator conhecido quando se trata da sequência das palavras, e seguramente também da sintaxe em geral. Além disso, os princípios da tradução eram muito pouco claros na Idade Média: o tradutor fazia com o texto mais ou menos o que queria: muitas vezes removia partes dele que não achava relevantes, anexava mais texto, mudava o texto, ou explicava partes que achava que precisavam disso. Assim seria melhor dizer que um tradutor medieval era parcialmente tradutor e parcialmente editor – e ainda por cima, normalmente também não se sabe quem foi/foram o(s) tradutor(es) dum dado texto. Veja-se também Eide (2014, pag. 187-188).

5.2 Corpos utilizados - e não utilizados

5.2.1 A escolha dos corpos

Numa dissertação deste nível, é impossível consultar todos os corpos que poderiam ser relevantes, e por isso é muito importante escolher com cuidado os corpos onde fazer as nossas procuras. Precisei de procurar em corpos de tipos diversos, tanto oral como escrito, tanto de português antigo como moderno, tanto de variante portuguesa como brasileira, em vários géneros de texto, e tanto com língua formal como informal. Aqui, em seguida, vou explicar as razões por detrás de cada uma das escolhas que fiz sobre os corpos que utilizei na minha pesquisa.

Museu da Pessoa

O primeiro corpo usado, o Museu da Pessoa, eu já conhecia, porque faz parte da Linguateca (veja-se o parágrafo em baixo) há muito tempo, e como este é um corpo oral (transcrito), tanto com muitas como variadas entrevistas, achei que cabia perfeitamente no meu projeto. Assim decidi consultar este corpo primeiro.

CHAVE

Este corpo jornalístico foi escolhido por várias razões: pelo seu género, o jornalismo (queria variar o mais possível os géneros dos meus textos de procura), pela possibilidade de procurar por variante do português, pelo seu tamanho: quase 98 milhões de palavras, cerca de metade do Brasil e de Portugal, e no fim porque este corpo também se encontra na Linguateca, e é assim mais fácil e seguro fazer procuras nele.

Linguateca – o projeto AC/DC

A Linguateca é um projeto que quer ser, como se apresenta na sua página²¹, “um centro de recursos—distribuído—para o processamento computacional da língua portuguesa”, que pretende “servir a comunidade que se dedica ao processamento da nossa língua”²². Contém, entre vários outros, o projeto AC/DC (Acesso a corpos/ Disponibilização de corpos), que por seu lado, contém (em maio de 2016) 29 corpos em todos os géneros, mas maioritariamente composto de corpos no género jornalístico. O sistema de análise sintática, PALAVRAS, desenvolvido por Eckhard Bick (Bick, 2000), permite procurar entre as 2.646.589.067 palavras. A Linguateca começou como um pequeno projeto no SINTEF (uma instituição norueguesa de pesquisa industrial e técnica) em 1998, mas criou o primeiro corpo de português consultável na rede. Para uma apresentação mais completa da Linguateca, veja-se Santos (2011).

PortFalDA

Através da minha orientadora Diana Santos, conheci também a coleção em forma de CD-ROM do Centro da Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL). Para efeitos de facilidade de procura, ela converteu um subconjunto do material “coleção em forma de CD-ROM do

²¹ www.linguateca.pt

²² Como lido 09/07 2016

Centro Linguístico da Universidade de Lisboa (CLUL)” num corpo textual chamado PortFalDA, através do sistema analisador PALAVRAS. No início este foi um corpo temporário para o meu uso exclusivo, enquanto se tratava da autorização de disponibilização para todos através do sítio da Linguateca.

CIPM

O CIPM (Corpus Informatizado do Português Medieval)²³ teria sido uma escolha natural para a minha tese. Porém, infelizmente tive que desistir deste grande corpo utilíssimo, por duas razões: Primeiro, não trabalho profissionalmente com corpos, não recebi muita instrução no seu método de procura, que era muito pouco intuitivo para mim, e foi difícil encontrar explicações e/ou ajuda para poder aprender a utilizar este corpo. Segundo, durante vários períodos durante a escrita desta tese, a página esteve – pelo menos segundo o meu sistema antivírus – infetada por vírus, e assim impossível de abrir. Consegui, no entanto, ter acesso ao dicionário de verbos no português antigo do CIPM, que inclui definições, valências e exemplos de uso, e que foi de grande ajuda.

ISWOC

Escolhi utilizar o corpo do ISWOC sobretudo porque pertence à Universidade de Oslo e assim era mais fácil tanto obter acesso ao corpo como compreender o seu funcionamento e anotação e a maneira de procurar nele, além de este ser um corpo manualmente anotado, o que imaginei aumentaria a precisão da pesquisa²⁴.

Tycho Brahe

O Corpus Tycho Brahe de Português Histórico, também grande e variado, era mais fácil acessar que o CIPM, e além disso recebi muito ajuda dos seus criadores, Charlotte Galves e Pablo Faria. No início do meu projeto, não sabia que só uma parte tinha anotação sintática, mas mesmo assim, o Tycho Brahe contém um material interessante, com géneros textuais variados (cartas, atas, teatro, sermões, biografias, história local...), tanto de Portugal como do Brasil, e de vários períodos literários (as partes sintaticamente anotadas vão de 1502 a 1836,

²³ cipm.fcsh.unl.pt

²⁴ Ver mais sobre o projeto do ISWOC em <http://www.hf.uio.no/ilos/english/research/projects/iswoc/index.html>

quer dizer, desde o português médio até ao português moderno). E, claramente, a ausência de ONs nos textos pode ser tão interessante como a presença de ONs.

PANTERA

Há uns anos, eu mesma fiz parte da equipa que criou deste corpo de traduções entre norueguês e português, em ambas as direções (veja-se Santos, 2014). Resolvi utilizar também este corpo porque dá mais um ângulo à minha investigação: os ONs aparecem mais em traduções? Posso encontrar mais ONs no português procurando para pronomes de objeto no norueguês, que não tem ON? A fonte desta ideia foi o artigo de Santos (2015).

Textos completos

Decidi também ler e analisar um texto escrito, sobretudo por causa dos problemas levantados por Ball (1994), especialmente onde diz: “suggest that [computational tools for analysing electronic text] be used with a full awareness of their limitations, and that they be coupled with or replaced by manual methods when appropriate.” (pag. 301). Embora este artigo tenha 22 anos, acho que os pontos mais importantes mencionados pela autora ainda são relevantes. Quanto aos textos escritos que analisei, decidi analisar (partes de) a Crónica de D. João I tanto porque já conhecia este texto, como porque se encontra também num dos corpos que utilizei, o corpo do ISWOC, que incorpora os capítulos 1-15. A ideia era, como já mencionado, verificar se os resultados da maneira automática e a maneira “manual” de analisar um texto, apresentariam diferenças entre si. A parte da Crónica de D. João I que eu li e analisei, consiste dos capítulos de 1 até 12.

Outros corpos e algumas considerações

Além disso, entre os outros corpos de português histórico e moderno, muitos deles são fechados para estudantes (ou para todos os não-pesquisadores), e/ou falta-lhes a anotação sintática com a possibilidade de identificar os casos nulos, e/ou são tão complicados que só os profissionais os podem operar. Para mais, através da universidade de Oslo tenho acesso a vários corpos, tanto através da Linguateca, como do ISWOC, cujos funcionamentos já me eram familiares.

Tudo considerado, eu podia claramente ter posto mais cuidado, energia e tempo na seleção dos corpos e pensado melhor antes de começar as procuras empíricas. Além do CIPM, há

outros corpos que poderiam ter sido utilizados, como o Vercial²⁵ ou o OBras²⁶; as obras do Gil Vicente também teriam sido interessantes, como são comédias e por isso língua falada (ou melhor, escrita por um autor para ser falada) e informal – por outro lado, são escritos em rima, e isto poderia ter influenciado a língua nos casos em que Gil Vicente tenha ajustado o número de sílabas para caber na rima, e por isso talvez tenha ajuntado ou tirado um clítico de OD, no caso que estes fossem facultativos. Isto enquanto Cyrino fez partes da sua pesquisa diacrónica nas obras de Gil Vicente, assim que as considerou como relevantes para o desenvolvimento do ON histórico, rima ou não. Irei olhar e considerar os resultados dela mais tarde nesta tese, quando relatar os resultados da minha própria pesquisa.

Continuo ainda a pensar que o ideal mesmo para este projeto teria sido, como já mencionado, fazer as próprias entrevistas e os próprios corpos e transcrições, mas o tempo, a economia e outros fatores infelizmente não o permitiram. Espero, contudo, que eu ou outra pessoa um dia possa fazer isso. Entretanto, penso que é suficiente para esta tese usar seis corpos, quatro modernos e dois históricos, mais um texto escrito. Vou apresentá-los todos aqui, nos parágrafos seguintes.

5.2.1 Apresentação dos corpos: Corpos contemporâneos

Museu da Pessoa

O primeiro corpo de textos modernos que usei, foi o Museu da Pessoa²⁷: este corpo encontra-se, como mencionado, na Linguateca, e consiste numa série de 213 entrevistas com pessoas comuns que contam a história da sua vida (veja-se Taveira e Santos 2016). As 107 entrevistas de Portugal foram transcritas pelo Núcleo Português do Museu da Pessoa (veja-se Almeida et alii, 2000) no âmbito dos seus projetos, e as 106 do Brasil foram realizadas e transcritas pelo projeto do mesmo nome. As 213 entrevistas no corpo da Linguateca são dos anos 1994-2002 (as portuguesas), e da década 2000-2010 (as brasileiras), mas o projeto chamado Museu da Pessoa começou em São Paulo no ano de 1991 e continua a gravar vídeos de novos participantes ainda hoje. O alvo do projeto é, segundo a sua página na internet (veja-se a nota 14 em baixo), “registar, preservar e transformar em informação, histórias de vida de toda e qualquer pessoa da sociedade.” Pessoalmente não escutei as gravações, só fiz uso das

²⁵ <http://linguateca.pt/acesso/corpus.php?corpus=VERCIAL>

²⁶ <http://linguateca.pt/acesso/corpus.php?corpus=OBRAS>

²⁷ veja-se <http://www.linguatca.pt/acesso/corpus.php?corpus=MUSEUDAPESSOA>, ou a página do projeto original: <http://www.museudapessoa.net/pt/entenda/o-museu-da-pessoa>

transcrições das entrevistas. O Museu da Pessoa na Linguatca contem cerca de 1,4 milhões de palavras.

CHAVE

Outro corpo moderno de que fiz uso, o CHAVE²⁸, criado pela Linguatca em 2004 (embora haja várias versões) (veja-se Rocha e Santos, 2007), é um corpo jornalístico, composto por textos tirados de dois jornais, um de Portugal e outro do Brasil (respectivamente o *Público* e a *Folha de São Paulo*) dos anos 1994 e 1995. O corpo CHAVE permite procurar por variante de português (PB e PP), por secção do jornal, por função sintática, por categoria gramatical e por vários outros fatores. Este corpo foi criado para a participação da língua portuguesa no CLEF (*Cross-Language Evaluation Forum*)²⁹, e consiste em cerca de 97,9 milhões de palavras, todas anotadas através do sistema automático de anotação PALAVRAS, criado por Eckhard Bick (veja-se Bick, 2000).

PortFalDA

Além destes dois, procurei também noutro corpo, um corpo oral, criado através de uma cooperação entre o Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL) e o Instituto Camões, na forma duma coleção de quatro CD-ROMs com o nome *Português Falado: Documentos Autênticos (Gravações áudio com transcrição alinhada)*, produzidos no período entre 1995 e 1997, coordenados por Maria Fernanda Bacelar do Nascimento (veja-se Nascimento, 2001). Este material foi colecionado como parte dum projeto chamado *Português Falado, Variedades Geográficas e Sociais*, levado a cabo pelo CLUL em parceria com as universidades francesas de Toulouse-le-Mirail e de Provence-Aix-Marseille. Os quatro CD-ROMs contêm gravações e transcrições da fala de lusofalantes de várias partes do mundo, registadas enquanto os entrevistados conversavam com um entrevistador sobre temas próximos da vida ou dos interesses de cada pessoa entrevistada. As entrevistas tiveram lugar entre 1970 e 2001, e contêm dados relativamente ao lugar ou região de proveniência, à idade, ao sexo, à ocupação e à educação dos falantes. Na minha tese usei só entrevistas do Brasil e de Portugal, onde tentei variar as outras categorias tanto quanto possível. As 30 entrevistas de Portugal e as 20 do Brasil formam juntas o corpo PortFalDA na Linguatca³⁰. O projeto

²⁸ veja-se <http://www.linguatca.pt/acesso/corpus.php?corpus=CHAVE>

²⁹ veja-se <http://www.linguatca.pt/CLEF/>

³⁰ <http://linguatca.pt/acesso/corpus.php?corpus=PORTFALDA>

gravou também 30 entrevistas da África e 11 da Ásia, mas o seu estudo não faz parte da minha tese, visto que escolhi incluir só as duas variantes PB e PP. Por ser um corpo composto maioritariamente da fala de pessoas comuns, poder-se-ia esperar encontrar ainda mais ONs, por causa da oralidade. A parte que está na Linguateca, PortFalDA, consiste de 63 mil palavras.

PANTERA

Como estive envolvida na criação deste corpo bilingue de tradução, foi um prazer poder consultá-lo no trabalho com a minha tese. A construção do corpo PANTERA (Portuguese And Norwegian Texts for Education, Research and Acquisition of relevant knowledge)³¹ iniciou-se em 2013, com o objetivo de incluir todos os livros, de ficção e de literatura especializada, que foram traduzidos de norueguês a português e de português a norueguês. Na parte portuguesa, utiliza a mesma anotação da Linguateca, baseada no analisador sintático PALAVRAS (Bick, 2000). A parte norueguesa utiliza o analisador Oslo-Bergen-tagger (veja-se Johannessen et.alii, 2012). Por razões de direitos de autor, o PANTERA só contém cerca de 10 páginas de cada livro ou texto. Atualmente (24 de outubro de 2016) tem dados de 88 textos, com quase 930.000 unidades (definidas como palavras e sinais de pontuação). Assim, embora ainda esteja em desenvolvimento, não é muito grande, mas é o único de seu tipo (tradução entre norueguês e português). Os textos originais incluídos vão desde 1853 até 2016, enquanto a primeira tradução (de uma obra de Henrik Ibsen) é do ano de 1894.

5.2.2 Apresentação dos corpos: Parte histórica

Tycho Brahe

O Tycho Brahe³² é um corpo histórico-diacrónico muito grande, colecionado em Campinas no estado brasileiro de São Paulo com cuidado filológico, originalmente compilado para estudar padrões numa cooperação entre física e filologia. É um dos maiores corpos históricos para o português, com 73 textos e 3.065.706 palavras. Contém textos desde 1380 até 1904 tanto de Portugal como do Brasil, de muitos e variados géneros literários: peças teatrais, orações, reflexões e cartas pessoais, romances, poesia, gramáticas, biografias, discursos políticos, história local, crónicas de famílias nobres e reais, aventuras, contos, sermões, atas, gazetas e

³¹ http://www.linguateca.pt/dispara/pantera/pantera_nor.html

³² <http://www.tycho.iel.unicamp.br/corpus/index.html>

manuscritos. É anotado tanto morfológica como sintaticamente, mas infelizmente, só uma parte reduzida, 19 textos perfazendo ao todo 823.718 palavras, tem anotação sintática (veja-se a lista sobre os textos sintaticamente anotados, no capítulo 5.3.2). A teoria sintática utilizada na anotação é chomskiana.

ISWOC

A base de dados do ISWOC³³, uma abreviatura de *Information Structure and Word Order Change in Germanic and Romance Languages* (Mudança em Estrutura de Informação e Ordem de Palavras nas Línguas Germânicas e Românicas), foi iniciada em 2010 como um estudo da relação entre a estrutura de informação e a ordem de palavras nas anteriores versões de alemão, inglês, norueguês, português, espanhol e francês. O corpo desenvolvido pelo ISWOC faz uso do programa e do sistema de anotação dum outro projeto, o PROIEL (Pragmatic Resources in Old Indoeuropean Languages)³⁴ para morfologia, sintaxe e estrutura de informação (veja-se Eide, 2014), adaptados para as línguas em questão, e os dois corpos ou projetos partilham as mesmas páginas da internet³⁵. Todas as frases são manualmente anotadas, quer dizer, os pesquisadores anotaram-nas e controlaram-nas.

A parte portuguesa do corpo é composta por cinco textos, dos quais dois são da *Crónica Geral de Espanha* (a parte 1 contém os capítulos 2-12, e a parte 2 os capítulos 155-167), uma obra de 1344 que em português só existe hoje na sua reelaboração feita no ano de 1400, considerada uma parte muito importante da prosa medieval em português. Na realidade, é uma tradução do espanhol *Estoria de Espanna* do século XII, que, por seu lado, pode ser uma tradução duma versão original portuguesa (isto foi sugerido pelo filólogo Lindley Cintra em 1951). Este texto é um tipo de continuação da Bíblia, que relata como algumas das pessoas que foram expulsas da Babilónia chegaram a Espanha e a colonizaram. A versão portuguesa – provavelmente não uma tradução direta – adiciona vários detalhes sobre a colonização de Portugal.

Outra parte do corpo do ISWOC, as *Vidas de Santos de um Manuscrito Alcobacense* (anos 1431-1446), consiste de quatro pequenos textos, três biografias, nomeadamente a *Vida de Santa Pelágia*, a *Vida de uma monja* e a *Vida de Tarsis*, e uma visão religiosa, a *Visão de Túndalo*.

³³ Página internet: <http://www.hf.uio.no/ilos/english/research/projects/iswoc/>

³⁴ <http://www.hf.uio.no/ifikk/english/research/projects/proiel/>

³⁵ foni.uio.no:3000

A Crónica de D. João I (capítulos 1-15) foi escrita pelo cronista Fernão Lopes em 1443, e descreve a subida ao trono, o reinado e a morte do rei português D. João I (1357-1433, reinando desde 1385), o “Mestre de Avis”.

Finalmente temos a obra *Décadas* (Livro 8, capítulos 9-14). Os livros 4 - 12 foram escritos e compilados em Goa entre 1596 e 1616 pelo historiador Diogo de Couto (cerca de 1542-1616), encarregado pelo rei D. Filipe I. Os livros 1 -3 foram escritos por João de Barros (1496-1570), um grande historiador e gramático. Os 12 volumes relatam toda a história das explorações e das conquistas dos portugueses na Ásia.

O ISWOC em português antigo e médio não é muito grande, mas é manualmente, e muito atentamente, anotado. A parte portuguesa contém 63.788 palavras.

Tamanho dos corpos utilizados (em palavras)

Corpo	Palavras	Textos	Época
CHAVE	97.884.763		1994-1995
Museu da Pessoa	1.421.677	213	1994-2010
PortFalDA	63.352	50	1970-2001
Pantera	779.931 (palavras e sinais de pontuação)	79	1881-2016
Tycho Brahe (parte com anotação sintática)	823.718	19	1502-1836
ISWOC	63.788	7	1344-ca.1600

Texto em papel: *A Crónica de D. João I*

O texto que analisei é a mesma crónica histórica de Fernão Lopes descrita acima, embora aqui esteja na versão segundo o códice no. 352 do Arquivo Nacional da Torre do Tombo em Lisboa. As duas versões são diferentes em vários pontos, como se poderá observar nos exemplos citados no capítulo 6. Isto não é nada fora do comum quando se trata de textos antigos. Pelo contrário, o mais comum é existirem várias versões, cópias encontradas em vários lugares em toda a Europa.

5.3 Processo seguido

5.3.1 Corpos contemporâneos

CHAVE

No corpo CHAVE usei, primeiro, uma procura muito simples:

“**[pos=“PERS” & lema=“eu”] [lema=“trazer”] within s**”, que significa: Quero um resultado com o pronome *me*, *eu* ou *mim*, seguido imediatamente do verbo *trazer* e tudo “within s”, com isto tudo dentro a mesma frase³⁶. A razão foi porque queria limitar e simplificar os resultados usando uma só pessoa pronominal (a propósito, nos casos de haver ON, o pronome vai ser ou um pronome de sujeito (*eu*), ou de objeto indireto, como a frase não seria um ON se o pronome fosse de objeto direto), queria usar um verbo o “mais transitivo” possível, e escolhi *trazer* porque é tradicionalmente um verbo transitivo prototípico, já que se tem de trazer alguma coisa.

Depois fiz as seguintes procuras com os dois verbos *levar* e *trazer*: **[lema=“trazer(\+.+)*”]** e **[lema=“levar(\+.+)*”]**, destinadas a encontrar resultados com estes dois verbos, com ou sem enclíticos. Para evitar sobrecarga de trabalho, limitei o número de resultados a 200 casos aleatórios, que é uma função incluída no sistema de procura dos corpos. O CHAVE é um corpo grande, e o resultado original foi muitas vezes isso: aqui *trazer* produziu originalmente 19.337 e *levar* 50.345 resultados.

Museu da Pessoa

Procurei neste corpo com as mesmas duas procuras e os mesmos dois verbos já mencionados no parágrafo em cima sobre CHAVE: **[lema=“trazer(\+.+)*”]** e **[lema=“levar(\+.+)*”]**, e a mesma redução a 200 casos aleatórios, que depois analisei manualmente, frase por frase, como fiz também com os 200 resultados do CHAVE. Aqui *trazer* deu originalmente 618 e *levar* 1224 resultados.

PortFalDA

No PortFalDA, analisei primeiro 12 transcrições de gravações de entrevistas, tentando variar a escolha o mais possível entre as décadas incluídas (1970, 1980 e 1990), país/variante de

³⁶ para mais sobre a anotação da Línguateca, veja-se: <http://www.linguateca.pt/acesso/ anotacao.html>

português (BR e PT), nível de educação, idade e sexo dos falantes (foram desde analfabetos até estudantes universitários, e de 22 a 83 anos, embora não se saiba a idade de todos os informantes), estilo/tom (formal e informal) e localização dentro de cada país (dialetos). Isto embora as datas de algumas categorias (como do Brasil nos anos 1970, de Portugal nos anos 1980 e do Brasil geograficamente visto) fossem escassas e pouco informativas neste corpo. Também aqui as transcrições foram feitas pelo projeto e não por mim, e seria impossível fazer novas transcrições, ou controlá-las a todas.

Mais tarde fiz uma procura para encontrar os casos de “para + INF” com ON:

”para” [temcagr=”.*INF.*” & func=”ICL.*”] - um tipo de oração que foi frequente entre os resultados anteriores (veja-se o capítulo 6), e também um tipo de sintaxe que acho muito interessante. Obtive 137 orações com “para + INF” no PortFalDA com esta procura.

PANTERA

No corpo PANTERA tornou-se possível procurar por função sintática com o analisador Oslo-Bergen tagger do SINTEF já mencionado. As expressões usadas foram duas: [word=”det” & func=”obj”] e [lema=”det” & func=obj”], que deviam dar como resultado casos do pronome inanimado norueguês *det* na função de objeto direto. A ideia aqui era de descobrir eventuais casos onde este pronome não tivesse sido incluído na tradução para português, ou onde houvesse este pronome na tradução norueguesa, mas não no original português. A primeira expressão de procura deu 960 resultados e a segunda 1070 em 11 de novembro de 2016, uma diferença provavelmente causada pela inclusão de *Det* com maiúscula na segunda.

5.3.2 Material histórico

Tycho Brahe

No Tycho Brahe fiz uso da procura (NP-ACC *pro*). Esta procura é destinada a encontrar sintagmas nominais (SN) com função de objeto direto (acusativo) que consistem dum pronome não foneticamente realizado (um *pro*). Encontrei muitos ONs, mas só em dois ficheiros: Um contendo as obras de um só autor, o escritor e dramaturgo português Almeida Garrett (1799-1854, famoso especialmente pelas suas peças teatrais e pelo livro *Viagens na minha terra* (1846)). Todas as frases com ON são originárias de três comédias suas então contemporâneas: *Falar Verdade a Mentir* (1845), *As Profecias do Bandarra* (escrito em 1845,

publicado postumamente) e *O Camões do Rocío* (também escrito *Rossio*) (1852). O outro ficheiro com ONs no Tycho Brahe é chamado *Atas dos brasileiros* e consiste de várias atas escritas entre 1860 e 1869. A análise sintática deste ficheiro chegou tão tarde que não tive tempo para o incluir, menciono-o porque só a sua existência pode ter interesse.

Igualmente interessantes, claro, são todos os textos onde não encontrei ONs: como não todos os textos do corpo foram sintaticamente anotados, pude procurar somente em 20 dos textos no Tycho Brahe (veja-se a lista imediatamente abaixo).

Logo abaixo há a lista de textos com anotação sintática no Tycho Brahe³⁷. Além da lista acessível na página nesta data, 6 de novembro de 2016, o arquivo va_002 (*Atas dos brasileiros*) também já estava anotado sintaticamente.

Só dois destes ficheiros, Garrett e as *Atas dos brasileiros* contêm ONs, os outros não.

Autor (ano de nascimento)		Obra	Época	Variante
Pero Magalhães de Gandavo	(1502) ³⁸	História da Província de Santa Cruz	clássico	PP
Fernão Mendes Pinto	(1510)	Perigração	méd./cláss.	PP
Diogo do Couto	(1542)	Décadas	clássico	PP
Luís de Sousa	(1556)	A vida de Frei Bertolameu dos Mártires	clássico	PP
F. Rodrigues Lobo	(1579)	Côrte na Aldeia e Noites de Inverno	clássico	PP
Manuel de Galhegos	(1597)	Gazeta, Manual Galhegos	clássico	PP
Padre A. Vieira	(1608)	Sermões, Antonio Vieira	clássico	PP/PB
Antonio Vieira	(1608)	Cartas, Antonio Vieira	clássico	PP/PB
José da Cunha Brochado	(1651)	Cartas, J.C. Brochado	cláss./mod.	PP
Maria do Céu	(1658)	Vida e Morte de Madre Helena da Cruz	moderno	PP
André de Barros	(1675)	Vida do apostólico padre Antonio Vieira	moderno	PP
Cavaleiro de Oliveira (Fco Xavier)	(1702)	Cartas, Cavaleiro de Oliveira	moderno	PP
Matias Aires	(1705)	Reflexões sobre a Vaidade dos Homens	moderno	PB/PP
Marquesa de Alorna	(1750)	Cartas, Marquesa de Alorna	moderno	PP
Jose Daniel Rodrigues da Costa	(1757)	Entremezes de Cordel	moderno	PP
J. B. da Silva L. de Almeida Garrett	(1799)	Teatro, Almeida Garret	moderno	PP
Marquês de Fronteira e d'Alorna	(1802)	Memórias do Marquês da Fronteira e d'Alorna	moderno	PP
Camilo Castelo Branco	(1826)	Maria Moisés	moderno	PP
Vários	(~1830)	Atas dos brasileiros	moderno	PB
Ramalho Ortigão	(1836)	Cartas a Emília, Ramalho Ortigão	moderno	PP

ISWOC

No corpo do ISWOC, por outro lado, foi necessário procurar primeiro por verbos transitivos, ou, mais exatamente, por verbos que tinham objeto direto, e, em seguida, entre os 354 casos

³⁷ <http://www.tycho.iel.unicamp.br/corpus/en/catalogo.html>

³⁸ Segundo entendo, esta data pode estar errada, e ele nasceu em 1540.

de verbos transitivos que resultaram desta procura, usei 116 (mais uma vez por causa de limitações de tempo) para uma outra procura, destinada a encontrar casos/frases onde estes mesmos verbos transitivos foram usados sem objeto direto (para as procuras exatas utilizadas, veja-se o Anexo D). Como há vários tipos de verbos sem objeto: uso intransitivo, síncope etc., muitos destes resultados tiveram que ser rejeitados, e só poucos ficaram – veja-se o capítulo 6 para números e estatísticas.

Crónica de D. João I

Mais tarde examinei “manualmente” a primeira parte da *Crónica de D. João I*, para ver se poderia descobrir mais ONs ou chegar a resultados diferentes dessa maneira. Descobri rapidamente, porém, que a edição que eu tinha era diferente da que existia no ISWOC, e que a minha edição várias vezes apresentava clíticos onde o texto no ISWOC não [os] tinha, e também, algumas vezes, o contrário. Como a maioria dos textos desta época, a *Crónica de D. João I* existe em diversas variantes que nos chegaram através de (às vezes) muitos manuscritos que divergem em graus diferentes um do outro. A variante usada no ISWOC veio duma edição de A. Alvares de 1644, incluída também pelo corpo Tycho Brahe, enquanto a variante no texto que li e analisei veio do códice no. 352 do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, como já referido.

6 Resultados

Descrevendo o que descobri nos diferentes corpos, vou considerar outra vez o objetivo/ problema desta tese:

“Que diferenças podem ser encontradas no uso do objeto nulo no português entre o século XV e hoje, e entre as variantes atuais do português, numa seleção de corpos?”

Há inúmeros tipos de diferenças que poderiam ser consideradas. Vou concentrar-me sobre aquelas que acho mais importantes: Primeiro, diferenças entre variantes (PP/PB) e diferenças de época (diacrónicos), também vou olhar diferenças entre géneros de texto, entre o oral e o escrito, entre diferenças de classe/educação, entre dialetos, diferenças entre traduções e texto original, de tom/formalidade, e de sintaxe ou tipo de frase. Mas, primeiro, vou apresentar separadamente um resumo dos resultados que obtive de cada corpo.

6.1.1 Resultados por cada fonte

CHAVE

No primeiro caso, com a procura `[pos="PERS" & lema="eu"] [lema="trazer"]`, encontrei 111 casos, que, revistos manualmente, deram 8 ONs, 5 no PB e 3 no PP (Nr. 1-8 na lista. FSP= o jornal Folha de São Paulo, Público = o jornal português *Público*). Este resultado já foi encorajador.

Como o CHAVE é um corpo grande, a segunda procura, `[lema="trazer(\+.+)*"]` deu 19336 resultados pelo verbo/lema *trazer* e 50344 por *levar*. Julgando que seria impossível analisar tantas frases, pelo menos dentro do campo duma tese de mestrado como esta, fiz uma escolha de 200 resultados aleatórios (o que é uma função oferecida pela Linguatca) para cada um dos dois verbos mencionados, que depois analisei “manualmente”, olhando as frases uma por uma. Originalmente imaginei que *levar* e *trazer*, como verbos tipicamente transitivos, iriam ter valências bastante simples, mas a realidade é que, como verbos frequentes que são, têm uma grande variedade de usos: *trazer* tem muitas vezes sentidos diferentes, como *conter*, *vestir*, *convencer*, ou *render/fazer*, e *levar* tem uma multidão de usos e expressões figurativas: *levar a que...*, *levar em conta*, *levar porrada*, *levar a sério*, *levar uma surra*, *levar a cabo*, *receber*, *usar (tempo)*, *influenciar*... Na realidade, *levar* é um verbo complexo com muitos sentidos e valências divergentes nos sentidos diferentes.

Ainda assim, tendo analisado 400 frases dos jornais Público e Folha de São Paulo, encontrei pouquíssimos resultados: só 2 ONs apareceram, ambos com o verbo *levar*, e ambos da Folha de São Paulo, quer dizer, brasileiros. E, além disso, ambos são citações. Por serem tão poucos, cito-os aqui:

1. FSP941002-089: Empregada—Posso levar_ pra mim?

2. FSP950226-168: Levo_ na ligeira, se acontecer, ótimo».

Vê-se que são réplicas, citações de língua falada. Por outras palavras: a língua escrita, também no Brasil, não contém nenhum ON (no meu material e com estes verbos).

Museu da Pessoa

Entre os 400 resultados do corpo da Linguateca, 200 com *trazer* e 200 com *levar*, 71 frases (Nr. 198-268 na lista) mostraram conter ONs. Esta é uma enorme diferença em relação ao CHAVE, onde só houve 2 ONs em 400 frases. 12 das frases foram de entrevistas com portugueses, e 59 com brasileiros.

O problema – ou, se se quiser, riqueza – que encontrei analisando estas frases, foi que nelas apareceram vários, até muitos, outros ONs associados a outros verbos, e tinha então a escolha entre registá-los ou não. Como um dos fins deste trabalho foi colecionar exemplos de ON, escolhi registar também estes ONs.

PortFalDA

Aqui encontrei muitos exemplos de ONs, mas as 12 entrevistas analisadas mostraram uma grande diversidade na frequência de ON. A parte deste corpo incluída na Linguateca, com as suas 50 entrevistas, contém 5981 orações (ou verbos principais), 119,62 em média por texto.

ISWOC

Como mencionado, encontrei no total 354 casos diferentes de verbos transitivos (ou, melhor dito, verbos com objeto direto) no corpo do ISWOC, e depois foi necessário procurar, para cada um destes verbos, casos onde foram usados sem objeto direto. Nesses 116 verbos (veja-se Anexo E) este número foi bastante alto, com 646 ocorrências. Isto é, houve muitos casos de verbos transitivos sem OD, mas poucos foram ONs verdadeiros, a maioria eram usos

intransitivos dos mesmos verbos (por exemplo, *andar* e *chegar* têm uso transitivo³⁹ e encontram-se entre os 116 casos de verbos, mas a grande maioria dos casos que apareceram foram obviamente aqueles de uso intransitivo, de longe mais comum), ou casos em que o OD é uma oração inteira, que não foram sempre analisados como tal. Mesmo assim, também aqui encontrei alguns, ainda que poucos, exemplos de ONs: Um deles vinha da *Crónica Geral de Espanha*, e dois da *Crónica de D. João I*.

Tycho Brahe

Os resultados do corpo Tycho Brahe vêm todos de peças teatrais, o que quer dizer que são todos réplicas, a maioria são pertencentes a pessoas/papéis das camadas altas na sociedade. Assim esperamos que sejam uma representação bastante fiel do que poderiam ter dito não só a classe trabalhadora, mas também os membros da alta burguesia portuguesa nos meados do século XIX. Isso nos diria que o ON não seria uma característica somente das camadas baixas, mas uma característica da língua mais geral; pelo menos da língua falada, dado que só aparece em peças de teatro.

Mas porque é que os exemplos de ONs se encontram em só dois ficheiros, de toda a grande coleção do corpo Tycho Brahe? Uma parte da resposta é que somente 20 dos 76 ficheiros foram analisados sintaticamente, por isso não se procura em todos ao fazer uma procura sintática. Além disso, o ficheiro Garrett:Teatro (g_004) é um dos poucos contendo peças teatrais, que é um género oral por força, e ainda mais o são as comédias, um género costumadamente cheio de língua coloquial e natural. Embora haja outras comédias no Tycho Brahe, como por exemplo o *Teatro Cômico Português* (1705) de A. J. da Silva, estas não fazem parte dos ficheiros sintaticamente analisados. Também poderia existir diferenças no ponto de vista dos analisadores, já que várias pessoas estiveram envolvidas na análise sintática dos diferentes ficheiros. Embora em geral diferentes anotadores possam ter diferentes opiniões, neste caso 15 dos 16 textos foram revistos pela mesma pessoa, o que certamente uniformizou os critérios. Outra parte da resposta poderia estar no estilo do autor, Almeida Garrett, que fez parte da primeira onda do romantismo em Portugal, o que talvez o fizesse tentar reproduzir mais fielmente a fala contemporânea do que os seus antecessores.

³⁹ Por exemplo «andar uma distância/um caminho», “chegar o carro à porta”.

Crónica de D. João I

Um dos problemas – ou, segundo os otimistas, riquezas – quando se lê um texto “manualmente”, é que não há anotação. Com este facto óbvio quero dizer que nada está claro, nada está classificado, tudo depende do(a) leitor(a). Por outras palavras, descobre-se vários casos que não são claros, que podem ser ONs, mas podem igualmente ser, por exemplo, casos de verbos transitivos com uso intransitivo, dependendo da interpretação da frase. Não se sabe como teriam sido anotados se tivessem sido anotados: apareceriam numa procura ou não? E também: deveria incluí-los na lista dos resultados ou não? Havia também, como já mencionei no capítulo 5, duas versões diversas do mesmo texto, onde certas vezes um texto continha um clítico e o outro texto tinha ON no mesmo lugar.

Exemplos: (livro)

“Senhor, vos mandaaaes fazer esta carta, rresumimdolhe quegemda era, pore, Senhor, disse elle, se vos esta cousa bem esguardar quiserdes, a Vossa Merçee pode emtemder, que per neh~ua guisa e ■ devees de mamdar, por o gram dampno que sse dello seguir pode.” (Cr. de D.J. I, Civilização editora., cap. III, pag. 8. O itálico é do livro)

(ISWOC) “que por nenhuma quifa a deueis de mandar,”

Aqui podemos ter um ON, onde está marcado ou possivelmente enclítico ao seu verbo *mandar*, ou pode ser que *e* seja um erro por *a*, que se referiria à carta mencionada. É impossível saber qual das duas alternativas é a correta.

“E quamdo pedirom pousadas pera elle, mamdou ella correger muy b~e h~ua camara nos Paaços omde pousava, dizendo que queria que pousasse com ella; e rreçebeo ■ mui bem, e fez lhe gramde gasalhado.” (ibid., cap. I, pag. 5)

(ISWOC) “dizendo que queria que pouzaffe com ella, & recebeoo muy vem,”

À primeira vista, este parece um ON – a não ser que a última letra na palavra *rreçebeo* seja uma representação do clítico *o*, hoje escrito *recebeu-o*. Fica claro do contexto que o verbo não pode estar no presente, assim não pode ser *recebe-o*; e a ortografia não pode ser conclusiva, já que no mesmo texto encontra-se tanto casos semelhantes escritos com *h*, como sem *h* no clítico:

“e assi como chorando com prazer se afastou dell hu~u pouco oolhando, e disse:”
(ibid., cap. VI, pag. 14)

“espediosse delle e foisse apos o Prioll seu irmão, e emcalçouho em Pomtevall,”
(ibid., cap. IV, pag. 11)

Se *rreçbeo* no exemplo em cima representa *recebeu* ou *recebeu-o* parece então difícil de decidir.

Há também exemplos de frases que podem ter dois (ou mais) significados:

“E acordarom que pera sse todo melhor fazer, que tanto que o Meestre chegasse aos paaços e começasse em esto de poer mão, que logo Gomez Freire seu page em çima do cavallo em que amdavacomeçasse de viinr rrijo pella villa, braadamdo ataa casa dAlvoro Paaez, dizendo altas vozes, que acorressem ao Meestre dAvis que (■) matavom.” (ibid., cap. VIII, pag. 17)

(ISWOC) “que acorreßem ao Mefre Dauiz que o matauão,”

Se o *que* sublinhado aqui tiver o significado de *porque* ou *como*, então temos um ON antes do verbo *matavom*. Pelo contrário, se tiver o significado “normal” de conjunção subordinada, não temos ON nenhum.

E há verbos que podem ser tanto transitivos como intransitivos, onde não fica claro qual dos dois temos:

“E hordenado ao Meestre as terras do Meestrado e çertas villas e castellos darredor, dando lhe logo em escripto todollos que com ell aviam de guardar (■) e o desembargo do solldo pera elles.” (ibid., cap. 7, pag. 16)

(ISWOC) “dandolhe logo em eßcrito todolos que com elle hauiaõ de guardar,”

O verbo *guardar*, tem significado intransitivo (descrevendo a atividade de guardar em geral), ou refere-se ao que deve ser guardado (as frontarias / as comarcas)? Sem outras dicas, não posso chamar a isto um ON.

O verbo *fazer* parece ter tido uma transitividade um pouco diferente de hoje, visto que descobri vários exemplos com ele usado sem objeto, coisa muito rara hoje:

“COMO ELREI MAMDAVA MATAR O COMDE JOHAM FERNAMDEZ, E PORQUE SSE LEIXOU DE (■) FAZER” (ibid., pag. 7, título do cap. III)

(ISWOC) “& porque fe leixou de fazer.”

Há vários exemplos deste tipo, todos também com *se* impessoal como mencionado no capítulo 6.1.3.

Dito tudo isto, a maioria das frases/verbos no texto tem com efeito pronomes clíticos, nas suas formas hodiernas (*o/a/os/as*) ou às vezes na forma *ho*, para marcar a transitividade do verbo, exatamente como hoje no PP.

PANTERA

A procura [lema="det" & func="obj"] deu 1205 resultados, organizados alfabeticamente segundo o nome dos escritores. Analisei os primeiros 200 resultados, como encontrados na versão de PANTERA de 11 de novembro de 2016, e entre eles encontrei 25 ONs (no. 269-293 no Anexo A).

Escritor	Nacionalidade	Número	Variante	Ano do original
Almada Negreiros	PT	1	PP	1921
Anne Holt (3)	NO	8 (2,67)	3 PB, 5 PP	2004/2006/2007
Bernardo Carvalho	BR	1	PB	2002
Camilo Castelo Branco (2)	PT	6 (3)	PP	1853/1862
Dag Solstad	NO	1	PP	1994
Domingos Pellgrini	BR	3	PB	1980?
Fernando Pessoa	PT	1	PP	1982, escr 1915-1935
Francisco Azevedo	BR	2	PB	2008
José Maria Ferreira de Castro	PT	3	PP	1930
Total: 12 livros, 8 PP, 4 PB	9 trad., 17 org.	26 ONs	17 PP, 9 PB	

Como podemos ver na tabela, os ONs encontrados dividem-se mais ou menos igualmente entre época e entre os livros ou escritores, com entre 1 e 3 ONs por livro. Relacionado à variante nem havia muita diferença, considerado que entre os 12 livros, 8 eram em PP e 4 em PB. Entre traduções e originais, 9 ONs eram das 4 traduções e 16 eram dos 8 originais. Desta pequena procura parece, então, que os tradutores portugueses e brasileiros não se deixem influenciar por uma língua que não tem ON, mas usam igualmente ON nas suas traduções.

6.1.2 Diferenças em estatísticas

Agora, tendo apresentado os resultados de cada corpo, vou analisá-los segundo os critérios referidos no início deste capítulo. Acho importante sublinhar que enquanto o fundo (grandeza

dos corpos, método de pesquisa etc.) não é igual em todos, estas percentagens não valem pouco estatisticamente, e menciono-as somente como ilustração.

Variante

Como se sabe, existem muitas variantes do português no mundo, mas por causa do tempo e espaço restringido, limitei-me às duas melhor documentadas: a de Portugal e a do Brasil.

(Seria muito interessante ver como se comportam a este respeito o português moçambicano, angolano ou timorense, mas tem de ficar para outra altura.)

Na minha análise dos corpos que eram possíveis comparar e assim relevantes no que respeita à variante, descobri que, em alguns dos corpos, o ON era claramente mais difundido no PB do que no PP: Entre as 400 frases que analisei no corpo oral Museu da Pessoa, havia 55 ONs (13,75% das orações): 45 (11,25%, ou 81,8% do total) na parte do PB e 10 (2,5%) na parte do PP.

Estranhamente, no material do PortFalDA, que é o mesmo tipo de corpo: oral com entrevistas transcritas, a divisão foi muito mais equilibrada do que no Museu da Pessoa, com 60 ONs no PP e 67 no PB.

No corpo jornalístico CHAVE, havia muito poucos ONs: 2 na parte brasileira e nenhum na parte portuguesa.

PANTERA também mostrou pouca diferença de variedade, como tanto o número de ONs como o número dos livros no PP foi mais alto, mas como os dois outros, no lado do PB.

Corpo	PP		PB			Total:	
Museu da Pessoa	10	2,5%	45	11,25%	81,8%	55/400	13,75%
CHAVE	0	0	2	0,5%	100%	2/400	0,5%
PortFalDA	60		67		52,8%	127/	
PANTERA	17	2	9	2,67		26	
Total:	87		123				

Época

Embora algumas das variáveis no material, como o género dos textos, não sejam as mesmas, podemos fazer uma comparação partindo da época em que os textos foram escritos. Fica claro que há só poucos casos nos primeiros séculos que analisei, séc. XIV e XV; por outro lado, havia também umas frases desta época tão pouco claras que não as incluí na conta “oficial” em baixo. Nos três séculos seguintes os ONs estão completamente ausentes do Tycho Brahe,

até que entram em cena as comédias de Garret, onde os ONs são bastante numerosos: 47 em três comédias.

Mas, no meu material, o uso de ONs é muito mais comum na idade moderna: como se pode ver na tabela, os três corpos dos séculos XX e XXI contêm ca. 3% (9/294) dos ONs no material⁴⁰. Há, porém, grandes diferenças entre eles: enquanto o PortFalDA mostra 40,5% do total (119/294) e o Museu da Pessoa 17,3% (51/294), o corpo jornalístico CHAVE só contém 0,7% (2/294).

	Século	Período (seg. L. Cintra)	ONs	
Crónica geral de Espanha	XIV/XV	port. antigo/médio	1	
Crónica de D. João 1.	XV	port. médio	8	
Vidas de santos...	XV	port. médio	0	
Décadas	XVI/XVII	port. clássico	0	
Teatro por A. G.	XIX	port. moderno	47	
PANTERA	XIX-XXI	port. moderno	26	
PortFalDA:	XX	port. moderno	119	
CHAVE	XX	port. moderno	2	
Museu da Pessoa	XX/XXI	port. moderno	51	

Género de texto

No meu trabalho analisei uma grande variedade de géneros textuais: textos jornalísticos, transcrições de conversação/entrevistas, crónicas históricas, traduções e peças teatrais, e embora o género dum texto às vezes possa ser difícil de definir, fiz uma classificação aproximada, na tabela em baixo. Há uma grande distância temporal entre alguns destes géneros.

As três crónicas históricas contêm só poucos ONs, e o mesmo acontece nos textos jornalísticos. No texto Vidas de Santos dum manuscrito Alcobacense, consistindo de três hagiografias e um episódio de visões, não encontrei nenhum ON.

Vê-se que três géneros se distinguem: teatro cómico, fições e corpos orais.

	ONs
Crónicas históricas	9
Teatro/comédias	47

⁴⁰ Já que o fundo (tamanho dos corpos, método de pesquisa, etc.) não é igual em todos, estas percentagens não valem muito estatisticamente, mas menciono-as como ilustração.

Corpos orais	170
Jornalístico	2
Hagiografias, visões religiosas (textos religiosos?)	0
Fição (traduções e não)	26

A dimensão oral/escrito

Aqui verificou-se uma grande diferença, no sentido de que, nos corpos consistindo de textos escritos – não transcritos ou escritos para ser interpretados em cena – há um número significativamente menor de ONs. A dicotomia oral/escrito pode muitas vezes ser complicada, e fica ainda mais complicado com todas as maneiras de comunicação eletrónica e dos meios sociais que temos hoje em dia: chat, facebook, SMS etc., onde temos o assim chamado “falar escrito”. Porém neste material o único caso problemático são as peças teatrais, que escolhi contar como língua oral, porque, embora fossem originalmente escritas, a intenção do escritor era de imitar a língua falada, e assim temos que presumir que esses textos se encontrem mais perto deste tipo de língua que da língua escrita. Por outro lado classifiquei os romances como texto escrito, apesar de conterem muito diálogo.

	Século	ONs	
Crónica geral de Espanha	XIV/XV	1	
Crónica de D. João 1.	XV	8	
Vidas de santos...	XV	0	
Décadas	XVI/XVII	0	
CHAVE	XX	2	
PANTERA	XIX-XXI	26	
Total:		37	
Teatro por A. G.	XIX	47	
PortFalDA	XX	119	
Museu da Pessoa	XX/XXI	51	
Total:		217	

Classe social / nível de instrução

Ao longo da maior parte da História, estas duas categorias têm sido mais ou menos sinónimas, e ainda são muito ligadas uma à outra. Por essa razão vou tratá-las juntas (nem tenho, aliás, maneira de as diferenciar, ou seja, uma maneira de determinar a classe social da grande maioria dos escritores/falantes no meu material). Mas nos casos onde foi possível constatar o

nível de educação dos falantes, isto é, no Museu da Pessoa e no PortFalDA, vimos que as pessoas de mais escolaridade, aquelas que tinham ocupações como médico, profissional de rádio ou estudante, geralmente apresentam menos ONs na sua fala. Porém, o efeito não é grande, especialmente no Brasil, varia bastante de entrevista a entrevista, e tem muita correlação com o tema tratado e o grau de formalidade na conversa (um profissional de rádio teria também exigências especiais em relação à sua maneira de falar). O problema é que estes dois são também corpos orais, e assim só podem ser comparados com as contribuições das pessoas mais educadas nos mesmos corpos, e não com textos escritos.

Quanto aos outros textos escritos, podemos supor que foram produzidos por pessoas de pelo menos uma certa instrução (embora “instrução” nem sempre tenha sido a mesma coisa) – Almeida Garret certamente a tinha, e muito provavelmente também os jornalistas em jornais grandes como a *Folha de São Paulo* e o *Público*.

O pai da medicina	80	Lisboa	curso superior	?	médico	formal	0	106	0
Economia e sociedade	80	S. Paulo	curso superior	22	estudante	formal	4	237	1,69
A fazenda	70	Rio de J.	curso superior	30	desconhecido	infor	15	331	4,53
Muito iguais...	90	Araraquara, SP	curso superior	22	estudante	infor	10	376	2,66
Total:							29	1050	2,76
Ao volante	70	Faro	9 anos	25	guia turística	infor	4	131	3,05
A juventude...	90	Braga	11 anos	83	prof. primária	infor	14	262	5,34
Arte urbana	80	Rio de J.	11 anos	44	doméstica	infor	25	276	9,06
Total:							43	669	6,43
A macarronada	80	Rio de J.	4 anos	56	doméstica	infor	12	105	11,43
Amassar e cozer	90	Madeira	0	62	camponesa	infor	28	242	11,57
Homens e bichos	70	Beja	0	59	trabalhador rural	infor	11	147	7,48
Total:							51	493	10,34

Diferenças dialetais

Embora o tamanho pequeno desta procura não permita tirar conclusões válidas relativamente a eventuais diferenças entre dialetos e outras variantes linguísticas, podemos notar que a maior frequência de ONs entre os entrevistados portugueses foi na fala da mulher madeirense, do homem de Beja e da mulher de Braga – localizações bastante distantes umas das outras. Os dados sobre as pessoas entrevistadas mencionam uma cidade, mas não é claro se esta é a cidade onde mora a pessoa entrevistada, ou se é a cidade onde cresceu, onde nasceu ou outra coisa. Para realmente poder dizer algo sobre diferenças dialetais, são precisos dados muito mais exatos e maior quantidade de entrevistados.

O material do Brasil não apresentou muita variedade neste campo, trata-se na maioria de falantes de Rio de Janeiro (vindos de várias camadas da sociedade, porém não das mais baixas), de São Paulo (só pessoas com educação superior), e estudantes na cidade universitária Araraquara, SP, a 270 km. da capital estadual. Por outras palavras, só entre os entrevistados do Rio é que é possível separar educação/classe – socioleto – de dialeto. Isto é importante porque, como se sabe, o Brasil é uma sociedade com grande distância entre o rico e o pobre, também na língua.

Dito tudo isso, a média de ON/oração é mais do que o triplo na fala dos entrevistados do Rio de Janeiro, comparada com os de São Paulo e de Araraquara.

Título	19 -	Lugar	Escolaridade	Id .	Trabalho	Tom	O N	Or.	%
Ao volante	70	Faro	9 anos	25	guia turística	infor	4	13 1	3,05
Homens e bichos	70	Beja	0	59	trabalhador rural	infor	11	14 7	7,48
O pai da medicina	80	Lisboa	curso superior	?	médico	forma l	0	10 6	0
O Leiloeiro	80	Porto	desconhecido	?	leiloeiro	forma l	3	13 0	2,31
A juventude...	90	Braga	11 anos	83	prof. primária	infor	14	26 2	5,34
Amassar e cozer	90	Madeira	0	62	camponesa	infor	28	24 2	11,5 7
A fazenda	70	Rio de J.	curso superior	30	desconhecido	infor	15	33 1	4,53

Arte urbana	80	Rio de J.	11 anos	44	doméstica	infor	25	276	9,06
A macaronada	80	Rio de J.	4 anos	56	doméstica	infor	12	105	11,43
Total							52	712	7,3
Economia e sociedade	80	S. Paulo	curso superior	22	estudante	formal	4	237	1,69
Muito iguais...	90	Araraquara, SP	curso superior	22	estudante	infor	10	376	2,66
Trem de Ferro	90	S. Paulo	desconhecido	?	Prof. de rádio	formal	1	43	2,33
Total							15	656	2,29

Tom/formalidade

Um das maiores diferenças nos corpos orais materializou-se na distância entre entrevistas tratando temas formais: política, sociedade, cultura, tarefas de trabalho; e entrevistas falando de temas mais do dia-a-dia: receitas de cozinha, férias, família e semelhantes, especialmente quando o tom usado é mais formal ou científico, aplicando um vocabulário de nível mais alto. Nas entrevistas com tom ou tema formal, aparecem um número mínimo de ON, enquanto na maioria das com temas informais, os ONs abundam. Também pessoas com estudos superiores usam uma certa quantidade de ONs quando o tom é informal, embora usem sempre menos ONs que as pessoas com menos instrução.

O pai da medicina	80	Lisboa	curso superior	?	médico	formal	0	106	0
O Leiloeiro	80	Porto	desconhecido	?	leiloeiro	formal	3	130	2,31
Economia e sociedade	80	S. Paulo	curso superior	22	estudante	formal	4	237	1,69
Trem de Ferro	90	S. Paulo	desconhecido	?	Prof. de rádio	formal	1	43	2,33
Total:							8	516	1,55
Ao volante	70	Faro	9 anos	25	guia turística	infor	4	131	3,05
Homens e bichos	70	Beja	0	59	trabalhador rural	infor	11	147	7,48

A juventude...	90	Braga	11 anos	83	prof. primária	infor	14	262	5,34
Amassar e cozer	90	Madeira	0	62	camponesa	infor	28	242	11,57
A fazenda	70	Rio de J.	curso superior	30	desconhecido	infor	15	331	4,53
Arte urbana	80	Rio de J.	11 anos	44	doméstica	infor	25	276	9,06
A macarronada	80	Rio de J.	4 anos	56	doméstica	infor	12	105	11,43
Muito iguais...	90	Araraquara, SP	curso superior	22	estudante	infor	10	376	2,66
Total:							119	1870	6,36

Tradução/original

O único corpo a seguramente conter traduções, é o PANTERA; assim vou somente repetir os resultados do cap. 6.1.1: havia pouca distinção tanto entre variantes, como entre épocas, como entre originais e traduções.

6.1.3 Sobre o tipo de frase e contexto sintático

Aqui apresento vários tipos sintáticos de ONs que encontrei no material, junto com a distribuição da sua classificação como (sendo) ONs. Tentei agrupá-los conforme o tipo de frase em que estão, ou por outras características semelhantes.

ONs numa oração “*para* + INF” (oração final)

Uma estrutura sintática que se mostrou muito frequente entre as orações com ON, foi a oração final *para* + infinitivo, onde o infinitivo é o dum verbo transitivo sem objeto, por exemplo na frase 130:

Dona Antónia! não, lorpa; é para _ entregar a a senhora Marianna. [g_004_s_2250]

Por isso decidi dedicar um pouco de atenção a esta construção, e procurei especificamente este tipo de frase nas transcrições dos CDs do Instituto Camões/CLUL: entre 137 frases com *para* + INF, encontrei 20 que usavam ON. O verbo no infinitivo mais frequentemente usado

nesta construção é *comer*, mas note-se que o material usado contém várias entrevistas ou conversas sobre caça, comida, cozinhar, receitas e temas semelhantes.

Como se pode ver dos casos acima, a oração consiste da preposição *para* (algumas vezes escrito na versão mais informal *pra*), às vezes seguida pelo sujeito (como *eu* na frase 7), e seguida de um verbo na forma infinitiva. Quando fica claro do contexto que o objeto que falta se refere a algo concreto ou específico, e não é um exemplo de uso intransitivo, considere estas frases como contendo um ON. Por exemplo:

7. Ao princípio, pareceu-me essa atitude indelicada; depois, percebi que eles queriam escrever cartas para eu _ trazer.

7b: Ao princípio, pareceu-me essa atitude indelicada; depois, percebi que eles queriam escrever cartas para eu as trazer. / para eu trazê-las.

O infinitivo *trazer* na frase 7 refere-se claramente a um objeto específico: as cartas da oração anterior; e não a uma atividade de “trazimento” em si, como seria se fosse um exemplo de uso intransitivo. Na frase 7b inseri o clítico de objeto direto para mostrar o que “falta” na frase 7: um clítico de OD de 3ª pessoa do plural, feminino.

Frases com –se impessoal ou se apassivante:

Uma estrutura sintática que se mostrou bastante frequente entre as minhas orações com ON, foi a oração com *se* impessoal ou apassivante. O *se* apassivante é o uso do pronome *se* como sujeito da frase/oração no sentido impessoal e geral:

Aqui fala-se português .

Como vemos, apesar de ser sujeito, o pronome clítico *se* comporta-se de maneira igual aos casos em que funciona como pronome reflexivo, que tecnicamente são objetos, ou aos clíticos normais de objeto – talvez porque um clítico, sujeito ou objeto, não pode vir antes do verbo em frases “normais”. A única maneira de diferenciar entre os dois, é a semântica: no exemplo anterior, não é o português que se fala a si mesmo. Da mesma forma, no exemplo 20 da lista no Anexo A:

não, mas antigamente, não se _ costumava misturar?
(par=”par193-entAmassar:e:Cozer-PT”)

A interpretação puramente reflexiva, que algo (aqui, trata-se de pó de batata na massa de pão) se misturasse a si mesmo, seria absurda. Tem então de ser um *se* impessoal.

O antigo professor de português da Universidade de Oslo, Kåre Nilsson, no seu artigo sobre reflexivos em espanhol e português (1996, pag. 23), chama a este tipo de frase, característica por não se conseguir individuar nenhum agente, “reflexiva passiva”. Embora ele não mencione nada sobre pronomes clíticos neste parágrafo, nota que a “reflexiva passiva” não pode ser combinada com um verbo já reflexivo, dado que o pronome *se* não pode ser utilizado duas vezes na mesma frase.

Um pouco mais adiante, porém, o autor apresenta outro tipo de reflexivo: “A construção reflexiva com objeto pessoal definido em espanhol”, onde “o sintagma nominal (incluindo a preposição *a*) pode ser substituído pela forma de objeto do pronome pessoal oblíquo e não influência a forma verbal, que nestas construções permanece a 3ª pessoa do singular” (pag. 24, tradução minha do norueguês). Exemplos incluem:

En la ciudad se les emplean como aprendices [...]

Esta é a exacta construção com *se* + pronome clítico não possível em português – classificando o tipo de frase como “em espanhol”, Nilsson parece assim indicar que não existe em português. Também no seu outro artigo (Nilsson, 1996, pag. 18) aborda o fenómeno, dizendo que o espanhol “permite a construção híbrida *se* + forma pessoal de objeto (acusativo)”, uma construção que “falta um paralelo em português”.

A possibilidade do *se* impessoal existe também em várias outras línguas românicas. Mas o português, ao contrário delas, não possui um pronome impessoal específico, como o francês *on*, ou o italiano ou espanhol *uno*: é mesmo preciso ou utilizar uma expressão como *as pessoas* ou *a gente* (este último costuma porém ter o significado de *nós* na linguagem informal), outras pessoas como *nós* ou *tu* empregados no sentido geral (informal), a 3ª pessoa plural dos verbos sem sujeito explícito ou implícito (formal), ou, então, a construção apassivante com *se*.

Tendo já feito esta “descoberta” e escrito este capítulo, descobri, numa gramática de 1968 pelo linguísta brasileira Chaves de Melo, a seguinte nota de rodapé:

Como já vimos, [...], desafia dos hábitos da língua literária, e portanto constitui erro, a combinação de *se* com *o(s)* ou com *a(s)*, pronomes. Nos casos em que supostamente tivesse cabida a junção, ou se cala o pronome acusativo, ou emprega-se o pronome reto [...]. (pag. 266)

Como vimos no exemplo acima, o português tem ênclise dos pronomes clíticos como padrão (pelo menos no PP), e não próclise como as outras línguas românicas, também para o *se* apassivante. Esta era a situação já no início do português como língua escrita, e assim, como mencionado no capítulo 3, já no português antigo o *l-* inicial dos pronomes clíticos de 3ª pessoa de objeto direto desapareceu por ser intervocálico, deixando um pronome que era normalmente iniciado por uma vogal. Depois, o pronome apassivante *se* não se podia juntar com um destes pronomes na gramática portuguesa, provavelmente ou porque duas vogais se encontram⁴¹ (*se + o*) ou porque um pronome sujeito clítico, como é o *se* apassivante aqui, não se combina com um pronome objeto clítico. Nem é possível com a posição proclítica do pronome, como em

*“Não se fá-lo”,

a única forma aceite desta frase é com o pronome tónico:

“Não se faz isso”, ou ainda mais comum:

“Isso não se faz”

o pronome de objeto é anulado, e chega-se ao objeto nulo. Como vemos nos 17 exemplos com *se* apassivante (números 9, 11-20, 24-27, 29 e 247) no Anexo A, todos eles vêm de Portugal – talvez porque no Brasil usem antes um objeto não clítico como *isso*?

Verbo/pronome reflexivo ou passivo: o pronome reflexivo/passivo *se* aparece, mas o objeto direto não. Isto é especialmente frequente na fala duma informante, uma bordadeira madeirense, por exemplo na frase 29:

sim, sim foi aí que eu aprendi que se_ punha...

(par=”par206-entAmassar:e:Cozer-PT”).

Vê-se aqui que o *se* não pode ser reflexivo, isso é, indicar o antecedente (aqui se trata de batatas em pó), pelo contexto; e nem pode ser um verbo transitivo usado intransitivamente, dado que a identificação do antecedente, o OD do verbo *pôr*, fica perfeitamente claro do contexto. Outra possibilidade é que seja um realce de *ali*, mas igualmente, a frase não tem nenhum objeto: punha-se o quê ali?

Estas 20 frases com *se* impessoal + ON constituem 7,4% dos ONs no meu material. 16 destas 20 frases vêm da tal entrevista chamada “Amassar e Cozer”, do corpo PortFalDA, onde a

⁴¹ Embora, com os pronomes de pronome indireto de 1ª e 2ª pessoa, *me* e *te*, não haja problemas, pelo menos não no PP, com frases como “*Dá-mo*”.

entrevistada é uma mulher de 62 anos da Madeira, sem nenhuma educação formal. Como se pode ver, o tema da entrevista é o cozer do pão, e nesta entrevista, este tipo de oração é conspícuo. Consiste dum uso do pronome impessoal *se* sem, ou quase como em vez de, o pronome clítico de OD.

As orações com *se* impessoal + ON parecem indicar que o ON é mais difundido quando o sujeito da frase é indefinido. Não encontrei mais ninguém que tenha chegado a esta conclusão, embora Cyrino se tenha concentrado sobre o antecedente dos ONs.

-Adoro! Exclamações com ON

Como mencionei no capítulo 2, não incluí as respostas eco na minha definição de ONs (embora eu as ache uma componente importante do fenómeno ON). Mas às vezes aparecem orações no material que parecem respostas a perguntas não feitas – não há perguntas no contexto destas frases, mas ainda assim comportam-se como “respostas”⁴², pode-se dizer, talvez, a perguntas imaginadas ou subentendidas. Consistem de um verbo só, em forma de exclamação ou confirmação, que parece querer confirmar uma pergunta hipotética. Exclamações com um verbo só, aparecem muitas vezes nas entrevistas com certas pessoas no Museu da Pessoa: (“A Juventude Ontem e Hoje”, “Arte Urbana”):

-> *ah! achei, achei_ uma, adorei_!* (par=”par270-entArte:Urbana-BR”)

Aqui, o primeiro verbo, *achar*, tem dois argumentos obrigatórios, um OD e um predicativo do OD (por exemplo “achei-a uma beleza”); enquanto aqui, só vemos o predicativo, e dele, só o artigo indefinido, como a falante se interrompe. O objeto direto – a coisa que ela acha uma beleza(?) e adora – não está presente na oração, nem como clítico, nem como pronome pleno, enquanto *achar* é um verbo transitivo neste significado. É, não surpreendentemente, uma característica da língua falada: só aparecem nas entrevistas do Museu da Pessoa e do PortFalDA, e nas peças teatrais.

Predicativo nulo

Tive certas dúvidas quanto a estes “semi-ONs”, mas decidi no fim incluí-los, raciocinando que, para os falantes de português, uma língua não-ergativa, o fenómeno seria provavelmente o mesmo, isso é, se usassem ON com os verbos transitivos, usá-lo-iam também com os verbos

⁴² Aqui se pode entrar numa argumentação sobre o que consiste uma “resposta” e sobre a definição de “pergunta” – para mim, nesta tese, para a simplificação dos critérios, uma pergunta é o que é seguido por um ponto de interrogação, e uma resposta é a frase que segue a pergunta.

de cópula. Nem aqui temos uma distribuição igual: os predicativos nulos no meu material aparecem em duas fontes: nas comédias de Garrett, e numa entrevista do PortFalDA, com uma mulher idosa do norte de Portugal (Braga). O único verbo de cópula a aparecer é *ser*, mas com um número tão baixo como este, isto pode claramente ser só por acaso e em si, esta quantidade não comprova muito. O número de orações com predicativo nulo é, contudo, 8.

6.2 Interpretação dos resultados

Que mudanças podem ser encontradas no uso do objeto nulo no português entre o século XV e hoje, e entre as variantes atuais do português, numa seleção de corpos?

As variáveis que mostraram a maior diferença, segundo os meus resultados no capítulo 6.1.2, foram a época, o género, o modo oral/ escrito, (no Brasil) os dialetos e o nível de formalidade. Elas são parcialmente sobrepostas, especialmente as quatro últimas, e podem ser difíceis de distinguir. Por esta razão pode ser perigoso tirar conclusões demasiado específicas – mas, com isto na memória, vou tentar realçar alguns pontos:

De acordo com os meus resultados, o ON encontra-se muito mais frequentemente nos géneros orais e/ou informais de texto: Como vimos, entre texto formal e informal, o informal eclipsa o formal em número de ONs; a língua oral ensombra da mesma maneira a língua escrita, e a maioria dos ONs escritos, os da PANTERA, vêm de diálogos. A exceção é exatamente aquelas que foram realizadas num tom mais formal, como as entrevistas na rádio, ou sobre temas formais, como política. Por outro lado, nas entrevistas de tom e tema informal com pessoas também das camadas altas da sociedade, não encontrei muito menos ONs, nem entre as personagens/papéis teatrais vindos destas camadas. As entrevistas do Rio de Janeiro, que tiveram bastante mais ONs do que as de São Paulo ou Araraquara, foram também todas conduzidas em tom informal, enquanto entre os géneros textuais, a maior frequência de ONs encontrou-se nas comédias e nas entrevistas nos dois corpos orais, mesmo não sendo os números completamente comparáveis.

Por isso concluo tentativamente que classe e educação não importam demasiado quando o tom da conversa é informal – claro está que a maioria das pessoas com pouca educação raramente é versada no registo formal que serve como alternativa para as pessoas de mais educação.

Como encontrei muito poucos exemplos de ON em textos originalmente na forma escrita – tirando as transcrições e as réplicas de peças teatrais – pode também ser possível que este fenómeno gramatical (ainda?) não tenha sido aceite ou admitido na língua escrita pelos lusofalantes, nem em Portugal nem no Brasil, sendo percebido ou como um erro, ou como um marcador muito oral e/ou informal. Como o ON é pouco mencionado nas gramáticas, exceto as de Rasposo et. al (2013) e de Castilho (2010), e nem ali é visto como um erro, dir-se-ia o segundo. É possível, mas não garantido, que se eu tivesse investigado em jornais e noutro material mais recente, tivesse encontrado mais exemplos.

Também fica claro que é difícil distinguir entre as três variáveis formalidade, oralidade e dialeto, dado o tamanho limitado do material e a natureza da grande sobreposição entre elas.

Quanto à variação temporal, embora a minha seleção de textos em português antigo não fosse muito abrangente, encontrei poucos, muito menos do que esperava antes de começar, mas encontrei alguns: a semente do ON atual existia no português medieval. Mas visto de outra perspetiva:

Uma conclusão temporária poderia ser que, como Cyrino (2000, pag. 1, 8 e (1997)) diz, o ON existia pelo menos desde o português antigo, mas por causa duma reanálise diacrónica houve um aumento significativo do seu uso no Brasil no século XIX. Tanto nas primeiras como nas últimas épocas analisadas, encontramos objetos nulos: estão presentes na língua portuguesa desde o séc. XIV na *Crónica Geral de Espanha*, nas *Décadas* do séc. XVI/XVII, no século XIX nas peças teatrais de Almeida Garrett, até aos nossos dias, nas entrevistas nos corpos Museu da Pessoa e os CDs e no corpo jornalístico CHAVE.

A diferença entre as duas variantes (PB e PP) é menor do que alguns sustentam: confirmei que não há nenhuma dúvida que o ON existe também em Portugal. Nem é uma invenção brasileira, já que existiu no português antes da descoberta do Brasil. Parece, porém, que tenha maior difusão no Brasil. Isto reforça a hipótese de Luraghi (2004) que as línguas que usam ON não têm clíticos, e simultaneamente, também a hipótese de Cyrino (1997) e de Nunes (1996) que relacionam a perda de clíticos no Brasil com o ON. Mas porque será que, então, temos ON também no PP, onde os pronomes clíticos ainda vivem e prosperam?

A construção “*se* impessoal + ON” dá, embora os meus números não bastem para poder tirar conclusões concretas, indicações de que o ON pode ser relacionado com o grau de quão definido é o sujeito da frase, a par do mesmo grau do antecedente.

7 Conclusões e trabalho futuro

Simplificadamente pode-se talvez dizer que o pessoa com menos probabilidade de utilizar o ON é portuguesa, com educação superior, mas sobretudo exprimindo-se por escrito e num tom formal.

Além disso, descobri que não há só ON ou não ON: existem mil definições e mil variantes de ON, e línguas diferentes aceitam mais ou menos destas variedades. Como se define e limita o ON é muito central à mesma questão, porque há vários fenómenos relacionados e que podem ser ou não incluídos na sua definição: a síncope, a resposta eco, o imperativo, etc...

Como mencionei no capítulo 2, uma razão possivelmente importante para o ON se manter em português e não nas outras línguas românicas modernas (exceto certos casos no espanhol onde o objeto é indefinido) é uma mudança fonética, o desaparecimento do *-l-* intervocálico.

É também completamente possível que o maior uso do ON no Brasil esteja relacionado com a perda dos clíticos na língua informal. Se o ON português é diretamente relacionado com o ON do latim, é preciso mais pesquisa para o descobrir! Talvez até seja impossível, dada a falta de documentação da transição do latim vulgar para o português antigo. Mas uma conexão deste tipo é inteiramente possível, dado existirem traços no português antigo, no espanhol (com objetos indefinidos) e no italiano (medieval). É também possível que o ON seja uma invenção do português, mas, nesse caso, deve ter acontecido cedo na história da língua; terá de ter sido antes do século XV, em que encontrei exemplos do fenómeno.

A intenção e o resultado desta tese

Antes desta tese ser escrita, que eu saiba não existia nenhuma coleção de exemplares autênticos de ON: do PP só existiam cerca de 15 frases de exemplo (veja-se o Anexo B), que andavam sempre repetidas em todos os artigos e dissertações seguintes como exemplos de ON. A maioria destas vinha do artigo de Raposo de 1986 e foram muito provavelmente – como ele não dá nenhuma informação sobre a sua origem – inventadas por ele (como falante nativo de PP). No seu estudo de 1997, Cyrino fornece uma lista de 61 exemplos, em que a maioria vem do PB histórico. Parte da minha intenção com esta tese era de preencher esta lacuna. Apresento, no Anexo A, uma lista de 261 casos autênticos de ON em ambas as

variantes do português, os quais espero que possam mostrar-se úteis para a pesquisa futura no campo dos objetos nulos.

Além disso, tinha como objetivo descobrir um método para procurar e encontrar ONs em corpos eletrônicos; mas, como descrevi no capítulo 5, através do trabalho com esta tese não consegui chegar a um método universal de procura, visto que os corpos são todos diferentes em termos de grau de anotação sintática e morfológica, assim como em termos de género, de tamanho, de finalidade, etc.

Ideias para pesquisa futura

- Acima de tudo, seria útil chegarmos a uma definição gramatical comum de ON que fosse mais detalhada e específica, especialmente uma definição que delimitasse o ON em relação à síncope, com que todos concordassem.

- Compilando e explorando um corpo jornalístico mais recente, poder-se-ia ver se haveria mais ONs nos jornais ou em outros textos hoje em dia (2016) do que nos corpos jornalísticos que usei, que são, afinal de contas, já um pouco antigos, dos anos 90.

- Do ponto de vista diacrónico, seria útil a leitura de muito mais textos antigos, especialmente textos de carácter oral e informal como obras teatrais ou romances com muito diálogo, para observar e averiguar melhor a difusão do ON na língua informal do passado. Como em todos os trabalhos, mais tempo e mais dados seriam úteis para encontrar mais ON, consultando mais crónicas históricas, biografias etc. etc. medievais, escritos em ou traduzidos para português, para ver se se encontram mais ONs.

- Como observa também Cyrino (1997, pag. 191), são precisos mais estudos fonológicos e prosódicos, tanto do PB como do PP, para descobrir o grau e a natureza da acentuação (ou falta da mesma) dos clíticos nos diferentes períodos, como descrito no capítulo 2.1.5 na parte *Intercalação*, e também para clarificar a relação entre a sintaxe e a prosódia.

- Outro ângulo muito interessante é o sintático: nesta tese escrevi um pouco sobre orações com a preposição *para* + infinitivo. Mas há também várias outras construções que podem ser consideradas para pesquisa:

As orações com gerúndio, as orações gerundivas, às quais não dediquei muita atenção aqui, mas que me deram a impressão de serem interessantes. O gerúndio é, como o ON, mais usado

no PB, assim pode-se esperar encontrar mais casos em conexão com gerúndios.

A construção “*se* impessoal + ON”, finalmente, é o ponto de partida talvez mais interessante: Seria muito frutífero o estudo dos sujeitos dos ONs para ver se é mais comum serem indefinidos ou não.

Como já foi estudado um pouco a natureza do antecedente, decidi não olhar o ON por esse prisma; porém, por outro lado, assim teria tido mais frutuoso ter algo com que comparar e relatar os meus resultados.

- Seria interessante consultar todas as obras de ensino de português, para ver se alguma delas menciona o ON, e igualmente fazer o mesmo com todas as gramáticas da língua portuguesa (idealmente, tanto para portugueses como para estudantes estrangeiros do português). Será que há mais gramáticas além da gramática da Gulbenkian (Raposo et. al. 2013) e a de Castilho (2010), que tratem de ONs?

- Através de entrevistas com lusofalantes, eu gostaria de descobrir mais sobre o estatuto sociológico do ON: é de facto estigmatizado, ou como a minha experiência limitada me faz crer, nem reparam nele nem sabem da sua existência?

- Para concluir algo sobre a língua falada hodierna, é necessário fazer gravações e registo de fala natural – em outras palavras precisamos de algo como uma continuação do projeto do CLUL de Nascimento et. al., mas desta vez em todos os registos sociais e muito mais lugares (idealmente, claro). Se um pesquisador quisesse explorar a diferença entre língua formal e informal que menciono nesta tese, poderia fazer mais entrevistas com as mesmas pessoas, discutindo temas mais e menos formais, e observando se a frequência de ON muda ou não conforme a formalidade da conversa e do tema. E, na realidade, existem estes projetos, mas não pude ter acesso aos seus materiais. É pena que seja tão difícil para um estudante de mestrado ter acesso aos resultados e aos materiais de pesquisadores no seu campo de estudo – este não é de certo um método que faz avançar a ciência.

- E o mais importante: Visto do lado teórico, para poder continuar a fazer pesquisa no campo de ON, é muito importante encontrar uma maneira mais rigorosa de procurar ONs (e outras partículas nulas) em corpos. Isto quer dizer que idealmente precisaria anotar os ONs (e outros nulos) nos corpos duma forma que tornasse mais fácil, menos complicado e mais inconfundível encontrá-los.

Autocrítica

Se tivesse tido mais tempo para escrever a tese, eu teria sobretudo usado mais tempo para conhecer os sistemas de procura de cada corpo, e para encontrar melhores maneiras de procura nos diferentes corpos. Também teria podido analisar mais material (resultados) de mais fontes: temo que o material desta tese seja pequeno demais para chegar a qualquer conclusão.

Teria obviamente procurado no corpo maior, CHAVE, por mais verbos do que só *trazer* e *levar* – se existisse uma lista com os verbos transitivos mais comuns do português, isso seria um bom ponto de partida para escolher quais verbos usar (talvez *ter*?). Se não existe tal lista, procurar um verbo que não tenha uso intransitivo em nenhum caso, para que os resultados sejam mais claros e indubitáveis.

Outra parte a que eu teria dedicado mais tempo é a definição e delimitação do ON (capítulo 2). Se o tempo tivesse rendido, eu teria percorrido mais gramáticas, antigas e novas, portuguesas e brasileiras, para descobrir se alguém mais tinha falado sobre ele, ou se alguém tinha consciência dele antes da tese de Omena em 1978 e dos vários artigos escritos na década de 1980.

Espero, francamente, que alguém continue esta pesquisa sobre ONs, usando a minha lista de exemplos autênticos do fenómeno tirados de diferentes géneros e variantes

Se eu tivesse usado outros corpos ou textos do português antigo mais perto da língua falada, como peças teatrais, poderia ter encontrado mais ONs, já que parecem ser mais frequentes neste tipo de texto.

Quem _ sabe?

Bibliografia

Alkire, Ti e Rosen, Carol (2010) *Romance Languages*. Cambridge University Press. Cambridge.

Almeida, J. João, J. Gustavo Rocha, P. Rangel Henriques, Sónia Moreira, e Alberto Simões. (2000) *Museu da Pessoa --- Arquitectura*. Em ABAD - Associação Bibliotecários e Arquivistas.

<http://alfarrabio.di.uminho.pt/~albie/publications/mpessoa.pdf>

<http://ambs.perl-hackers.net/publications/mpessoa.pdf>

Amaral, A. (1920) *O Dialeto Caipira*. São Paulo. O Livro.

Bakkejord, Kaja Rindal (2008) *Técnicas de substituição e supressão dos clíticos no português do Brasil*. Tese de Mestrado, Universidade de Oslo.

<https://www.duo.uio.no/handle/10852/26213>

Ball, Catherine N. (1994) *Automated text analysis: Cautionary tales*. em *Literary and Linguistic Computing* 9, 1994, pag. 295-302

Barbosa, Pilar (2000) *Clitics: a window into the Null Subject Property* em Costa, João (ed.): *Portuguese Syntax. New Comparative Studies*. Oxford University Press.

Bick, Eckhard (2000) *The Parsing System "Palavras": Automatic Grammatical Analysis of Portuguese in a Constraint Grammar Framework*. Tese de doctoramento, Universidade de Aarhus.

Castro, Ivo (2006) *Introdução à História do Português*. Edições Colibri, Lisboa. (2ª edição)

Castro, Ivo, Lindley Cintra (1999) *Homenagem ao Homem, ao Mestre e ao Cidadão*, ed. Isabel Hub Faria, Lisboa. Cosmos, pp. 367-370.

Corrêa, V. R. (1992) *O Objeto Direto Nulo no Português do Brasil*. Dissertação de mestrado, UNICAMP.

Cyrino, S. M. L. (1992) *O Objeto Nulo no Português do Brasil - um Estudo Diacrônico*. ms., UNICAMP

Cyrino, Sonia (2000) *The null object in Brazilian Portuguese*. Conferência não publicada, feita na Universidade de Hamburgo

<http://www.unicamp.br/iel/site/docentes/cyrino/berlim%202000.pdf>

Cyrino, Sonia (2000) *O objeto nulo no português brasileiro*. Estudos de gramática portuguesa, Gärtner/Hundte/Schönberger (orgs), vol. III pag. 61-73. Frankfurt am Main.

Cyrino, Sonia (1996) *Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos em Português brasileiro: Uma viagem diacrônica*. Roberts, Ian e Kato, Mary A. (orgs.) Editora da Unicamp (2ª edição)

Cyrino, Sonia (1997) *O objeto nulo no português do Brasil: um estudo sintático-diacrônico*. Editora da UEL. (baseado na sua dissertação de doutoramento em 1994)

Duarte, M. E. L. (1986) *Variação e Sintaxe: Clítico Acusativo, Pronome Lexical e Categoria Vazia no Português do Brasil*. Dissertação de mestrado. PUC-SP.

Duarte, M.E.L. & Varejão, F. (2013) *Null subjects and agreement marks in European and Brazilian Portuguese* em Journal of Portuguese Linguistics. 12(2), pp.101–123.

DOI: <http://doi.org/10.5334/jpl.69>

Ebeling, Signe Oksefjell; Grønn, Atle; Hauge, Kjetil Rå; Santos, Diana (eds.) (2014) *Corpus-Based Studies in Contrastive Linguistics*. Oslo Studies in Language, Vol 6, No. 1.

<https://www.journals.uio.no/index.php/osla/issue/view/72>

Eide, Kristine (1997) *O verbo andar em português e espanhol. Um estudo diacrônico*. Tese de mestrado (“magister”), Universidade de Oslo.

Eide, Kristine (2014) *Studying word order differences in a historical parallel corpus. An example from old Spanish and old Portuguese*, em Corpus-based studies in contrastive linguistics. Ebeling, Grønn, Hauge & Santos (eds.). Oslo studies in language 6(1).

<https://www.journals.uio.no/index.php/osla/article/view/693/813>

Herman, József (trad. do francês Roger Wright) (2000) *Vulgar Latin*. The Pennsylvania University Press.

Huang, C. T. J. (1984) *On the Distribution and Reference of the Empty Categories*. Linguistic Inquiry 15: 531-574.

Ilari, Rodolfo (org.) (2014). *Palavras de classe aberta*. Vol 3. da Gramática do Português Culto Falado no Brasil. Editora Contexto.

Jansen, Heidi & Diana Santos (2016) *På objekt-jakt i korpusland: Portugisisk nullobjekt i tekstkorpus*. Apresentação no Corpus Linguistics Group, Universidade de Oslo 1 de Setembro
<http://www.linguateca.pt/Diana/download/JansenSantos2016.pdf>

Jensen, J. S.; Lohse, B. (1993) *Elementær Portugisisk Grammatik*. Munksgaard Forlag.

Ježek, Elisabetta (2005) *Lessico. Classi di parole, strutture, combinazioni*. Il Mulino. Bologna.

Johannesen, Ole Stig (1978) *Oldportugisisk*. Odense Universitetsforlag.

Johannessen, Janne Bondi, Kristin Hagen, André Lynum & Anders Nøklestad (2012) *OBT+stat. A combined rule-based and statistical tagger*. Em Andersen, Gisle (ed.), Exploring Newspaper Language. Corpus compilation and research based on the Norwegian Newspaper Corpus. John Benjamins Publishing Company. pp. 51-65.

Kato, M.A. (1991), publicado em 1993, *The Distribution of Pronouns and Null Elements in Object Position in Brazilian Portuguese*, em W. Ashby, M.M.G. Perissinotto & E. Raposo (orgs.) *Linguistic Perspectives on the Romance Languages*. Amsterdam. John Benjamins.

Luraghi, Silvia (2004) *Null Objects in Latin and Greek and the Relevance of Linguistic Typology for Language Reconstruction* em Journal of Indo-European Monograph Series, No. 49. Washington DC.
https://www.academia.edu/1019203/Null_objects_in_Latin_and_Greek_and_the_relevance_of_linguistic_typology_for_language_reconstruction

Martins, Ana Maria (1994) *Clíticos na história do português*. Dissertação de doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
http://www.clul.ul.pt/bigfiles/Martins_Tese_1994c.pdf

Martins, Ana Maria (2002) *Mudança Sintática e História da Língua Portuguesa* em História da Língua e História da Gramática, pp. 251-297. Braga.

Matos, M. G. A. P. (1992) *Construções de Elipse de Predicado em Português - SV Nulo e Despojamento*. Tese de doutorado, Universidade de Lisboa.

Mattos e Silva, R. V. (1994) *O Português Arcaico - Morfologia e Sintaxe*. São Paulo. Contexto.

Melo, Gladstone Chaves de (1971) *Iniciação à Filologia e à Lingüística Portuguesa*. Livraria Acadêmica. Rio de Janeiro. (4ª edição)

Nascimento, Maria Fernanda Bacelear do (2001) *Les études portugaises sur la langue parlée* em Carreira, M. H. A. (org.) *Travaux et Documents, Les langues romanes en dialogue(s)*, 11-2001, Université Paris 8, Vincennes Saint-Denis, pag. 209-221.

http://www.clul.ul.pt/equipa/fbacelar/paris8_2001_nascimento.pdf

Nilsson, Kåre (1996) *Innledende betraktninger om reflexiva og alternative uttrykksmåter i portugisisk og spansk*. Em *Romansk Forum* 3/1996, pag. 19-45.

<http://www.duo.uio.no/roman/Art/Rf3-96-1/Nilsson.pdf>

Nilsson, Kåre (1998) *Akkusativ og dativ med (refleksiv) infinitiv i spansk og portugisisk*. Em *Romansk Forum* 8/ 1998, pag. 57-77.

<http://www.duo.uio.no/roman/Art/Rf8-98-2/Nilsson.pdf>

Nunes, Jairo M. (1996) *Direção de cliticização, objeto nulo e pronome tônico na posição de objeto em português brasileiro*, em *Português brasileiro: Uma viagem diacrônica*, Roberts, Ian e Kato, Mary A. (orgs.) Editora da Unicamp, Campinas (2ª edição)

Oliveira, Marilza de (2003) *A perda da preposição a e a recategorização de lhe*. Gel

<http://www.fflch.usp.br/dlc/lport/pdf/maril008.pdf>

Omena, N. P. (1978) *Pronome Pessoal de Terceira Pessoa: suas Formas Variantes em Função Acusativa*. Dissertação de mestrado, PUC-RJ.

Raposo, E. (1986) *On the Null Object in European Portuguese*, em O. Jaeggli & C. Silva-Corvalán (orgs.) *Studies in Romance Linguistics*, Dordrecht, Foris.

Roberts, I. & Kato, M. A. (1993) (orgs.) *Português Brasileiro - uma Viagem Diacrônica*. Campinas, Editora da UNICAMP.

Rocha, Paulo & Diana Santos (2007) *CLEF: Abrindo a porta à participação internacional em avaliação de RI do português*. Em Diana Santos (ed.), *Avaliação conjunta: um novo paradigma no processamento computacional da língua portuguesa*. Lisboa. IST Press, pp. 143-158.

Santos, Diana (2011) *Linguateca's infrastructure for Portuguese and how it allows the detailed study of language varieties*. Em J.B. Johannessen (ed.), *Language variation infrastructure*, OSLa: Oslo Studies in Language 3.2, pag. 113-128.

<https://www.journals.uio.no/index.php/osla/article/view/100/190>

Santos, Diana (2014) *Introdução ao PANTERA*, 24 de novembro de 2014, Universidade de Oslo.

<http://www.linguateca.pt/Diana/download/infoPANTERA.pdf>

Santos, Diana (2015) *Os possessivos estão-me a complicar o ensino ;-)* Um estudo do dativo possessivo baseado em corpora. *Linguística : Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*, 10, pag. 107-130.

<http://www.linguateca.pt/Diana/download/Santos2015DatPoss.pdf>

Santos, Diana (2016) *Comparando corpora orais (transcritos) e escritos na Gramateca*.

Bardel, Camilla & De Meo, Anna (eds.). *Parler les langues romanes/Parlare le lingue romanze/Hablar las lenguas romances/Falando línguas românicas*. Atti del Convegno Internazionale GSCP 2014. Napoli: Università di Napoli L'Orientale, Il Torcoliere.

<http://www.linguateca.pt/Diana/download/SantosGSCP2014.pdf>

Santos (2011-2016). "Pronomes pessoais e reflexos; orações subordinadas". Material das aulas de POR1101, Universidade de Oslo, 2011-2016.

Soares da Silva, Augusto (2000) *A estrutura semântica do objeto indireto em português*. Em: Rui Vieira de Castro & Pilar Barbosa (orgs.), *Actas do XV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Braga. pag. 433-451.

Tarallo, F. (1983) *Relativization Strategies in Brazilian Portuguese*, tese de doutorado, University of Pennsylvania, EUA.

Taveira, Paula & Diana Santos (2016) *Ensaio sobre a revisão da oralidade*. Em Cristina Flores & Isabel Pereira (eds.), Textos selecionados do XXXI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística.

Vincent, Nigel e Harris, Martin (ed.) (1988) *The Romance Languages*. Routledge, London.

Wheeler, D. (1981) *Object Deletion in Portuguese*, LSRL, IX.

Williams, Edwin B (1962) *From Latin to Portuguese*. University of Pennsylvania Press, Philadelphia.

Obras de referência:

Castilho, Ataliba Teixeira de (2010) *Nova Gramática do Português Brasileiro*. Editora Contexto, São Paulo.

Castilho, Ataliba Teixeira de e Vanda, Maria Elias (2012) *Pequena Gramática do Português Brasileiro*. Editora Contexto, São Paulo.

Coutinho, Ismael de Lima (1973) *Gramática Histórica*. Livraria Acadêmica. Rio de Janeiro.

Cunha, Celso e Cintra, Lindley (2008) *nova gramática do português contemporâneo* (5ª edição). Rio de Janeiro.

Dias, Augusto Epiphany de Silva (1970) *Syntaxe Histórica Portuguesa*. Livraria Clássica Editora, Lisboa.

Luft, Celso Pedro (1987) *Dicionário prático de regência verbal*. Editora Ática, São Paulo.

Mateus, Maria Helena Mira, Ana Maria Brito, Inês Duarte & Isabel Hub Faria et alii (2003) *Gramática da Língua Portuguesa*. Caminho, Lisboa. 5ª edição, revista e aumentada.

Melo, Gladstone Chaves de (1968) *Gramática fundamental da Língua Portuguesa*. Livraria Acadêmica, Rio de Janeiro.

Raposo, Eduardo Buzaglo Paiva, Maria Fernanda Bacelar do Nascimento, Maria Antónia Coelho da Mota, Luísa Segura & Amália Mendes (2013) *Gramática do português*. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.

Said Ali, M. (1964) *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. Melhoramentos, São Paulo.

Bibliografia secundária:

Alencar, José de (1957) *O Demônio Familiar*. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, Serviço de Documentação, Departamento de Imprensa Nacional.

Alencar, José de (1870) *Iracema*. B. L. Garnier, 2ª edição, Rio de Janeiro.

Azevedo, Arthur (1986) *O Tribofe*, estabelecimento do texto, notas e estudo linguístico de Rachel Teixeira Valença. Nova Fronteira, Rio de Janeiro.

Caldas Barbosa, Viola de Lereño, (1944) *Prefácio de Francisco de Assis Barbosa*. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro.

Camões (1923) *Comédias*, edição organizada por Paulino Vieira. Nova Era, São Paulo.

Dias Gomes (1987) *O Pagador de Promessas*, Bertrand Brasil, Rio de Janeiro.

Falabella, Miguel (1992) *No coração do Brasil*, ms.

Garret, João Baptista da Silva Leitão de Almeida (1904) *Theatro: Falar verdade a mentir; As Prophecias do Bandarra e Camões do Rocío*. Empresa da Historia de Portugal - Sociedade Editora, Lisboa. (Edição utilizada pelo corpo histórico Tycho Brahe)

Gianfrancesco Guarnieri (1973) *Um Grito Parado no Ar*. Monções, São Paulo.

José da Silva, Antonio (o Judeu) (1957) *Obras Completas*, prefácio e notas do Prof. José Pereira Tavares, Livraria Sá da Costa, Lisboa.

Lopes, Fernão (1994) *Crónica de D. João I*. Livraria Civilização editora, Barcelos.

Marques Rebelo (1940) *Rua Alegre, 12*. Editora Guaíra, Curitiba.

Martins, Pena (1951) *O Juiz de Paz da Roça e O Judas no Sábado de Aleluia*, estabelecimento do texto e notas por Amália Costa. Organizações Simões, Rio de Janeiro.

Matos, Gregório de (1945) *Obras Completas* (Sátiras, Lírica, Graciosa). Edições Cultura, São Paulo.

Mattos e Silva, Rosa Virgínia (2006) *O português arcaico*. Editora Contexto, São Paulo.

Oliveira, C./Machado, S. (1968) *Textos medievais portugueses*. Coimbra Editoria Limitada, (3ª edição).

Pessoa, Fernando/ Soares, Bernardo / Cunha, Teresa Sobral (ed.) (1991) *Livro do desassossego*, Volume II. Editorial Presença, Lisboa.

Vicente, Gil (1968) *Obras Completas*, com prefácio e notas do Prof. Marques Braga, Livraria Sá da Costa, Lisboa.

Corpos

AC/DC

Acesso a corpos/ disponibilização de corpos. <http://www.linguateca.pt/ACDC/>

- CHAVE. <http://www.linguateca.pt/acesso/corpus.php?corpus=CHAVE>
v. Rocha & Santos (2007)
- Museu da Pessoa.
<http://www.linguateca.pt/acesso/corpus.php?corpus=MUSEUDAPESSOA>
v. Almeida et al. (2000), Taveira & Santos (2016)

CIPM

Corpus informatizado do português medieval. <http://cipm.fcsh.unl.pt/>

lista de verbos no port. antigo: <http://cipm.fcsh.unl.pt/verbos/indiceverbos.jsp>

Edições de CIPM (Corpus Informatizado do Português Medieval):

Vidas de Santos de um Manuscrito Alcobacense (VS) Séc. 13/14 (cópias do séc. 15).

A partir de CASTRO, Ivo (org.) (1985). Vidas de Santos de um Manuscrito Alcobacense (Coleção Mística de Fr. Hilário da Lourinhã, Cod. Alc. CCLXVI/ANTT 2274), Lisboa, Centro de Estudos Geográficos, I.N.I.C.

Crónica Geral de Espanha de 1344 (CGE) Séc. 14 A partir de CINTRA, Luís Filipe Lindley (ed.) (1951). Crónica Geral de Espanha de 1344, Lisboa, I.N.C.M.

Crónica de D. João I: Antonio Alvares (ed.), Biblioteca Nacional de Lisboa, 1644. Versão eletrónico: <http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/en/>

ISWOC

Bech, Kristin and Kristine Eide. 2014. The ISWOC corpus. Department of Literature, Area Studies and European Languages, University of Oslo. <http://iswoc.github.com>

PANTERA,

Portuguese And Norwegian Texts for Education, Research and Acquisition of relevant knowledge. <http://www.linguateca.pt/PANTERA/> v. Santos (2014)

PortFalDA

Português Falado: Documentos Autênticos (Gravações audio com transcrição alinhada), conjunto de quatro CD-ROM, produzido pelo Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL), Instituto Camões, com apoio da União Europeia (Programas LINGUA e SOCRATES/LINGUA) numa parceria entre o CLUL, a Universidade de Toulouse-le-Mirail e a Universidade de Aix-en-Provence.

Bacelar do Nascimento, Maria Fernanda. (coord.)

http://www.clul.ul.pt/equipa/fbacelar/portugues_falado_2001_nascimento.pdf

Tycho Brahe

Galves, Charlotte, and Pablo Faria. 2010. Tycho Brahe Parsed Corpus of Historical Portuguese. URL: <http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/en/index.html>

Anexo A Lista de objetos nulos encontrados nos corpos

Nos casos de possível dúvida, inseri a(s) frase(s) anterior(es) entre parentesis [] para fornecer o contexto.

1. [Meu irmão (Laércio Barbosa) foi no Sindicato Rural e viu o papel pregado na parade.] Ele arrancou_ e me trouxe. (FSP940125-086)
2. [Meu irmão (Laércio Barbosa) foi no Sindicato Rural e viu o papel pregado na parade.] Ele arrancou e me_ trouxe. (FSP940125-086)
3. «O SBT está chegando lá. Primeiro, me trouxeram. Agora é o Oscar .Primeiro, me_ trouxeram. (FSP940321-108)
4. [quando eu lhe falei da minha perplexidade como cidadão é porque isso é verdade... Quércia—É mentira.] Xavier—Eu tenho_ aqui, eu trouxe aqui... (FSP940720-016)
5. [quando eu lhe falei da minha perplexidade como cidadão é porque isso é verdade... Quércia—É mentira.] Xavier—Eu tenho aqui, eu trouxe_ aqui... (FSP940720-016)
6. [Special K?] Sim, sei o que é... há uns amigos meus de Nova Iorque que já me_ trouxeram... aliás, para a semana trazem mais. (PUBLICO-19950815-105)
7. «Um, logo que dei entrada; e o seu colega que me_ trouxe... “, completou a doente. (PUBLICO-19950519-183)
8. Ao princípio, pareceu-me essa atitude indelicada; depois, percebi que eles queriam escrever cartas para eu _ trazer.(PUBLICO-19940221-053)
9. peneirava-se a farinha duas vezes e ao depois é que se _ deitava dentro da vasilha. (par=”par150-entAmassar:e:Cozer-PT”)
10. a gente tinha o nosso fermentinho sempre de casa, a gente chamava_ só o crescente. (par=”par177-entAmassar:e:Cozer-PT”)
11. no outro dia amanhecia lêvedo, aquele fermentinho que a gente tinha feito. abafava-se_ bem abafado e no outro dia... (par=”par180-entAmassar:e:Cozer-PT”)
12. no outro dia estava lêvedo, deitava-se_ naquele pão. (par=”par182-entAmassar:e:Cozer-PT”)

13. quando a gente via que estava bom de tender para cima da mesa, tendia-se_.
(par="par182-entAmassar:e:Cozer-PT")
14. ao depois estava o pão ... quente, o forno estava quente, deitava-se_, fazia-se uma rosquilhinha (par="par182-entAmassar:e:Cozer-PT")
15. quando a gente via que abrasa, deixa-se_ ficar mais um pedacinho (par="par182-entAmassar:e:Cozer-PT")
16. (entrevistador) batia-se_ por baixo? (par="par185-entAmassar:e:Cozer-PT")
17. batia-se por baixo, fazia-se assim, aquela coisa e sentia-se mesmo o, o peso de, do pão e quando estava cozido tirava-se_ e abafava-se. partia-se para o almoço ou com peixe ou com carne, ah, o que nosso senhor deparava. (par="par186-entAmassar:e:Cozer-PT")
18. batia-se por baixo, fazia-se assim, aquela coisa e sentia-se mesmo o, o peso de, do pão e quando estava cozido tirava-se e abafava-se_. partia-se para o almoço ou com peixe ou com carne, ah, o que nosso senhor deparava. (par="par186-entAmassar:e:Cozer-PT")
19. batia-se por baixo, fazia-se assim, aquela coisa e sentia-se mesmo o, o peso de, do pão e quando estava cozido tirava-se e abafava-se. partia-se_ para o almoço ou com peixe ou com carne, ah, o que nosso senhor deparava. (par="par186-entAmassar:e:Cozer-PT")
20. não, mas antigamente, não se_ costumava misturar? (par="par193-entAmassar:e:Cozer-PT")
21. antigamente quem _ tinha de casa... misturava. (par="par194-entAmassar:e:Cozer-PT")
22. antigamente quem tinha de casa... misturava_. (par="par194-entAmassar:e:Cozer-PT")
23. amassava_, cozia-se a batata, pela[...], descascava-se, e ao depois ama[...], amassava-se separado e ao depois é que se deitava no pão. limpava-se bem limpinho para não levar...
(par="par194-entAmassar:e:Cozer-PT")
24. amassava, cozia-se a batata, pela[...], descascava-se_, e ao depois ama[...], amassava-se separado e ao depois é que se deitava no pão. limpava-se bem limpinho para não levar...
(par="par194-entAmassar:e:Cozer-PT")
25. amassava, cozia-se a batata, pela[...], descascava-se, e ao depois ama[...], amassava-se_ separado e ao depois é que se deitava no pão. limpava-se bem limpinho para não levar...
(par="par194-entAmassar:e:Cozer-PT")

26. amassava, cozia-se a batata, pela[...], descascava-se, e ao depois ama[...], amassava-se separado e ao depois é que se_ deitava no pão. limpava-se bem limpinho para não levar... (par="par194-entAmassar:e:Cozer-PT")
27. amassava, cozia-se a batata, pela[...], descascava-se, e ao depois ama[...], amassava-se separado e ao depois é que se deitava no pão. limpava-se_ bem limpinho para não levar... (par="par194-entAmassar:e:Cozer-PT")
28. ?ah, não _ põem?! (par="par200-entAmassar:e:Cozer-PT")
29. sim, sim foi aí que eu aprendi que se_ punha... (par="par206-entAmassar:e:Cozer-PT")
30. [do fermento que se fez à noite . Para ficar para a outra...] se, para guardar_. é assim. (par="par219-entAmassar:e:Cozer-PT")
31. mas havia gente que mesmo não _ fazia. (par="par226-entAmassar:e:Cozer-PT")
32. mas o meu pai nunca fazia assim grandes porção de centeio que chegasse a debulhar_ para fazer centeio para mandar moer. (par="par226-entAmassar:e:Cozer-PT")
33. mas o meu pai nunca fazia assim grandes porção de centeio que chegasse a debulhar para fazer centeio para mandar_ moer. (par="par226-entAmassar:e:Cozer-PT")
34. havia gente que _ fazia, aqui no nosso, porque isto aqui a parte onde o campo de aviação comeu, (par="par226-entAmassar:e:Cozer-PT")
35. ?aquele tempo não, não, não se andava muito ah, ah, sozinho, era_, tinha de ser_. ("par="par44-entA:Juventude:Ontem:e:Hoje-PT")
36. não podem, porque q[...], se _ quiserem prender em casa, estragam tudo. (par="par48-entA:Juventude:Ontem:e:Hoje-PT")
37. ?uma, uma educação homogénea, não! mas não _ é. (par="par48-entA:Juventude:Ontem:e:Hoje-PT")
38. não. e tratá-los por tu, ainda menos! esta trata_. (par="par71-entA:Juventude:Ontem:e:Hoje-PT")
39. e eu nunca lhe dei licença de tratar_ por tu. até o neto agora também que a mãe na[...], trata, o neto também trata, o filho dela. (par="par71-entA:Juventude:Ontem:e:Hoje-PT")

40. e eu nunca lhe dei licença de tratar por tu. até o neto agora também que a mãe na [...], trata_, o neto também trata, o filho dela. (par="par71-entA:Juventude:Ontem:e:Hoje-PT")
41. e eu nunca lhe dei licença de tratar por tu. até o neto agora também que a mãe na [...], trata, o neto também _ trata, o filho dela. (par="par71-entA:Juventude:Ontem:e:Hoje-PT")
42. ?não é o mais importante mas olhe que tem influência. tem_, tem_. (par="par77-entA:Juventude:Ontem:e:Hoje-PT")
43. que são mais cuidadosas que o rapaz, que os rapazes. esta não _ foi. esta não _ foi assim muito, não. (par="par83-entA:Juventude:Ontem:e:Hoje-PT")
44. é, é, a mim não _ saíu não, (par="par95-entA:Juventude:Ontem:e:Hoje-PT")
45. para esse cão ser útil, apanhar a lebre para a gente trazer_ para casa para comer; para comer ou para vender a qualquer pessoa (par="par836-entHomens:e:Bichos-PT")
46. para esse cão ser útil, apanhar a lebre para a gente trazer para casa para comer_; para comer ou para vender a qualquer pessoa (par="par836-entHomens:e:Bichos-PT")
47. para esse cão ser útil, apanhar a lebre para a gente trazer para casa para comer; para comer_ ou para vender a qualquer pessoa (par="par836-entHomens:e:Bichos-PT")
48. para esse cão ser útil, apanhar a lebre para a gente trazer para casa para comer; para comer ou para vender_ a qualquer pessoa (par="par836-entHomens:e:Bichos-PT")
49. ?(entrevistador) - ah, quer dizer, ele avisa_, o lagarto. (par="par837-entHomens:e:Bichos-PT")
50. (entrevistador)-> o lagarto é que não faz mal ao homem. - e à mulher faz_? -> à mulher faz. e a... (par="par842-entHomens:e:Bichos-PT")
51. também se podem caçar_ com arma de chumbo, pois claro. (par="par846-entHomens:e:Bichos-PT")
52. (entrevistador) então, mas diga-me uma coisa, mas a arma branca, então, portanto, quem _ apanha é o cão. (par="par850-entHomens:e:Bichos-PT")
53. mas problemas tipo complexo de Édipo, não é, deve ter alguma coisa, com certeza _ tem, (par="par935-entMuito:Iguais:e:Muito:Diferentes-BR")
54. ?mas é legal ser gémea, assim você ter_, mas, apesar de que com a minha irmã, (par="par936-entMuito:Iguais:e:Muito:Diferentes-BR")

55. e nunca aconteceu de você estar longe dela, você se machucar e ela sentir_, ou... o contrário? (par="par942-entMuito:Iguais:e:Muito:Diferentes-BR")
56. ?pode fazer mil cachorradas comigo mas eu vou estar sempre ouvindo o que a pessoa tem a me falar, e se eu não _ ouvir, eh, eu vou ficar mal, entendeu, (par="par947-entMuito:Iguais:e:Muito:Diferentes-BR")
57. ela não _ quer nunca mais olhar na cara, ela não quer nunca mais ver (par="par947-entMuito:Iguais:e:Muito:Diferentes-BR")
58. ela não quer nunca mais olhar na cara, ela não _ quer nunca mais ver (par="par947-entMuito:Iguais:e:Muito:Diferentes-BR")
59. não sei se é porque eu fico fora a semana inteira, só _ vejo de fim-de-semana, (par="par948-entMuito:Iguais:e:Muito:Diferentes-BR")
60. quando interessa para ela, ela troca alguma coisinha, ela empresta_, tudo (par="par954-entMuito:Iguais:e:Muito:Diferentes-BR")
61. assim eu vou, troco_, sabe, ela usa meu perfume, eu uso perfume dela, sabe, pedindo, tal, falando, não é, não é também assim vai pegando, vai usando, sabe, (par="par954-entMuito:Iguais:e:Muito:Diferentes-BR")
62. assim eu vou, troco, sabe, ela usa meu perfume, eu uso perfume dela, sabe, pedindo, tal, falando, não é, não é também assim vai pegando_, vai usando, sabe, (par="par954-entMuito:Iguais:e:Muito:Diferentes-BR")
63. assim eu vou, troco, sabe, ela usa meu perfume, eu uso perfume dela, sabe, pedindo, tal, falando, não é, não é também assim vai pegando, vai usando_, sabe, (par="par954-entMuito:Iguais:e:Muito:Diferentes-BR")
64. outra vez em Albufeira - não sei se _ conhece (par="par244-entAo:Volante-PT")
65. depois foi um problema, queria-se chamar a polícia, não _ havia, como sempre nestas terrazinhas não há nada! (par="par249-entAo:Volante-PT")
66. os carros são todos tão ruins que nem, nem dão para as pessoas bater_. (par="par265-entAo:Volante-PT")
67. às vezes as pessoas vão entregar uma peça e dizem "ai eu vendo esta peça mas não _ vendo por menos de xis" (par="par1179-entO:Leiloeiro-PT")

68. tem que fazer_, tem que ir peritar e especialmente na pintura. (par="par1182-entO:Leiloeiro-PT")
69. tem que fazer, tem que ir peritar_ e especialmente na pintura. (par="par1182-entO:Leiloeiro-PT")
70. ?cada ala com o seu banheiro... servindo_. (par="par1-entA:Fazenda-BR")
71. ?depois tem uma porta bem grande de ferro que _ separa da copa. (par="par1-entA:Fazenda-BR")
72. o fundo da piscina deu defeito, tiveram que esvaziar_ e pi[...], e pintar, e limpar (par="par12-entA:Fazenda-BR")
73. o fundo da piscina deu defeito, tiveram que esvaziar e pi[...], e pintar_, e limpar (par="par12-entA:Fazenda-BR")
74. o fundo da piscina deu defeito, tiveram que esvaziar e pi[...], e pintar, e limpar_ (par="par12-entA:Fazenda-BR")
75. e este lugar justamente, quando os tios _ mandaram fazer, (par="par18-entA:Fazenda-BR")
76. ?eles acharam que seria um lugar ideal porque _ alargava ligeiramente, (par="par18-entA:Fazenda-BR")
77. então eles represaram o rio, fecharam_, mandaram cavar, mandaram limpar e conservaram as pedras naturais (par="par18-entA:Fazenda-BR")
78. então eles represaram o rio, fecharam, mandaram cavar, mandaram limpar_ e conservaram as pedras naturais (par="par18-entA:Fazenda-BR")
79. ?a gente entra, a gente faz_ aposta, sabe, de passar tempo lá, (par="par29-entA:Fazenda-BR")
80. ?então, você sai da fazenda para ficar supervisionando_, essas coisas assim que absolutamente não te afectam muito... (par="par29-entA:Fazenda-BR")
81. está-se presumindo que essa casa já foi, nós encontrámos_, quer dizer, nós não, meus tios encontraram com, quando compraram a fazenda já tinha essa casa. (par="par35-entA:Fazenda-BR")

82. está-se presumindo que essa casa já foi, nós encontrámos, quer dizer, nós não, meus tios encontraram_ com, quando compraram a fazenda já tinha essa casa. (par="par35-entA:Fazenda-BR")
83. então que os escravos ali se refugiaram, mas que _ descobriram e fizeram morticínio. (par="par39-entA:Fazenda-BR")
84. as crianças... apavoradas, mas ninguém com coragem de demonstrar_, (par="par43-entA:Fazenda-BR")
85. mas que deu susto, deu_! (par="par43-entA:Fazenda-BR")
86. às vezes o outro, o caçula é que fala "pai, vamos fritar_" (par="par106-entA:Macarronada-BR")
87. "pai, pode deixar que eu frito o ovo para o senhor." aí ele frita_. (par="par107-entA:Macarronada-BR")
88. e no pão, ele gosta fritar ovo, botar_ no pão, (par="par111-entA:Macarronada-BR")
89. boto linguíça e boto toucinho de fumeiro, não é, assim por, ele adora_! (par="par116-entA:Macarronada-BR")
90. ah! eu to[...], eu faço_ só de patinho. (par="par122-entA:Macarronada-BR")
91. boto um, pego um paio e coloco_ assim por dentro, (par="par125-entA:Macarronada-BR")
92. ponho_ para o fogo para assar, com bastante óleo, não é, (par="par126-entA:Macarronada-BR")
93. ponho para o fogo para assar_, com bastante óleo, não é, (par="par126-entA:Macarronada-BR")
94. deixo_ ali, vai, vai cozendo, assando devagarzinho, devagarzinho, depois vai corando, (par="par129-entA:Macarronada-BR")
95. aquelas batatinha, ponho_, ainda fica, é assim que eu faço. (par="par131-entA:Macarronada-BR")
96. aquelas batatinha, ponho, ainda _ fica, é assim que eu faço. (par="par131-entA:Macarronada-BR")

97. ?depois eu encho_ de queijo, aquela carne assim por cima. marido adora!
(par="par146-entA:Macarronada-BR")
98. depois eu encho de queijo, aquela carne assim por cima. marido adora_! (par="par146-entA:Macarronada-BR")
99. (entrevistador) eu mesmo não conhecia essas de[...], delegacias, e qual era a real função de cada uma delas, não é, não _ sabia. (par="par737-entEconomia:e:Sociedade-BR")
100. ele mesmo sabe que ele não tem a força de invocar o direito. porque não _ tem mesmo, (par="par741-entEconomia:e:Sociedade-BR")
101. [implantou uma revolução, ele falou numa ditadura do proletariado.] --exatamente. falou_. (par="par761-entEconomia:e:Sociedade-BR")
102. [e na verdade não existe essa ditadura do proletariado.—hum, hum.] porque a coisa ao longo do tempo foi transformando_, (par="par761-entEconomia:e:Sociedade-BR")
103. então num país continental como este, nós carregamos mercadoria em Porto Alegre e mandamos_ para Fortaleza num caminhão; (par="par1755-entTrem:de:Ferro-BR")
104. é o que eu te disse que adorei, mas adorei_! (par="par270-entArte:Urbana-BR")
105. meu pai foi fazendeiro, então, tem essa história toda aí, eu gosto muito, sabe, e eu achei, mas eu achei_ uma be[...], adorei! (par="par275-entArte:Urbana-BR")
106. meu pai foi fazendeiro, então, tem essa história toda aí, eu gosto muito , sabe, e eu achei, mas eu achei uma be[...], adorei_! (par="par275-entArte:Urbana-BR")
107. -> adorei_. (par="par273-entArte:Urbana-BR")
108. achei_ a melhor coisa que eu fiz assim em termos de viagem, assim de coisa pi[...], nada de excepcional, mas eu acho uma beleza. (par="par273-entArte:Urbana-BR")
109. achei a melhor coisa que eu fiz assim em termos de viagem, assim de coisa pi[...], nada de excepcional, mas eu acho_ uma beleza. (par="par273-entArte:Urbana-BR")
110. -> ah! achei, achei_ uma, adorei! agora, eu sou louca para conhecer Olinda. (par="par275-entArte:Urbana-BR")
111. -> ah! achei, achei uma, adorei_! agora, eu sou louca para conhecer Olinda. (par="par275-entArte:Urbana-BR")

112. e eu nunca fui. mas eu tenho uma vontade muito grande de conhecer_. Olinda!
(par="par283-entArte:Urbana-BR")
113. -> ai, achei_ lindíssima! linda! Tiradentes é um, realmente encantador. achei lindo!
(par="par298-entArte:Urbana-BR")
114. -> ai, achei lindíssima! linda! Tiradentes é um, realmente encantador. achei_ lindo!
(par="par298-entArte:Urbana-BR")
115. e eles são tão simpáticos, assim, achei_ ótimo! (par="par298-entArte:Urbana-BR")
116. mais, eu achei_ uma gracinha! muito pequenininho, tudo isso, mas achei uma gracinha, porque é limpo. (par="par299-entArte:Urbana-BR")
117. mais, eu achei uma gracinha! muito pequenininho, tudo isso, mas achei_ uma gracinha, porque é limpo. (par="par299-entArte:Urbana-BR")
118. e eu não sei se é porque tem mais verde, não é, parece um presépio, eu achei_ lindo.
(par="par299-entArte:Urbana-BR")
119. eu achei que era um lugar que eu já conhe[...], não era nem que _ conhecia.
(par="par301-entArte:Urbana-BR")
120. dá, sabe, assim, já _ conheço no sentido, mas um conheço gostoso. (par="par303-entArte:Urbana-BR")
121. não é aquele conheço, assim, chato, já _ conheço chato. (par="par303-entArte:Urbana-BR")
122. -> um já _ conheço assim, é uma coisa que faz parte da, da minha herança,
(par="par305-entArte:Urbana-BR")
123. (entrevistador) não _ conheço. (par="par308-entArte:Urbana-BR")
124. tacar ladrilho nas casas que não têm nada a ver _. (par="par313-entArte:Urbana-BR")
125. o governo tem muita responsabilidade nisso. tem que _ ter. (par="par315-entArte:Urbana-BR")
126. [Se elle falou com meu pae , aposto que já .] Nunca _ vi: é que não pode, mente por hábito e sem saber o que faz. [g_004_s_142] (Amália)
127. Emfim, vendi_ e não fiz mal. [g_004_s_243] (Duarte)

128. Um homem de uma fortuna immensa, um negociante retirado, Thomaz José Marques. Há de conhecer_. [g_004_s_248] (Bráz Ferreira)
129. Sou eu: dá_ cá. [g_004_s_257] (Bráz Ferreira)
130. Cale se , que _ pode ouvir meu pae. [g_004_s_272] (Amália)
131. Faço idéa: em a sua posição, ha de lhe ser preciso realizar_ , ainda que não seja senão para as suas fianças. [g_004_s_363] (José Felix)
132. Isso não é bonito; prometeu_, deve cumprir. [g_004_s_374] (José Felix)
133. Isso não é bonito; prometeu, deve cumprir_. [g_004_s_374] (José Felix)
134. A casa fez se este anno, ainda lhe não puzeram grades em o terraço. repare bem em esta circunstância. note_. [g_004_s_453] (Duarte)
135. Eu trazia meu umbella [sic], podia ter abrido_. [g_004_s_500] (JoséFelix)
136. Eu não _ podia adivinhar, e vinha de propósito ralhar com elle. [g_004_s_599] (General)
137. ?[não lhes faz conta?] Certamente que _ faz. [g_004_s_692] (Duarte)
138. ?Digo eu que faço obra para a fidalguia de o bairro. E faço_. [g_004_s_788] (Thomé)
139. ? Dará se caso? Eh! deixar os. [g_004_s_977] (Thomé)
140. ?[-Que diacho de cantiga é aquella de os basalicões?] Dará se caso ...? ? [g_004_s_1009] (Thomé)
141. Hein, o caso era _ . [g_004_s_1011] (Thomé)
142. - Essa agora ...! ! [] Pois eu tenho_ cá ...? ? [g_004_s_1058] (Thomé)
143. Olhe, mestre , se vir o primo Sebastião, diga lhe_. [g_004_s_1150] (Catharina)
144. ?Estás me logrando, maroto? Toma_. [g_004_s_1187] (Sebastião)
145. [scene marking: (Dá lhe)] Não me_ dê, senhor Sebastião! [g_004_s_1188] (Thomé)
146. não me_ dê, que lhe vou falar a verdade. [g_004_s_1189] (Thomé)
147. [A menina é minha prima, sua filha, para quem esse vil sevandija se atreve a levatar os olhos.] Deixar o levantar_. que levante. [g_004_s_1240] (Pantaleão)

148. [A menina é minha prima, sua filha, para quem esse vil sevandija se atreve a levantar os olhos.] Deixar o levantar. que _ levante. [g_004_s_1240] (Pantaleão)
149. E minha filha, minha filha tem mais juízo de o que tu, e sabe apreciar_. [g_004_s_1257] (Pantaleão)
150. Mas olha tu, remendão indigno, olha bem para mim e lembra te_. [g_004_s_1260] (Sebastião)
151. ?É a historia de o Bandarra: querem ver_? [g_004_s_1303] (Sebastião)
152. [Pois eu prometto, eu farei quanto poder, mas tenho medo] Medo de quê? Não _ verão! [g_004_s_1341] (Anna)
153. Inda bem, sim senhora e não lhe posso livrar mais nada agora; logo _ verá, descance. [g_004_s_1346] (Anna)
154. Aceito a expressão de o vosso entusiasmo, de a vossa aprovação, mas rejeito_. [g_004_s_1428] (Pantaleão)
155. [-Apoiado!] Não _ apoiem, não _ apoiem, que não digo mais palavra. [g_004_s_1433] (Pantaleão)
156. [-Eu Epaminondas, senhor! Oh ...! !] És Epaminondas, Pantaleão, és_; [g_004_s_1510] (Thomè)
157. ?deixar o ser_. [g_004_s_1514] (Thomè)
158. Isto é honra de mais; eu não _ merecia. [g_004_s_1519] (Pantaleão)
159. Pois sou_, meus senhores, sou eu o Bandarra. [g_004_s_1532] (Thomé)
160. Anna não lhe_ disse? [g_004_s_1633] (Thomé)
161. Deixe_ estar que nós o ensinaremos. [g_004_s_1874] (Lourenço)
162. E minha madrinha também, mas ella ia disfarçando¬_, ou talvez não percebesse; porém havia em a visinhança pessoas mais espertas ou mais curiosas que tinham observado e percebido. [g_004_s_1926] (Marianna)
163. ?E minha madrinha também, mas ella ia disfarçando, ou talvez não _ percebesse; porém havia em a visinhança pessoas mais espertas ou mais curiosas que tinham observado e percebido. [g_004_s_1926] (Marianna)

164. ?E minha madrinha também, mas ella ia disfarçando, ou talvez não percebesse; porém havia em a visinhança pessoas mais espertas ou mais curiosas que _ tinham observado e percebido. [g_004_s_1926] (Marianna)

165. Vamos de vagar, que estas queixas, as mais de as vezes, são obra de inveja e de maldade , serão_; [g_004_s_1981] (Camões)

166. Dona Antónia! não, lorpa; é para _ entregar a a senhora Marianna. [g_004_s_2250] (O Desconhecido)

167. Pois então não lhe_ pego. [g_004_s_2253] (Gregório)

168. parece me que _ vejo lá em cima. é elle certamente. [g_004_s_2489] (Lourenço)

169. Mas, por que os seus feytos ñõ foron muyto assiinados pera contar_ ~e esta estoria, poren tornaremos a contar de Hercolles que foy o hom~e que mais feytos assiinados fez em Spanha ~e aquella sazõ, ho h~uu por conquistar as terras e o al em poboandoas. (92243, Cr. Geral de Esp.)

170. [& depois que elle fallou, & espaçou hum pouco cõ algũs fidalgos, que hi estauaõ, apartoufe pello Paço fõ a cuidar que hauia de fer do Reyno, & q' allĩ ficaua deserto,] quem auia de _ defender de algũs, fe contra el le quizeffem vir, mormente que fe dizia, que ElReu de Castella prendera o Iffante Dom Iohaõ, & o Conde Dom Affonfo feu irmão, como foubera, que ElRey Dom Fernando era morto, & q' juntaua gentes para entrar pode rofamente no Reyno. (159211, Cr. de D. João I, versão ISWOC)

171. [Allĩ que ElRey Dom Fernãdo bẽ entendia o que era, mas nenhũa coufa daua a entender, receando nouamente descobrir cõ duuida aquello, que a pubrica voz, & fama muito tẽpo hauia que affirma ua,] & quãdo a Raynha leuou sua filha a Eluas por lhe fazer vodas cõ ELRey de Castella, & fe ElRey D. Fernando mandou trazer_ de Saluaterra para Almada, cuidou de o matar por esta guifa. (158684, Cr. de D. João I, versão ISWOC)

172. E quamdo pedirom pousadas pera elle, mamdou ella correger muy b~e h~ua camara nos Paaços omde pousaca, dizendo que queria que pousasse com ella; e reço-beo_ mui bem (Crónica de D. João I, pag. 5)

173. COMO ALGU~US HORDENAROM DE O COMDE SER MORTO, E POR QUALL AAZO SSE NOM _ FEZ. (Crónica de D. João I, pag. 6)

174. COMO ELREI MAMDAVA MATAR O COMDE JOHAM FERNAMDEZ, E PORQUE SSE LEIXOU DE _ FAZER. (Crónica de D. João I, pag. 7)
175. E corregemdosse pera ello com grãde aguça, mamdoulhe o Meestre dizer que çessasse do que lhe dissera, ca sse nom podia por emtom fazer_. (Crónica de D. João I, pag. 11)
176. braadamdo ataa casa dAlvoro Paaez, dizemdo altas vozes, que acorressem ao Mestre dAvis que _ matavom. (Crónica de D. João I, pag. 17)
177. Acorree ao Meestre que _ matam! (Crónica de D. João I, pag. 24)
178. Acorramos ao Meestre, amigos, acorramos ao Meestre que _ matam sem por que. (Crónica de D. João I, pag. 25)
179. Os de cima que voontade ão tiinham de lhe fazer mall nem nojo, era lhe muito grave de fazer_; (Crónica de D. João I, pag. 29)
180. FSP941002-089: Empregada—Posso levar_ pra mim?
181. FSP950226-168: Levo_ na ligeira, se acontecer, ótimo».
182. E033-PT-148: Se ela ão _ trouxesse, aqueles redemoinhos vinham, passavam por nós e a gente via-se atrapalhada com semelhante fumaceira.
183. E047-PT-110: Entregávamos a senha ali ao homem do carro de bois e ele ia buscar_ à estação a Campanhã ou ao Porto, e trazia para aqui, de carros de bois.
184. E047-PT-110: Entregávamos a senha ali ao homem do carro de bois e ele ia buscar à estação a Campanhã ou ao Porto, e trazia_ para aqui, de carros de bois.
185. ?E101-PT-80: Traziam_ aos volumes grandes?
186. E135-BR-1070: [Nem foi falado que eu estava lá no Fórum, ele foi numa quinta-feira, a festa ia ser na sexta e eu liguei para a padaria e consegui o pãozinho ainda. Liguei... e a minha esposa que fez com o carrinho, saiu mais uns 100 da reserva, mais 50, foram 300 lanches. Então, tem essa vantagem.] Ela falou:«Olha, se você ão me_ traz, eu ia passar vergonha. “
187. E154-BR-619: E aí aqui um evento como esse tem que crescer pra isso, a gente está aqui conversando, trazendo quem já trabalhava no movimento ambientalista, agora é hora de trazer_.

188. ?E156-BR-801: Ela é de uma tribo da Paraguai, veio morar no Brasil com o tio, o pai, é uma história meio confusa, e que está trazendo_ não só, não é preocupação, ela está resgatando a própria história.
189. E158-BR-895: Eu sei mais ou menos a localidade, mas não sei dar o endereço assim, mais ou menos a localidade, então o rapaz telefonou pro dono lá, ele vai trazer_.
190. E158-BR-1058: Aí, como o dia 10 o rapaz não aparece em casa pra _ trazer, pra mim depositar pra ela.
191. E158-BR-1058: Aí, como o dia 10 o rapaz não aparece em casa pra trazer, pra mim depositar_ pra ela.
192. E165-BR-231: Algumas multinacionais já estavam começando a trazer_ para o Brasil, mas esta empresa tinha o material menor, era bem mais simples.
193. E167-BR-1277: «Cadê a nota? “ «Não _ trouxe.
194. E167-BR-1370: Ele foi para a Itália, viu_ e trouxe.
195. E167-BR-1370: Ele foi para a Itália, viu e trouxe_.
196. E167-BR-1541: «Filho, você vai, compra aquela boneca lá na Sears para trazer_ para ela.”
197. E172-BR-177: Aí trazia_ bastante queimada, aí dava dinheiro.
198. E172-BR-1348: Aí quando o carrinho está cheio, aí traz_ pra cooperativa.
199. E176-BR-461: Porque simplesmente o desenvolvimento não _ vai trazer...
200. E182-BR-828: Mas como nesse um ano eu ia pra São Paulo, eu ia lá pra Oriente, pra lá, mas eu continuava trazendo roupas pra vender_, mas aí foi melhorando, menina eu já vestia tudo, continuava trazendo.
201. E182-BR-828: Mas como nesse um ano eu ia pra São Paulo, eu ia lá pra Oriente, pra lá, mas eu continuava trazendo roupas pra vender, mas aí foi melhorando, menina eu já vestia tudo, continuava trazendo_.
202. E182-BR-1463: De noite eu pegava carbono, pegava papel, abria_, tirava os desenhos, aqueles que eu gostava, depois eu vinha e trazia e preparava.
203. E182-BR-1463: De noite eu pegava carbono, pegava papel, abria, tirava os desenhos, aqueles que eu gostava, depois eu vinha e trazia_ e preparava.

204. E182-BR-1463: De noite eu pegava carbono, pegava papel, abria, tirava os desenhos, aqueles que eu gostava, depois eu vinha e trazia e preparava_.
205. E183-BR-183: [umas era porque é casada, tem filho, tinha que ir cedo pra casa, né? Outras porque não gostava mesmo achava que só tinha muito homem na ADC. Então foi difícil você trazer.] Mas nós conseguimos trazer_, né, dentro, da ADC, fazendo esses jogos, fazendo tudo.
206. E189-BR-270: Eu fiquei horrorizada com aquilo e assim, trazia_ pra mim, porque eu não tinha experiência de fazer uma luta.
207. E203-BR-433: Daí você em cima, como eles tão se propondo a trabalhar cooperadamente, você começa a trazer_; você não vai comprar o produto pra resolver o problema de uma empresa específica, mas você vai trazer esse produto pro conjunto.
208. E202-BR-866: Só que esse preço de você botar horta lá a 100 quilômetros e vai custar para trazer_ aqui, que é o custo do cara que produz, não é custo nosso, social, é o cara que tem que se virar, é problema comercial dele.
209. E202-BR-866: Só que esse preço de você botar horta lá a 100 quilômetros e vai custar para trazer aqui, que é o custo do cara que _ produz, não é custo nosso, social, é o cara que tem que se virar, é problema comercial dele.
210. E007-PT-188: Nessa altura, há aqui um movimento muito grande de gente e as pessoas aproveitam-se para levar_ mais caro, mas isso não resolve o problema de um ano.
211. E045-PT-117: Felizmente que a água não chegou até lá acima, mas tive que limpar aquela área e até carreguei camiões e levei_ para casa.
212. E048-PT-511: Os negociantes só vinham saber de contrabando para levar_.
213. E101-PT-87: Ai ligavam, aquilo, levavam_ para casa deles.
214. ?E104-PT-53: Ou eu mando_ de vez em quando; algum cliente mais perto, eu mando lá levar.
215. ?E104-PT-53: Ou eu mando de vez em quando; algum cliente mais perto, eu mando lá levar_.
216. E107-PT-293: Eram barcos de passageiros mesmo, havia muitos que _ traziam para baixo e levavam para cima, por exemplo, mais tarde fizeram umas lanchas, era a Foz de Sousa, mais conhecida pela nome de Badalhoca.

217. ?E107-PT-293: Eram barcos de passageiros mesmo, havia muitos que traziam para baixo e _ levavam para cima, por exemplo, mais tarde fizeram umas lanchas, era a Foz de Sousa, mais conhecida pela nome de Badalhoca.

218. E111-BR-596: Antes dessa hora que eu saí, prá procurar o motorista, então ela deu uma crise, né, parou mesmo, parou a respiração, parou tudo, né, e elas tentaram e quando reanimaram ela de novo eu levei_ prá Miracema, chegamos lá umas cinco e meia e ela só gritando com a dor na cabeça, que era uma dor de cabeça que ela mesma falava, só fazia gritar, aquele gritão.

219. E116-BR-95: Ir para a rua, catar o material, levar_ para os pontos de referência, o caminhão vinha pegava, levava para o barracão.

220. E116-BR-95: Ir para a rua, catar o material, levar para os pontos de referência, o caminhão vinha pegava_, levava para o barracão.

221. E116-BR-95: Ir para a rua, catar o material, levar para os pontos de referência, o caminhão vinha pegava, levava_ para o barracão.

222. E120-BR-86: -- O dia-a-dia é o corre-corre, cada um pega seu carrinho hoje nós temos carrinho, sai, cata o lixo na rua, trás pro galpão nós temos um galpão ainda precário de estrutura, o estado físico do galpão é muito precário ainda, e o pessoal cata_, colhe, leva pro galpão e faz a seleção.

223. E120-BR-86: -- O dia-a-dia é o corre-corre, cada um pega seu carrinho hoje nós temos carrinho, sai, cata o lixo na rua, trás pro galpão nós temos um galpão ainda precário de estrutura, o estado físico do galpão é muito precário ainda, e o pessoal cata, colhe, leva_ pro galpão e faz a seleção.

224. ?E123-BR-192: Que tomavam muita chuva, tinham muito problema e aí não podia ficar no aterro e Deus já _ levou há dois anos atrás.

225. E133-BR-559: Eu estava passando perto da escola onde eu estudava no (trecho inaudível) e uma diretora pegou a gente e levou_.

226. E136-BR-716: E ela resolveu ser gentil de tarde, foi, pegou a Parati e levou_ para a barranca do rio para deixar lá para quando eu chegasse de barco ter o carro para subir para a minha casa.

227. E136-BR-716: E ela resolveu ser gentil de tarde, foi, pegou a Parati e levou para a barranca do rio para deixar_ lá para quando eu chegasse de barco ter o carro para subir para a minha casa.
228. E138-BR-408: Mandou, mandou matar, ainda queria tirar pena, se fosse pra outras coisas, pra levar_ vivo eu levaria, mas morto não.
229. ?E138-BR-408: Mandou, mandou matar, ainda queria tirar pena, se fosse pra outras coisas, pra levar vivo eu levaria_, mas morto não.
230. ?E145-BR-380: Palestra, hoje em dia está de 15 em 15 dias a gente tem uma palestra na SOS, mas antes era semanal, toda quinta-feira uma palestra, o Belô sempre cobrando presença dos voluntários nas palestras, porque diversos assuntos que _ leva ali voltados a ambiental, ou interligados a área ambiental.
231. E146-BR-27: Hoje a gente tem que pegar o filho levar_ na porta da escola e pegar, porque é complicado, mas naquela época não, nós íamos sozinhos.
232. E146-BR-27: Hoje a gente tem que pegar o filho levar na porta da escola e pegar_, porque é complicado, mas naquela época não, nós íamos sozinhos.
233. ?E147-BR-53: -- Ah, naquelas lixeiras do exército, naquele tempo da ditadura, o catador de papel, quando encostava, eles escalavam_ com fuzil, muitas vezes levavam lá pra dentro, né?
234. E147-BR-53: -- Ah, naquelas lixeiras do exército, naquele tempo da ditadura, o catador de papel, quando encostava, eles escalavam com fuzil, muitas vezes levavam_ lá pra dentro, né?
235. E158-BR-275: -- O senhor catava lata e catava vidro e levava_ pra vender aonde?
236. ?E158-BR-275: -- O senhor catava lata e catava vidro e levava pra vender_ aonde?
237. ?E164-BR-99: Levo_ em um carrinho e vou ajuntando, ajunta papelão lá no meio, e pego quando vou pensar, quando pensa que não, o carrinho está bem grande.
238. ?E164-BR-99: Levo em um carrinho e vou ajuntando, ajunta papelão lá no meio, e pego_ quando vou pensar, quando pensa que não, o carrinho está bem grande.
239. E165-BR-741: Pega o curriculum, leva_ para cá, para lá.”
240. ?E167-BR-531: Levamos_ para eles, eles aprovaram e nós tocamos em linha.

241. E172-BR-1688: E às vezes não dá nem pra levar_, porque eles mesmo pega, e troca lá por merenda, lá na rua mesmo, lá pertinho, coisa de menino mesmo.
242. E172-BR-1688: E às vezes não dá nem pra levar, porque eles mesmo _ pega, e troca lá por merenda, lá na rua mesmo, lá pertinho, coisa de menino mesmo.
243. E172-BR-1688: E às vezes não dá nem pra levar, porque eles mesmo pega, e troca_ lá por merenda, lá na rua mesmo, lá pertinho, coisa de menino mesmo.
244. E173-BR-438: Às vezes coincidia de eu e a minha irmã dar aula em horário diferente e ele me levava e pegava a minha irmã para levar_.
245. E173-BR-1057: E às vezes eles saiam na rua e às vezes a gente ia lá com a viatura e eles viam alguém jogando uma coisa na rua, até eles próprios comentavam, iam lá e levavam_ para a coleta seletiva.
246. E178-BR-52: Levei_ para dentro do cerrado, chamei todos os catadores.
247. E188-BR-960: Então, o que eu tenho que fazer é ter boas idéias com o meu time, meus parceiros, levar_ nos Estados Unidos e tentar oferecer pra vários tipos de doadores.
248. E195-BR-739: Tem uma represa que ainda está meio em construção e está levando_, tem muito tempo para ser construída.
249. E200-BR-225: Levamos_ no marceneiro, o marceneiro restaurou a cadeira.
250. E213-BR-144: E era briga na justiça, que eu não podia adotar porque eu era catadora e ela para _ levar para a FEBEM Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor e eu não deixava porque as crianças já estavam abrigadas ali e não tinha para onde levar.
251. E213-BR-144: E era briga na justiça, que eu não podia adotar porque eu era catadora e ela para levar para a FEBEM Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor e eu não deixava porque as crianças já estavam abrigadas ali e não tinha para onde levar_.
252. então, você sai da fazenda para ficar supervisionando_, essas coisas assim que absolutamente não te afectam muito...
253. —antes de, de, de, de amassar o pão, tira-se outra vez o crescentezinho, do fermento que se fez à noite—para ficar_ para a outra..
254. mas o meu pai nunca fazia assim grandes porção de centeio que chegasse a debulhar para fazer centeio para mandar_ moer.

255. ou de manhã, de Inverno pode-se fazer_ de manhã para servir_ à noite.
256. depois para desenformar_ mete-se a forma dentro de água a ferver, isso é a técnica de todos os pudins, não é, -- hum.
257. se o homem também se mentalizar que todos os dias tem que pôr um cremezinho na cara para amaciar, é uma questão de, de há..., de um hábito adquirido—hum, hum.
258. “ ou garoto, ou garoto, ia, sabe, já estava tudo programado para ligar_.
259. para separar_ ali vai ser uma briga.
260. então, acho que desde o momento que ela fez isso, não tomou assim nem uma, assim, não teve consideração nenhuma comigo, não é, porque ela para fazer_, tinha que falar comigo.
261. ?até meu irmão faz, minha cunhada faz, as criança dele faz, já estão falando super dez, canta as músicas, já dá para acompanhar.
262. ?o que você deu assim bem explicadinho, adoro, dá para acompanhar aquela lá.
263. ?e há então a perdiz e há a codorniz que a gente apanha com facilidade e às vezes agachadas; há outros bichos mas isso não são bichos de caça, por exemplo, uma cobra, um lagarto, um rato, isso é tudo animais do campo que se pode utilizar, não para comer_, para, para se matar para não, não des..., não desdenharem por exemplo os ninhos dos outros animais que podem prejudicar, por exemplo, a morte a qualquer pessoa.
264. ?o elemento feminino para equilibrar_, como se diz então.
265. tem problema não, posso gastar, porque tem lá para ga..., para apanhar_ e gastar de novo.
266. —é uma lia..., tratam de linhaça, que é a semente, que até é muito, diz que é muito bom para deitar_ em vistas quando, quando está inflamado e que no tempo a gente deitava, na nossa casa deitava-se, se tinha alguma coisa dentro aquilo no out..., a gente deitava um grãozinho daquilo e aquilo limpava a vista, tirava tudo para fora.
267. ?coisa assim que é corriqueira mas que também não é certo, não é, por exemplo, acidente de trabalho, essas coisas mas eu não sei de nenhum caso assim para contar.
268. ?não há dúvida que manteve-se ali fiel ao, ao lar, lutando sempre com a pena para fazer sobreviver ao lar, porque não havia outro rendimento que não fosse a pena dele .

269. Outras vezes juntavamo-nos na praia para nadar melhor do que os outros e deixar o sol queimar quem mais _ merecesse. (AlmNeg11)
270. Ele não _ faria se não fosse absolutamente essencial. (AnnHol11)
271. Mas você poderia ter_ feito? (AnnHol11)
272. Provavelmente eu consegui_ria se o snowmobile aguentasse. (AnnHol11)
273. É claro que eu _ devia ter reparado, mas quem iria... (AnnHol21)
274. E conseguiu_? (AnnHol21)
275. Está a ver_? (AnnHol61)
276. Você foi o primeiro a dizer_. (AnnHol61)
277. Mas deixaram escapar isto - disse Warren, curvando-se novamente sobre a placa retirada da entrada da conduta de ventilação. -Ainda não sabemos se _ deixaram. (AnnHol61)
278. Uma informação que, dali em diante, ele usaria sempre que _ achasse necessário, como cartão de visita, toda vez que me levava para a selva. (BerCar11)
279. Decerto não _ caso; morro, e morro contente, mas não _ caso. (CamCB11)
280. E, se _disse, deixá-la dizer. (CamCB11)
281. E, se disse, deixá-la dizer_. (CamCB11)
282. Não _ julgo, não. (CamCB21)
283. Queres transigir com o silêncio do dominó; mas não _ podes. (CamCB21)
284. Eu te_ digo... (CamCB21)
285. A meio do IV acto—quando a senhora Sørbye aparece em casa dos Ekdal para proclamar que se vai casar com o industrial Werle, e onde se encontra também o Dr. Relling, hóspede dos Ekdal - começou a ler (ele mesmo, em vez de pedir_ a um dos seus alunos; ainda que às vezes o fizesse para manter as aparências, preferiu fazê-lo ele mesmo): (DagSol11)
286. Pra mim, foi só o tempo de _ sentar, balançar o bote um minuto e rumar pro quarto. (DomPel11)
287. Nunca tinha entrado no mar na minha vida, nem _ entrei. (DomPel11)

288. Pra falar a verdade, nem sei onde _ deitei, acordei no outro dia às quatro da tarde, num alojamento com o chão alagado de vômito. (DomPel11)
289. Diga_ a seu Balbino, que ele lhe pode mandar um do Igarapé-assú. (FerCas21)
290. Não quis acreditar _ . (FerCas21)
291. Vá-se deitar, ande, que bem _ precisa! (FerCas21)
292. E, disse, chorei: hoje, relembrando_, ainda choro. (FerPes11)
293. A vida inteira me passa em fração de segundo, dá para ver_ feito cinema. (FraAze11)
294. Posso acreditar_?! (FraAze11)

Anexo B Frases com ONs conhecidos anteriormente

Como mencionado na tese, as definições de ON variam bastante. Estas frases são ONs conforme o autor do texto donde são levadas. O vazio, _, foi às vezes mudado para o seu lugar correto na frase (por exemplo, Cyrino põe-o sempre depois do verbo, independente de negações e outras palavras que licenciam a próclise).

Raposo (1986):

A Joana viu _ na TV ontem.

Mandei arrumar _ ao Manel.

O Manuel guardou _ no cofre da sala de jantar.

Eu disse ao António que pedise [sic] ao Manel que guardasse _ no cofre da sala de jantar.

O rapaz trouxe _ agora mesmo da pastelaria.

Eu sei em que cofre o Manel guardou _.

Vi _ na TV sem reconhecer.

Arrumei _ na estante sem sequer ler.

A Maria encontrou _ no cinema.

Luraghi (2004):

Você viu o filme “E tudo o vento levou”? Sim, vi _.

Ese livro nunca _ ofreci ao João. (sic)

Cyrino (1997):

Inferno, isso é: se de Dante, não sei, porque não _ conheço. (A. Azevedo, O Tribofe, pag. 83)

Vou pegar _ para você.

Segura _ aqui!

Todo mundo diz que Maria beijou Pedro depois do baile. Mas ele insiste que ninguém _ beijou.

A Julia sempre chora quando _ ponho no berço.

João acha que Pedro ajudou_ a fazer o exercício.

Comprei o casaco sem exprimentar_.

Que Maria guarde seu anel na gaveta é compreensível, mas que Joana _ guarde no açucareiro, realmente surpreende-me.

-O homem colocou o armário? João disse que _ colocou ontem.

Este remédio deixa_ tonto.

Com relação ao jornal, Maria perdeu_ no ônibus.

João arquivou o artigo sem ler_.

João comprou o jornal e Maria leu_.

Onde está o jornal? Maria perdeu_.

A Maria pôs_ na primeira prateleira da estante.

O João colocou os livros na estante e a Maria não _ pôs na estante.

O homem que deu seu salário à esposa foi mais esperto do que o homem que _ deu à amante.

... porque muita gente já chegou à conclusão, por exemplo, comprar um bibelot pode não estar dentro do gosto da pessoa a quem vão oferecer_ (exemplo em Duarte, 1991)

João empresta seu carro ao filho e depois fica preocupado; mas Pedro fica preocupado quando _ empresta à esposa!

Que Maria guarde seu anel na gaveta não me surpreende, mas que Joana _ guarde no açucareiro realmente me espanta!

João guardou seu dinheiro no armário e partiu para o Brasil; mas Pedro só partiu para o Brasil depois de ter guardado_ no cofre.

Dá ó demo as azevias: não _ compres já m'enfastias. (Gil Vicente, Auto da Índia, pag. 103)

Todo este mundo é fadiga, vós dissestes, filha amiga, que vos _ buscássemos logo. (Gil Vicente, Farsa de Inês Pereira, pag. 239)

Ninguém venda a liberdade / Pois não _ póde resgatar. (Camões, El-Rei Seleuco, pag. 29)

João descascou a banana, mas Pedro não _ comeu.

A FEBEM é um dos elos dessa corrente que cria o menor infrator; não é ela o único responsável, o único elo que _ cria, e como tal ela não _ consegue recuperar. (ex. de Duarte (1986) pag. 13)

-Está faltando um copo dos novos... –Se está faltando, é porque você quebrou_ (M. Rebelo, Rua Alegre 12, pag. 18)

Eu sonho com Paria há tanto tempo que prá mim, é como se eu já _ tivesse conhecido. (Falabella, No coração do Brasil, pag. 52)

Vou lá em cima buscar “A Vida Doméstica” para dona Maricota, que ela me _ pediu. (M. Rebelo, Rua Alegre 12, pag. 10)

João espera ganhar seu carro no Natal, mas Pedro vai comprar _ antes.

Sempre tive minha voz colocada, meu Deus do céu... Preciso gritar para que _ entendam... (Guarnieri, Um grito parada no ar, pag. 17)

Vamos trabalhar.. E quem não quiser é bom avisar _ já... (ibid., pag. 24)

“Amostra _ , que quero lê-lo.” (Camões, pag. 28)

Me está dizendo – Comei-me! / Só vós me dizeis – Não _ coma. (G. de Matos, pag. 261)

“Deite a língua fora.” “Ei-la aqui.” “Deite _ mais, mais.” (A. José, pag. 28)

“-Pega _ !” (A. Azevedo, pag. 118)

“-Atende _ aí, sim?” (M. Rebelo, pag. 20)

“Ei-la aqui bem temperada, não tendes que _ temperar.” (G. Vicente, pag. 247)

Lhe fecha a porta. / Mas isso enfim que lhe importa, / Se ao fechar _ , o põe na rua. (G. de Matos, pag. 40)

tem uma quinta tão grande, que é necessário 24 horas para se correr _ toda. (A. José, pag. 186)

“Uma agência me indicou um sobrado na Praia Ferosa, por cima de um açougue, mas o dono não quis alugá _ .” (A. Azevedo, pag. 79)

“Vou lá em cima buscar a “Vida Doméstica” para dona Maricota, que ela me _ pediu.” (M. Rebelo, pag. 19)

Ninguém venda a liberdade / Pois não _ póde resgatar” (Camões, pag. 29)

Que logo ao prometer _ me propusestes / Condições que observei como quisestes (G. de Matos, pag. 231)

Sabendo merecer prêmios / Não precisam suplicar _ (C. Barbosa, pag. 45)

“-Diz um verso, Juca” “-Deixe-o. Dirá _ quando chegar à casa.” (A. Azevedo, pag. 46)

“-Está faltando um copo dos novos, Dona Lurdes.” “-Se está faltando, é porque você _ quebrou.” (M. Rebelo, pag. 18)

“tomaste como ante/por marcante/o cossário Satanás/porque _ querees” (G. Vicente, p. 122)

Também satirizaras, se _ souberas (G. de Matos, pag. 8)

“-Para quê manda vossa mercê chamar a minhas primas tão depressa?” “-Logo _ vereis” (A. José, pag. 235)

“-Desde 1863 não sei o que se passa noa nossos teatros.” “-Parece-me que o melhor é continuar a não _ saber.” (A. Azevedo, pag. 133)

“-Tu não disse que ia tirar a letra?” “-Eu não sei se _ vou conseguir numa sessão só.” (M. Falabella, pag. 8)

Eu inda agora não creio / Que he verdade este amor / Mas praza a Deos, se assim _ for.
(Camões, pag. 166)

Na substância é sempre o mesmo, se em quantidade não _ é. (G. de Matos, pag. 264)

“viéssemos a esta casa, que dissesse era sua, e no cabo, sei que não _ é.” (A. José, pag. 236)

“Ora, quem diria que que aquele Azevedo, que eu conheci tão volúvel, tão apologista do celibato...” “-E ainda _ sou, meu amigo” (J. de Alencar, pag. 38)

“-Papai se julga muito velho.” “-E sou _ , minha filha.” (M. Rebelo, pag. 47)

E a terceira, / que _ endoudece em grã maneira” (G. Vicente, pag. 74)

“Foi que D. Tibúrcio, com a pena de se ver acometido de três mulheres, como vossa mercê _ sabe” (A. José, pag. 239)

“-Quisera que ouvísseis o que disse dele a nosso pai o capitão quando o viram passar”

“-Repete_” (M. Pena, pag. 49)

Eu acho que a Margareth _ podia tentar. (M. Falabella, pag. 9)

Cyrino (2000)

João comprou_ ontem.

Tirei o dinheiro do bolso e mostrou_ ao guarda.

João tirou o casaco depois que _ exprimentou.

Eu informei a polícia da possibilidade de o Manuel ter guardado _ no cofre da sala de jantar.

O rapaz que _ trouxe agora mesmo da pastelaria era o teu afilhado.

Que a IBM _ venda a particulares surpreende-me.

O pirata partiu para as Caraíbas depois de ter_ guardado no cuidadosamente no cofre.

Anexo C: Lista de figuras/tabelas

Anexo D: Procuras utilizadas nos corpos

PortFalDA:

[pos="V.*" & func=".*MV.*|ICL.*|FS.*" & fonte=".*Fazenda.*"]
"para" [temcagr=".*INF.*" & func="ICL.*"] – 137 resultados.

Museu do Pessoa:

[lema="trazer(\+.+)*"] – 618 resultados, 200 casos aleatórios,
[lema="levar(\+.+)*"] – 1224 resultados, 200 casos aleatórios.

CHAVE:

Primeiro: "[pos="PERS" & lema="eu"] [lema="trazer"] within s"

Segundo: [lema="trazer(\+.+)*"] – 19336 res., 200 casos aleatórios, [lema="levar(\+.+)*"] – 50344 res., 200 casos aleatórios.

Tycho Brahe:

(NP-ACC **pro**), destinada a encontrar frases nominais no acusativo que consistem dum pronome não foneticamente realizado (um "pro").

ISWOC:

Para encontrar verbos com OD:

```
select L1.lemma, t1.form, t2.form, so1.title, ss1.id, s1.sentence from tokens t1
inner join tokens t2 on t1.id = t2.head_id
inner join lemmata L1 on t1.lemma_id = L1.id
inner join sentences ss1 on t1.sentence_id = ss1.id
inner join source_divisions sd1 on ss1.source_division_id = sd1.id
inner join sources so1 on sd1.source_id = so1.id
inner join sentence s1 on ss1.id = s1.unique_id
where L1.part_of_speech_tag = 'V-'
and t2.relation_tag = 'obj'
```



```
and so1.language_tag = 'por';
```

Para encontrar verbos (os verbos resultandos da procura em cima) ocorendos sem OD:

```
select L1.lemma, t1.form, so1.title, ss1.id, s1.sentence from tokens t1
inner join lemmata L1 on t1.lemma_id = L1.id
inner join sentences ss1 on t1.sentence_id = ss1.id
inner join source_divisions sd1 on ss1.source_division_id = sd1.id
inner join sources so1 on sd1.source_id = so1.id
inner join sentence s1 on ss1.id = s1.unique_id
where (L1.lemma = 'atear')
and not exists (select * from tokens t2 where t2.head_id = t1.id and t2.relation_tag = 'obj')
and so1.language_tag = 'por';
```

PANTERA

Para encontrar o pronome norueguês “det” na função de objeto direto, e assim as suas traduções ou o original donde fora traduzido:

```
[lema="det" & func="obj"]
```

Anexo E: Verbos encontrados no corpo do ISWOC

<u>Verbo</u>	<u>Resultado</u>
ac,oitar	0
abaixar	1
abrac,ar	0
abranger	0
abrir	3
acabar	24
aceitar	1
achar	25
acoimar	1
acompanhar	7
acordar	11
acrescentar	2
acudir	9
adivinhar	0
administrar	0
adorar	2
afagar	1
afastar	6
aficar	2
afirmar	10
afogar	4
afortalezar	0
agasalhar	0
agastar	1
agradecer	0
ajudar	0
ajuntar	3
alc,ar	0
alagar	1
alcanc,ar	0
alegar	0
alevantar	4
alijar	0
alimpar	0
amar	4
amoestar	1
andar	72
anojar	0
antepor	0
aparelhar	0

apertar	4
aposentar	0
aprazer	2
apregaoar	0
apremar	1
apresentar	2
aprovar	1
arrancar	2
arrastar	0
arrazoar	1
arrebentar	2
arremessar	0
arriscar	0
assacar	0
assentar	11
assessegurar	1
assinar	4
atear	0
atender	1
atormentar	4
atravessar	2
atregoar	0
atribuir	1
aventurar	1
avorrecer	1
azar	2
baptizar	4
bastar	2
bastecer	1
bater	4
beijar	0
britar	0
buscar	1
caminhar	7
carregar	4
castigar	0
causar	0
cavalgar	8
celebrar	0
cercar	5
cerrar	7
certificar	6
chamar	46
chantar	0
chegar	103
chorar	14

cobrar	3
combater	1
comec,ar	0
comer	28
cometer	4
comprar	0
comunicar	1
comutar	0
confirmar	0
conhecer	7
conquistar	1
consagrar	1
consentir	4
consolar	1
constrager	0
contar	23
contradizer	0
convidar	0
correr	15
corrigir	4
corromper	1
cortar	1
costumar	2
crer	6
crescer	8
criar	7
cuidar	40
cumprir	28
curar	10
dar	646
declarar	
defender	
degolar	
deitar	
deixar	
demandar	
demonstrar	
demover	
derribar	
desajonar	
desarmar	
desbaratear	
descingir	
descobrir	
desdenhar	
desejar	

desembargar
desenvolver
deservir
desleixar
desonrar
despedir
destruir
desvestir
desviar
deter
determinar
dever
disparar
dividir
divisar
dizer
doer
doestar
durar
duvidar
eleger
embargar
empec,ar
empecer
encaminhar
encerrar
encobrir
encomendar
encurvar
enfrear
entender
entrar
entregar
enviar
errar
escapar
escolher
esconder
escrever
escusar
esguardar
espancar
espantar
espargir
esperar
esquecer

estar
estimar
estragar
exalc,ar
exaltar
executar
fabricar
fabular
falar
fechar
ferir
ferrar
ficar
figurar
filhar
finar
fingir
fixar
forrar
fortificar
franquear
ganhar
gastar
gerar
governar
guardar
guarnecer
haver
herdar
honrar
imitar
inclinat
intitular
ir
jazer
jogar
jugar
juntar
lanc,ar
largar
lavar
lavar
legar
leixar
ler
levantar

levar
livrar
louvar
mandar
manter
matar
melhorar
mentir
merecer
meter
minguar
misturar
mostrar
mudar
multiplicar
nascer
navegar
negar
nembrar
nomear
notar
obrar
oferecer
ordenar
outorgar
ouvir
pôr
padecer
pagar
parar
parecer
parir
partir
passar
pedir
penetrar
pensar
perder
perdoar
perguntar
pesar
poder
possuir
postar
poupar
povoar

prasmar
prender
presumir
prezar
profetizar
prometer
propor
provar
prover
publicar
quebrantar
quebrar
queimar
querer
quitar
raer
recear
receber
recolher
reconter
refazer
reger
reinar
render
reparar
repartir
representar
reprimir
requerer
responder
restituir
reter
revelar
revestir
revolver
rogar
romper
roubar
saber
sair
salvar
saquear
saudar
seguir
segurar
senhorear

sentir
ser
servir
soar
socorrer
sofrer
soltar
soterrar
suportar
suspeitar
tanger
temer
ter
tirar
tomar
tornar
torvar
tosquiar
tratar
trazer
trigar
trocar
trouver
usar
valer
vedar
vencer
vender
venerar
ver
vestir
vingar
vir
visitar
viver

8